

LAURITA MARCONI SCHIAVON

**O PROJETO CRESCENDO COM A GINÁSTICA:
UMA POSSIBILIDADE NA ESCOLA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAMPINAS

2003

LAURITA MARCONI SCHIAVON

**O PROJETO CRESCENDO COM A GINÁSTICA:
UMA POSSIBILIDADE NA ESCOLA**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado, defendida por Laurita Marconi Schiavon e aprovada pela Comissão Julgadora em 04 de julho de 2003, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Vilma Lení Nista-Piccolo

**CAMPINAS
2003**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA - FEF
UNICAMP**

Sch31p	Schiavon, Laurita Marconi O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola / Laurita Marconi Schiavon. – Campinas: [s.n], 2003. Orientador: Vilma Leni Nista-Piccolo Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1. Ginástica olímpica. 2. Ginástica rítmica. 3. Educação Física escolar. I. Nista-Piccolo, Vilma Leni. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.
--------	--

Dedico este trabalho aos meus pais, Jurandir e Sônia, que me ofereceram todas as oportunidades necessárias para que eu chegasse até aqui, e estiveram presentes em toda a caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento muito especial à minha amiga orientadora, Vilma, com a qual pude caminhar muitos anos e pretendo estar ao seu lado por muitos ainda. Muito obrigada pelos ensinamentos, pela paciência, pela doçura, pelos “empurrões”, enfim, pelo prazer e dedicação com que orienta. Foi um prazer concluir esse trabalho ao seu lado!

À minha família (Mãe, Pai, Jé, Cá e Júlio), por sempre ter me apoiado nos meus planos mais malucos e estar sempre muito perto não só em todos os momentos desse trabalho, como em toda a minha vida.

Ao Gustavo, pelo apoio sempre, pela cumplicidade, pela paciência nos momentos de ausência e dedicação à essa pesquisa, pela criticidade, pelo amor. Sou muito feliz!

Aos professores que participaram dessa pesquisa e se disponibilizaram para tal: Jaqueline, Lucimara, Decimara, Tatiana, Beth, José Roberto, Vera, Márcia, Dominique, Carlos, Elcio e Isabel. Espero ter feito algo que os auxilie.

Aos professores da Imaginação, meu “laboratório pedagógico”: Cristiane, Gláucia, Lucila, Andréa (obrigada pelas fotos e pelas aulas), Mari, Rafaela (obrigada pelas aulas), Bráulio, Fernanda, Fábio, Nina, Cíntia, Flávia, Mallet, Carol, Ana, Chico, Isabel, Faísca e a todos os nossos estagiários.

Aos professores da LPI (Luisa Parente/Imaginação): Carla (obrigada pelas fotos), Carol, Renata, Fabíola, Liliane, Bianca, Ilana, Ana Teresa, Cíntia, Carlão e a todos os nossos estagiários.

Aos meus amigos do mestrado: Cris, Licca, Miro, Paulinho Marinho, Wilton, Hermes, Ciro, Patrícia Mano, Fernanda, Maurício Galdino, Roberto Alegria, Suzana e aos Prof. Roberto Paes e Elizabeth Paoliello. Apreendi muito nas nossas discussões acadêmicas e muito mais como amigos.

Ao Bruno Buys, amigo para todas as horas.

Em especial: à Malú, ao Ikê e à Giovana, pessoas que me apresentaram a Ginástica e com os quais convivi e troquei muito durante todos os meus 20 anos nessa modalidade.

À Luisa Parente, grande amiga-irmã, com a qual tenho o prazer de trabalhar e conviver.

A Deus, por ter me dado a oportunidade de estar aqui, com todas essas pessoas que muito representam para mim. Agradeço todos os dias pelas nossas vidas.

RESUMO

Este estudo tem como prioridade apontar alternativas para as dificuldades do desenvolvimento das modalidades de Ginástica Artística (G.A.) e Ginástica Rítmica (G.R.) nas aulas de Educação Física, auxiliando diretamente os profissionais atuantes nas escolas.

Para conhecer as reais dificuldades encontradas pelos professores na aplicação dessas modalidades, foi realizada uma pesquisa de campo nas aulas de Educação Física, iniciada com um curso para os professores da rede de ensino de Campinas e região. Este curso visou oferecer subsídios e despertar o interesse em desenvolver a GA e a GR na escola. Todas as técnicas desenvolvidas nessa pesquisa de campo (questionários, avaliações, assessoria pedagógica, observações e entrevistas) somadas às múltiplas formas de contato mantidas com os professores serviram para conhecer os obstáculos que podem impedir a aplicação dessas modalidades na escola. A partir de uma análise qualitativa dos problemas levantados na pesquisa, buscou-se atingir a sua essência, seguindo uma trajetória de três momentos: - a descrição de todos os dados, - a redução dos mesmos encontrada nas possíveis convergências, e - a interpretação de três grandes categorias à luz da teoria que sustenta esse trabalho: infra-estrutura, espaço e materiais; método e estratégias de ensino; e os conteúdos de Ginástica Artística e de Ginástica Rítmica voltados ao âmbito escolar.

Ao compreender tais dificuldades como realidades, foi possível discutir cada uma delas e oferecer alternativas viáveis para as aulas de GA e GR no ambiente escolar.

Além de buscar respostas em livros, as soluções vieram também das próprias aulas de GA e GR, nas experiências vividas no projeto “Crescendo com a Ginástica”, um projeto de extensão, pesquisa e ensino, desenvolvido durante dez anos na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, com as devidas adaptações para o contexto escolar.

Palavras chave: Ginástica Artística; Ginástica Rítmica; Educação Física escolar

ABSTRACT

This study aims to offer directly workable alternatives for usual problems in the development of Artistic Gymnastics (A.G) and Rythmic Gymnastics (R.G.) during physical education classes to the teachers who have been working for schools.

In order to find out the daily difficulties of teachers in working with these modalities, a field research was carried out, at the physical education classes in schools within Campinas region. The field research began with a workshop for teachers from Campinas public educational system. That workshop was devoted to raise the interest and pave the way for a more consistent development of the A.G. and R.G. modalities among school teachers. All techniques employed in this field study (forms, interviews, observations, assessments), added to the various forms of contact with practising teachers, were used to assess the real and daily obstructions that could prevent from implementing these modalities in school. Through a qualitative analysis of the problems found in the field, the work then tried to reach their essence, following a three-step way: - the initial description of all gathered data, - some possible common traits and – the interpretation of three big categories under the guidance of the theory that supports this work, which are: infra-structure, space and equipment; approach and educational strategies; and R.G. and A.G. contents and matters concerning school contexts and circumstances.

By understanding these problems as real problems, and considering each one separately, it was possible to offer reasonable alternatives for A.G. and R.G. classes in school. More than searching for answers in the literature, the solutions arised from the many classes of the “Crescendo com a Ginástica” (“Growing through Gymnastics”), a ten-year research and educational project developed by the School of Physical Education of the State University of Campinas (Unicamp), adapted to school education system.

Key words: Artistic Gymnastic; Rythmic Gymnastic; Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01 – Ação motora de “Girar no eixo longitudinal”

Fig.2 – Aula de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica realizada durante a pesquisa de campo em escola municipal

Fig. 3 – Aula de Ginástica Artística realizada durante a pesquisa de campo em escola municipal

Fig. 4 – Aula de Ginástica Rítmica realizada durante a pesquisa de campo em escola municipal

Fig. 5 – Foto de um plinto

Fig. 6 – Desenho de uma gaveta do plinto com suas medidas (em centímetros), em dois planos de visão (externo e interno).

Fig. 7 – Foto de uma criança executando um rolamento sobre uma gaveta de plinto colocada em plano inclinado.

Fig 8 - Foto de uma criança aprendendo a executar uma Estrela sobre a tampa do plinto (gaveta superior).

Fig. 9 – Foto de uma Trave de Equilíbrio adaptada

Fig. 10 - Foto de uma Trave de equilíbrio montada com inclinação, possibilitando duas alturas

Fig. 11 – Foto da Trave desmontada

Fig. 12 – Foto da Barra montada na altura superior.

Fig. 13 - Foto da Barra montada na altura inferior

Fig. 14 – Foto da Barra desmontada.

Fig. 15 – Foto do mini-trampolim feito de pneu envolvido por câmaras de pneu

Fig. 16 – Foto do trampolim com molas de amortecedores de motocicletas.

Fig. 17 - União das pontas do Arco com pedaço de madeira.

Fig. 18 – Foto de uma criança mostrando como medir o tamanho ideal de uma corda

Fig. 19 – Foto de um ilhós em uma Fita e um girador preso no ilhós

Fig. 20 – Foto de um Pitão no cabo de matar moscas

Fig. 21 – Foto de um Fita completa com ênfase nos encaixes

Fig. 22 – Foto de um circuito de materiais montado de forma padronizada.

Fig 23 – Foto de um circuito de materiais montado de forma alternativa.

SUMÁRIO

Introdução	1
A Ginástica na escola	7
A realidade da Ginástica na escola	12
Projeto Crescendo com a Ginástica: a extensão, o ensino e a pesquisa	19
PCG como um projeto de extensão	19
PCG como projeto de ensino	42
PCG como projeto de pesquisa	45
O caminhar metodológico	47
Levantamento de dados	48
Redução dos dados	64
Interpretação dos dados	68
Infra-estrutura, espaço e materiais	69
Método e estratégias de ensino	98
Conteúdos da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica	108
Refletindo sobre as alternativas propostas	145
Referências bibliográficas	150
Apêndice	154
Anexos	159

INTRODUÇÃO

... o inacabamento que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos.
(FREIRE, 1996, p.66)

Este estudo parece ter se iniciado já na minha infância. Os muitos anos de vida dedicados diariamente à prática da Ginástica Artística foram sempre permeados de enorme prazer. As muitas repetições dos exercícios em fase de aprendizagem, executados nas intensas horas de dedicação ao treinamento, exigiam uma grande paixão pela modalidade para persistir até o final da caminhada e encontrar o objetivo traçado: a realização de um novo movimento. Esta mesma paixão trouxe-me à Universidade na intenção de continuar vivenciando essa modalidade por mais uma etapa de minha vida. A escolha da minha profissão aconteceu assim, como quem escolhe a pessoa amada, envolvida pelo seu encanto, pela sua magia.

Cursar a graduação em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas trouxe para mim muitos questionamentos e muitas reflexões sobre a prática da Ginástica. Com o aprofundamento dessas questões, deparei-me frente aos diferentes caminhos que a Ginástica possibilita. Mas, por ter vivenciado o treinamento de Ginástica Artística parecia que minha atuação profissional já estava definida, pois já trabalhava como técnica das categorias de base do Clube Campineiro de Regatas e Natação, em Campinas/ SP, local em que pratiquei a modalidade. Tinha clareza da necessidade de continuar meus estudos de maneira mais profunda para avançar em meu trabalho. Era preciso buscar nas teorias o confronto ou a solidificação das questões vividas na prática.

De acordo com Sérgio (1978, p.15), “a prática sem teoria é cega – para pouco serve; a teoria sem prática, definha no idealismo mais con-cêntrico – para nada serve”. Partindo dessa premissa, minhas experiências práticas ficariam ocas, sem sentido, se não fossem apoiadas em um embasamento teórico.

Da mesma forma que o mais importante era possibilitar um desenvolvimento prático dos estudos, sabia que para conhecer mais sobre a realidade era preciso estar inserida nela. Após a graduação, vivenciei o mercado de trabalho com suas diferentes realidades em clubes, escolas, academias, na produção de eventos em Campinas, e, durante três anos, no Rio de Janeiro. Após cinco anos graduada ingressei no curso de Mestrado, buscando refletir sobre as questões vividas no desenvolvimento da Ginástica Artística (GA) e da Ginástica Rítmica (GR). Assim, busquei aprofundar-me no conhecimento sobre a Ginástica, as necessidades de movimento da criança e a importância da Educação Física escolar.

Além disso, a experiência de ter participado de um grupo de estudo em Ginástica, na Unicamp, o EUNEGI, que já tinha a intenção de levar a Ginástica para as escolas a partir das adaptações necessárias, foi um grande passo para a elaboração de uma proposta de implantação dessas modalidades no ambiente escolar. A idéia nasceu de um projeto de ensino, extensão e pesquisa da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, intitulado “Crescendo com a Ginástica”, do qual participei inicialmente como monitora e mais tarde como vice-coordenadora, juntamente com a idealizadora do mesmo, a professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo. Esse projeto foi desenvolvido durante dez anos na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, tendo sido implantado como projeto de extensão à comunidade, oferecendo aulas de Ginástica para crianças. Foi utilizado como prática de ensino dos graduandos da Faculdade ao

transferir os conhecimentos adquiridos em sala de aula para o efetivo desenvolvimento de aulas para crianças; e também como projeto de pesquisa, pois os monitores que desenvolviam o trabalho, orientados pela coordenação do projeto “Crescendo com a Ginástica”, sentiam a necessidade de buscar aprofundamentos em questões nascidas no desenvolvimento desses conteúdos, ensinados a partir de métodos diferenciados dos modelos tradicionais, além de outros fatores que surgiam durante as aulas e os encontros de orientações aos alunos, que originaram vários trabalhos científicos.

As atividades desenvolvidas no projeto “Crescendo com a Ginástica” (PCG) permitiam que os estudantes da graduação, mesmo sem vivência anterior com estas modalidades, aprendessem a ministrar aulas de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica. Dessa forma, ao perceber essa possibilidade, muitos questionavam as razões da não inclusão da Ginástica na escola.

Durante a prática de estágio supervisionado nas escolas, juntamente com outros colegas, incluímos um módulo de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica no programa curricular que desenvolvemos na escola Municipal Maria Alice Colevatti Rodrigues. Isso significou um alicerce indispensável para que adquiríssemos algumas certezas quanto à possibilidade de desenvolver a GA e a GR no ensino formal.

Após a graduação, impulsionada por essas primeiras experiências, pensava em continuar esse trabalho e proporcionar a vivência da Ginástica para mais crianças, levando este projeto para as escolas.

A alternativa criada para tal desafio foi a criação de uma equipe especializada no oferecimento das Ginásticas Artística e Rítmica para crianças nas escolas, concebida por mim e pelo colega de graduação professor Gustavo Maia, a “Imagynação”. A idéia

era possibilitar a iniciação dessas modalidades nas escolas de forma extracurricular, oferecendo os equipamentos necessários para o seu desenvolvimento. Para isso, desenvolvemos, por meio de pesquisas empíricas, uma série de protótipos de materiais portáteis que pudessem ser utilizados em espaços não específicos como salas de aula, pátios, gramados, entre outros. Atualmente, contamos com uma linha exclusiva de materiais e, após seis anos de criação, a “Imagynação” está presente em 13 escolas, sendo cinco em Campinas/ SP, uma em Itatiba/ SP, e sete no Rio de Janeiro/ RJ, onde temos uma parceria com a ex-ginasta e professora Luisa Parente.

O que me fez levar o projeto “Crescendo com a Ginástica” para fora do âmbito universitário foi a angústia ao verificar que a Ginástica praticamente não existe nas escolas. Uma outra razão foi levar este trabalho da Ginástica Artística e Ginástica Rítmica a outros profissionais, assim como os alunos da FEF/Unicamp que tiveram essa oportunidade durante a graduação.

Nista-Piccolo (1988, p.123), em seus estudos sobre a razão da Ginástica não ter espaço nas escolas, verificou que o fator determinante para a ausência desse conteúdo nas aulas do ensino formal não é tão somente a falta de equipamento e materiais específicos, como se poderia supor, mas principalmente a falta de conhecimento dos professores a respeito da modalidade e suas possibilidades pedagógicas.

Além do desinteresse a pesquisa mostra o desconhecimento dos responsáveis em atividades físicas, pois, embora as escolas não apresentem condições de um bom nível de ensino, todas as escolas Municipais possuem “bola de voleibol” sem contar com outros materiais destinados a prática de esportes coletivos. Desta análise ficam algumas questões:

■ Quem determinou que o material mais importante para a formação física, afetiva e cognitiva, é a bola de voleibol?

- Se dos sete aos 10 anos de idade a criança está na fase dos movimentos fundamentais, ainda se preparando para a fase seguinte em que pode aprender habilidades esportivas, porque a bola de voleibol é considerada o material de maior importância?

Outros estudos [AYOUB (2003), BARBOSA (1999), PAOLIELLO (2001), POLITO (1998)], abordaram de maneira semelhante a ausência da Ginástica na escola, e a partir de um levantamento realizado, decidimos que o nosso estudo deveria ter como propósito oferecer algumas alternativas em relação aos problemas encontrados no desenvolvimento dessas modalidades no ambiente escolar.

O caminho escolhido nesse estudo foi inicialmente a elaboração de uma pesquisa de campo envolvendo os professores de escolas públicas e particulares da rede de ensino de Campinas e região. O que se pretendeu foi levantar dados que nos fornecessem subsídios em relação às dificuldades da prática dos professores para que posteriormente pudéssemos propor a Ginástica como um tema da Educação Física escolar, de acordo com as possibilidades reais apresentadas pela maioria das escolas atualmente.

Para isso, foi oferecido um curso experimental de 40 horas para esses professores, buscando oferecer subsídios básicos que complementassem sua formação em Educação Física, que estivessem voltados para a construção de aulas de Ginástica na escola com ou sem materiais e espaços adequados, e, assim, posteriormente, detectar as principais dificuldades que os professores encontraram no desenvolvimento desse conteúdo.

Muitos professores que participaram do curso ficaram motivados a desenvolver esses conteúdos em suas aulas, e encontraram em suas escolas materiais novos (aparelhos ainda embalados com plásticos) que nunca tinham sido utilizados;

descobriram plintos que serviam de mesa na secretaria da escola. É sobre esse espaço, onde as aulas de Educação Física ocorrem, que estaremos dissertando a seguir, observando como a Ginástica está inserida neste universo ou como ainda poderá ser incorporada.

Este contexto forneceu-nos a matéria prima para elaborarmos uma sistematização do conteúdo das Ginásticas Artística e Rítmica, baseada nas propostas do projeto “Crescendo com a Ginástica”, que oferecessem subsídios aos professores que encontram dificuldades no seu desenvolvimento, relacionadas ao conhecimento, ao método e às estratégias de ensino e ao material, socializando também as idéias de adaptação de materiais desmontáveis para a escola e outras alternativas elaboradas no decorrer de aulas do projeto “Crescendo com a Ginástica” (PCG) e da “Imaginação”.

Este estudo busca atingir profissionais, que apesar dos obstáculos reais, têm interesse em desenvolver esses temas nas suas aulas de Educação Física, assim como os professores das escolas que colaboraram com a pesquisa de campo realizada nesse estudo.

Teorizar uma prática é refletir sobre uma ação, pensar e repensar a partir das atividades existentes na realidade educacional concreta onde uma reflexão se desenvolve quando se volta para esta realidade, aperfeiçoando-a. (NISTA-PICCOLO, 1988, p. 24).

A GINÁSTICA NA ESCOLA

Gosto muito de colocar lado a lado estas duas frases de esperança e de cobrança. Uma, de Freud: “A escola deve proporcionar aos jovens vontade de viver e oferecer-lhes sustentação e apoio”. A outra, de Einstein: “A arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento”. (SNYDERS,1996, p.21)

A “Ginástica”, praticada desde a Antiguidade, tem seus objetivos diferenciados em cada época e sociedade: herdeira das peripécias do circo, da arte e da alegria, incorporou também ao longo da história os avanços da biomecânica, da ciência e deu origem às formas sistematizadas de movimentos até a sua desportivização. Na concepção atual, as modalidades gímnicas apresentam uma beleza plástica indiscutível que encanta profissionais e espectadores leigos com suas relações estéticas e harmônicas de movimento.

Do universo em que a Ginástica se constitui, o presente trabalho visa focalizar a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica que, entre tantas outras possibilidades gímnicas, são atualmente conhecidas principalmente por fazerem parte do quadro restrito de esportes olímpicos. Ambas utilizam aparelhos, sendo que a Ginástica Artística utiliza os de grande porte, dos quais seis são masculinos -Solo, Cavalo com alças, Argolas, Salto, Barras Paralelas Simétricas e Barra-fixa e quatro são femininos - Salto, Barras Paralelas Assimétricas, Trave de equilíbrio e Solo; e a Ginástica Rítmica utiliza aparelhos portáteis - Arco, Bola, Corda, Fita e Maças - oficialmente para o sexo feminino, mas abrindo espaço em alguns países para competições masculinas extra-oficiais com outros aparelhos - Corda, Bastão, Maças e Arcos pequenos (utilizados em

pares assim como as Maças). Essas modalidades envolvem características técnicas de alto nível, com alto grau de dificuldade, misturadas à arte, à leveza, à graciosidade que, com ou em aparelhos, despertam o desafio ao limite com que se apresentam os ginastas.

Sobre estas belas artes que o trabalho trata, não com enfoque no ambiente esportivo próprio das competições, permeado de regras rígidas e métricas precisas, mas com o olhar em seus conteúdos, que permitem introduzir a possibilidade de experiências ricas na escola, contribuindo para o desenvolvimento das crianças, e capazes de alegrar e dinamizar nossas aulas.

No ambiente escolar, o trabalho com modalidades gímnicas deve estar intimamente relacionada às propostas educacionais, proporcionando vivências diversificadas, sem fins competitivos. Para isso, numa perspectiva pedagógica, o espaço a ser ocupado por essas práticas deve ser o das aulas de Educação Física, com conteúdos curriculares dessa área. Sobre o assunto “conteúdos curriculares” Coll (2000, p.12) ressalta:

[...] nas propostas curriculares da Reforma [...] o termo conteúdos é usado com um sentido muito mais amplo que o habitual nas discussões pedagógicas. Na verdade, os conteúdos designam o conjunto de conhecimentos ou formas culturais cuja assimilação e apropriação pelos alunos e alunas é considerada essencial para o seu desenvolvimento e socialização.

Segundo Libâneo (1994, p.128), os conteúdos de ensino por sua vez são:

[...] o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida. Englobam, portanto: conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras; habilidades cognitivas, modos de atividades, métodos de

compreensão e aplicação, hábitos de estudo, de trabalho e de convivência social; valores, convicções e atitudes.

Trazendo a discussão para área específica da Educação Física tem-se várias referências sobre estes conteúdos, mas neste estudo serão utilizadas duas, sendo uma delas o texto de Soares; Taffarel; Ortega (2001, p.217), que visualiza os conteúdos da Educação Física como:

[...] uma área do conhecimento que pode ser denominada de cultura corporal. Essa área, bastante ampla, pode apresentar-se na escola a partir de temas tais como: dança, o jogo, o esporte e a ginástica, entre outros. A Educação Física então, será a disciplina curricular que tratará pedagogicamente, temas dessa cultura corporal.

Outra referência adotada para guiar o presente trabalho em relação aos conteúdos da Educação Física escolar é a do Grupo de Estudos Ampliados de Educação Física (Geaf), coordenado por Kunz, que retrata os conteúdos dessa área, discutindo o diferencial desses conteúdos no contexto escolar:

(...) esse redimensionamento passa pela ressignificação dos conteúdos didáticos, lembrando que não se trata de “inventar conteúdos para a Educação Física escolar: os conteúdos tradicionalmente inseridos nos currículos escolares são aqueles nomeados (...), esportes, danças, ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras”. Exige-se contudo, um outro trato pedagógico sobre eles, capaz de produzir uma cultura escolar de movimento que supere a simples prática dos conteúdos e os perceba como conhecimento gerado a partir de manifestações humanas contextualizadas e que, como tal, podem ser vivenciados, apropriados e reinventados subjetiva e coletivamente pelos autores/atores sociais da escola (PIRES;NEVES, 2002, p.63).

Portanto, os conteúdos curriculares nesse estudo estão baseados em autores que consideram os temas específicos da área da Educação Física, não enfatizando apenas os procedimentos das ações motoras, mas ampliando a compreensão de cada tema além do “saber fazer”, com conteúdos factuais, conceituais e atitudinais dos temas

citados. A intenção em expor outros temas além da Ginástica, anteriormente ao aprofundamento nesse tema, é demonstrar que se tem a clareza que a Ginástica faz parte da Educação Física, destacando-a apenas, mas isso não tem se efetivado no desenvolvimento das aulas da maioria das escolas.

Muitos profissionais da Educação Física que atuam em escolas preocupam-se excessivamente com o desenvolvimento de habilidades motoras, muitas vezes descontextualizadas de um significado da ação, o que torna o aprendizado menos rico e interessante para seus alunos que não conseguem visualizar as razões na aprendizagem de certas habilidades. As contribuições da Educação Física em relação ao desenvolvimento das habilidades motoras podem ser inúmeras, e, com o trabalho de Ginástica, essas ações podem fazer parte de um contexto e um propósito de realização, trazendo um significado para aquela prática. A prática de habilidades dos esportes faz parte do aprendizado e dos conteúdos da Educação Física, mas não deve se encerrar em tais habilidades, como observam Pires; Neves (2002, p.69):

[...] é indispensável conhecer fundamentos técnicos, táticos, regulações básicas da mecânica do seu funcionamento para que alguém possa usufruir prazerosamente de sua experiência sensível e/ou do seu consumo como espectador (ou telespectador) esclarecido (KUNZ, 1996). A organização desse processo de aprendizagem deve orientar-se na racionalidade técnica, isto é, seguir princípios sistemáticos lógicos como o aumento progressivo da complexidade dos conteúdos, a associação entre o novo e o reconhecido e o diálogo permanente entre o conhecimento teórico e o saber prático. Todavia, a categoria de trabalho e o alcance da respectiva competência objetiva, ainda que indispensáveis, não podem ser confundidos com a totalidade da ação educacional.

Esta questão busca incitar uma reflexão para os profissionais que trabalham apenas com os alunos com mais facilidade para aprendizagem de habilidades motoras, excluindo aqueles que mais precisam deste profissional. Os conteúdos das aulas de

Educação Física, assim como em toda disciplina curricular, devem ser oferecidos e ensinados a todos os alunos, pois esse não é um ambiente seletivo, ao menos, não deve ser.

Freire (1998, p.09), dissertando sobre o fato dos professores pensarem sempre nos alunos mais habilidosos ou geneticamente dotados de características que facilitam o aprendizado de determinada modalidade, ressalta: “Não desprezo a importância de fatores genéticos, mas esses fatores não podem impedir a aprendizagem de quem quer que seja. Não podemos interferir nos genes, pelo menos por enquanto, mas podemos interferir na aprendizagem”. Os profissionais de Educação Física precisam perceber que os alunos que mais precisam do conhecimento dos professores são exatamente aqueles que mais apresentam dificuldades nas aulas. Assim, temos o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem, cujo objetivo é adequar os conteúdos aos diferentes grupos, desde crianças que tenham muita facilidade para aprender até aquelas que tenham muita dificuldade, oferecendo diferentes caminhos para o aprendizado, valorizando os conhecimentos anteriores das crianças e dando significado e prazer a esse processo.

O olhar sobre o processo de ensino e aprendizagem está focado nessa proposta, mais especificamente, no tratamento pedagógico dos conteúdos da GA e GR, no qual não se deve ter como objetivo o destaque ou a descoberta de talentos e, mesmo que isso aconteça, não deve ser a meta das aulas de Educação Física. No presente estudo, estas modalidades são consideradas como possibilidades gímnicas relevantes e básicas sobre as informações/conhecimento que a Ginástica possui, não podendo ser excluídas, mas sendo inseridas numa proposta que ofereça alternativas de trabalho

para que seus conteúdos possam ser desenvolvidos pedagogicamente nas aulas de Educação Física, o que efetivamente parece não estar acontecendo atualmente.

A REALIDADE DA GINÁSTICA NA ESCOLA

Apesar das contribuições deste tema para as experiências de vivências das crianças e das referências na Educação Física, “atualmente, a ginástica, como conteúdo de ensino, praticamente não existe mais na escola brasileira” (AYOUB, 2003, p.81). Esta afirmação pode parecer extrema, mas o que temos visto em estudos no âmbito da Ginástica [NISTA-PICCOLO (1988), AYOUB (2003), POLITO (1998), BARBOSA (1999), PAOLIELLO (2001)] é que, muitas vezes, são temas de pesquisas relacionados ao tímido desenvolvimento das práticas gímnicas na escola.

É possível encontrar alguns estudos que apontam para os materiais, o espaço e as falhas na formação profissional, como razões da Ginástica ser pouco contemplada na escola, como é o caso do estudo de Nista-Piccolo (1988), que verificou a realidade escolar relacionada à Ginástica, desde o conhecimento dos profissionais de Educação Física que atuavam nas escolas até as condições físicas apresentadas pelas mesmas. Na sua análise de pesquisas, realizada em Escolas Particulares, Municipais e Estaduais, a autora constatou que entre 69 escolas estaduais, apenas cinco delas possuíam local e material para a Ginástica Artística, cuja modalidade era desenvolvida, ainda que os professores assumissem que desconheciam esse conteúdo; e de 38 escolas que possuíam apenas material, somente nove professores dominavam esse

conhecimento, entre os quais apenas um (1) disse que desenvolvia essa modalidade nas aulas de Educação Física.

Polito (1998), reproduzindo a pesquisa de Nista-Piccolo, investigou se as dificuldades de desenvolvimento da Ginástica, constatadas pela autora em 1988, continuavam as mesmas após dez anos. Verificou-se que a situação era a mesma, ou seja, o problema centrava-se mais na falta de conhecimento dos professores a respeito da Ginástica do que em aspectos levantados como a falta de material e de espaço adequado, como fora levantado no estudo original.

Além do problema da falta ou pouco conhecimento dos professores nessas modalidades, provavelmente outros fatores também têm influenciado a efetivação desse quadro nas escolas, como a imagem dessas modalidades no alto nível competitivo. Ayoub (2003, p.82) refere-se também a essa questão como mais um possível motivo que levaria ao tímido desenvolvimento da Ginástica nas aulas de Educação Física:

[...] a difusão da ginástica artística e da ginástica rítmica desportiva a partir de 1970 e 1980, ao mesmo tempo que favorece o número de praticantes, especialmente nos clubes, traz consigo a idéia, reforçada pela mídia, de que estas atividades são extremamente difíceis e que só podem ser praticadas por “super atletas” e orientadas por “super técnicos”. É a Ginástica esportivizada sendo vista tão somente como “Ginástica espetacular”.

A Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica são realmente modalidades de precisão que requerem ações cotidianas diferentes como as acrobacias, manejos e posições corporais diferentes das ações cotidianas. Porém, é no nível competitivo destas modalidades em que a combinação complexa de habilidades é contemplada, e se destina às pessoas que apresentam talento para estas determinadas atividades, assim

como o seria para qualquer outra modalidade nesse mesmo nível. A idéia de que são modalidades impossíveis de serem aprendidas por qualquer criança vem ao encontro da falta ou do pouco conhecimento dos profissionais. Este tipo de consideração feita pela mídia, ou por leigos da área da Educação Física ainda é aceitável, mas para profissionais da área inaceitável. Isso demonstra falta de conhecimento dos professores de Educação Física que trabalham em escolas, pois a GA e a GR desenvolvidas em aulas de Educação Física, ou mesmo como uma iniciação esportiva, deveria ser diferente da imagem de uma ginástica impossível e “espetacular”. O processo de iniciação e a vivência dessas modalidades com o adequado tratamento pedagógico trabalha com movimentações básicas da criança, como os movimentos fundamentais locomotores, manipulativos e estabilizadores, e é totalmente possível para todas as crianças, além da ludicidade que os movimentos em si proporcionam.

Nista-Piccolo (1988, p.105), no mesmo estudo citado anteriormente, remete-se a esse assunto:

Em relação à Ginástica, observou-se que há um desconhecimento da efetividade que seus fundamentos básicos propiciam à formação do educando. Permanece ainda a idéia de que este esporte é de alto nível técnico, composto de elementos de difícil execução, com finalidades de competição ou de demonstração.

A falta de conhecimento em Ginástica faz com que a maioria dos profissionais não visualize as possibilidades de execução de elementos da GA e da GR, permanecendo uma imagem de leigos a respeito das possibilidades de ensino dessas modalidades no ambiente escolar.

Paoliello (2001, p.25), reportando-se à má formação dos profissionais e suas conseqüências afirma a visão elitista que os profissionais têm em relação à Ginástica:

Essa visão acaba por afastar o futuro profissional de oferecer esse conhecimento aos seus alunos das escolas, primeiramente por considerar de difícil execução os elementos que constituem esses esportes, pela forma com que foram desenvolvidas essas disciplinas em sua formação, e num segundo momento pela falta de aparelhos e condições que normalmente a maioria das escolas oferece. Estes fatores dificultam, senão impedem, o desenvolvimento da Ginástica na escola, pois o professor tem uma visão limitada e pouco criativa das possibilidades de adequação dos conhecimentos gímnicos numa perspectiva pedagógica e de vivência (PEREZ GALLARDO, 1997) desses conhecimentos pelo aluno.

Estes diferentes estudos apontam algumas razões que distanciam o professor do desenvolvimento da Ginástica e mostram que esses profissionais têm dificuldades em enxergá-la além das formas esportivizadas, e não têm conhecimento sobre as contribuições da aprendizagem deste tema para seus alunos. Isso possibilita pensar na existência de uma formação profissional com falhas no que diz respeito ao tema da Ginástica, denunciando a falta de maior compreensão da Ginástica além do ambiente competitivo.

Segundo Barbosa (1999, p.16), “Disciplinas gímnicas sempre fizeram parte da formação profissional do professor de Educação Física” e “[...] no Brasil, antes mesmo que existisse uma Escola de 3º. grau que formasse professores para tal função, a Ginástica já era obrigatória nas escolas” (BARBOSA, 1999, p.26). Atualmente, a disciplina Ginástica existe em formatos variados nos currículos dos cursos de Educação Física (BARBOSA, 1999) e as modalidades de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica “ocupam uma grande parte da carga horária destinada à área da Ginástica na formação dos professores” (PAOLIELLO, 2001, p.25). De 41 escolas consultadas nos estudos de Nunomura (2001), 35 possuem a disciplina de Ginástica Artística na grade curricular.

Apesar deste tema estar presente nos currículos dos cursos de graduação, parece não haver uma transferência do que foi aprendido para a sua efetivação na escola,

como podemos constatar nos estudos de Nista-Piccolo (1988), Ayoub (2003), Polito (1998), Barbosa (1999), Paoliello (2001), entre outros. Um possível fator que contribui para esta situação é a formação muitas vezes equivocada dos graduandos (futuros professores), devido à visão tecnicista³ de seus docentes. Muitas vezes, estes professores foram técnicos de modalidades gímnicas e não vêem a possibilidade dessa prática na escola sem fins competitivos, e mostram-se com dificuldade de visualizar os aspectos pedagógicos da Ginástica. Sobre este assunto argumenta Paoliello (2001, p.25) que:

[...] o maior enfoque dado nos Cursos de Graduação é para os aspectos relacionados ao treinamento dessas modalidades, ressaltando a técnica, o regulamento, o treinamento, o que estaria direcionado à atuação em clubes, junto a equipes competitivas e não à atuação na escola onde os aspectos pedagógicos deveriam ter mais destaque.

Isso contribui para a formação de um profissional que não sabe adaptar os conteúdos aos objetivos do cenário escolar como espaço de aprendizagem de diferentes conhecimentos. Durante a graduação, os alunos, “ou são incapazes de perceber a existência de problemas na sua formação, ou apesar de os perceberem nada fazem para modificá-los, não agindo portanto de forma praxica” (SILVA; MACHADO, 1997, p.893).

Nos cursos de especialização em Educação Física Escolar que tenho ministrado com outros profissionais, temos visto, muitas vezes, professores em busca de conteúdos que diversifiquem suas aulas e estimulem a motivação de seus alunos que não se interessam mais pelos temas comuns desenvolvidos nas aulas de Educação

³ “[...] de caráter meramente instrumental. [...] interessada na racionalização do ensino, no uso de meios e técnicas mais eficazes” (LIBÂNEO, 1994, p.68).

Física. Muitos profissionais dessa área alegam a falta de material como a razão pela qual não aplicam a Ginástica na escola. O motivo alegado pode ser também uma consequência da falta de conhecimento dos mesmos, apontada nas pesquisas anteriormente citadas neste capítulo. Isso mostra uma carência de idéias em relação às adaptações de material, pois para tal é preciso conhecer, ter domínio sobre o tema que está sendo trabalhado. Para criar alternativas desse trabalho, adaptando materiais, é preciso que o profissional conheça os elementos fundamentais da modalidade e saiba como ensiná-los, procedimentos que deveriam ter sido adquiridos no seu processo de formação profissional.

Muitos profissionais de Educação Física, aperfeiçoando-se em cursos de atualização na área escolar, reportam-se a seus docentes de Ginástica dos cursos de graduação de forma negativa, cujo enfoque ressaltava a concepção de Ginástica competitiva, o que distancia atualmente esses profissionais das modalidades gímnicas, fazendo com que os mesmos não desenvolvam na escola conteúdos gímnicos com seus alunos. Sobre a questão desse direcionamento, muitas vezes apenas técnico, existente na formação de professores, Pérez Gallardo (1995, p.118) comenta:

Uma [...] necessidade era encontrar um corpo teórico de conhecimentos fora dos métodos tradicionais de ensinar habilidades desportivas, pois estes já tinham procedimentos didático-pedagógicos comprovados pelo uso. Portanto, se utilizássemos os procedimentos tradicionais na preparação profissional só teríamos bons técnicos, mas nunca bons professores.

Esses comentários e observações mostram que a formação dos professores muitas vezes tem sido direcionada apenas para a formação técnica totalmente diretiva e não desenvolve a criação, a visualização de adaptações que tornem possível esta

modalidade em diferentes contextos, fora dos padrões ideais para o Esporte competitivo. “O que falta nas escolas, na maioria da vezes, não é material, é criatividade. Ou melhor, falta o material mais importante. Essa tal de criatividade nunca é ensinada nas escolas de formação profissional”, (FREIRE, 1994, p.67). Isso comprova a ineficácia na formação profissional em relação à criação de alternativas pedagógicas para o desenvolvimento de uma Ginástica possível.

É possível que os docentes universitários não consigam relacionar os conteúdos transmitidos com a verdadeira realidade das nossas escolas, e, conseqüentemente, não preparem os futuros profissionais para serem criativos em suas alternativas frente aos problemas que se depararão para ensinar Ginástica nas aulas de Educação Física escolar. Em muitos cursos de graduação falta o desenvolvimento de aulas em que os graduandos possam vivenciar o “ensinar Ginástica” de modo que possam desmistificar o tabu que muitos trazem consigo em relação à prática da Ginástica.

Vivências extracurriculares e experiências de vida anteriores ao ingresso no curso devem também ser valorizadas. Creio que atividades fora da sala de aula, formais ou informais, e principalmente programas de extensão à comunidade que a imediata dialética teoria-prática, devam ser fortemente estimulados pelas instituições de ensino superior. (BETTI, 1992, p. 248).

Foi no projeto de extensão de Ginástica, “Crescendo com a Ginástica”, que, durante minha graduação, tive a oportunidade de participar e refletir sobre esta prática e suas possibilidades de inserção no ambiente escolar. A proximidade com a realidade, ao ensinar GA e GR às crianças da comunidade em geral, e aprender como ensinar, foi o que me levou hoje a buscar adaptações dessas modalidades para as escolas.

PROJETO “CRESCENDO COM A GINÁSTICA”

(PCG) - A EXTENSÃO, O ENSINO E A PESQUISA

“Ensinar exige alegria e esperança”
(FREIRE, 1996, p.80)

PCG COMO UM PROJETO DE EXTENSÃO

O PCG, atividade interpretada como um projeto de extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp, durante dez anos, tinha como objetivo oferecer aulas de Ginástica às crianças da comunidade em geral, tendo como foco o ensino da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica. A meta principal do projeto era proporcionar a prática dessas modalidades à qualquer criança, buscando desmistificá-las como esporte elitista. A intenção era ensinar a Ginástica como um meio de desenvolver as capacidades e habilidades motoras da criança.

A professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo e a professora doutora Elizabeth Paoliello, foram as idealizadoras deste projeto, que posteriormente passou a ser coordenado apenas pela professora Vilma Lení Nista-Piccolo, que esclarece:

A idéia desse projeto era proporcionar às crianças de ambos os sexos, dos quatro aos doze anos de idade, atividades motoras que permitissem explorar diferentes possibilidades corporais. Eram vivenciadas propostas de manipulação de aparelhos, apoios e suspensão, assim como acrobacias diversificadas, feitas em duplas, trios ou em grupos, visando a descoberta de seus potenciais. Experiências práticas capazes de enriquecer o vocabulário motor da criança que passou por esse projeto (NISTA-PICCOLO, 1999, p.116).

O projeto não tinha como objetivo formar ginastas, mas contribuir para o desenvolvimento integral da criança por meio de propostas lúdicas fundamentadas nessas modalidades gímnicas. A criança era o foco principal do trabalho, sempre respeitando as características de cada faixa etária.

Ao explicar os objetivos do PCG, em sua dissertação de Mestrado, Velardi (1997, p.31) esclarece que:

A proposta está centrada em criar condições para oferecer às crianças maior possibilidade de ampliação do seu vocabulário motor, e de desenvolvimento global de suas potencialidades, através de estratégias que proporcionem sua participação de maneira ampla.

O projeto acabou se confirmando também como projeto de ensino, pois sua realização dava oportunidade aos alunos da graduação em Educação Física da FEF-UNICAMP, de vivenciarem a prática de ensino dos conhecimentos aprendidos em aula, sempre orientados pela coordenação do projeto. Concretizou-se também como projeto de pesquisa, uma vez que seus monitores estudavam as questões pedagógicas que permeavam as propostas desenvolvidas com as crianças. Há muitos trabalhos que foram elaborados sobre esses aspectos, desde iniciação científica, monografias de conclusão de graduação e especialização, trabalhos apresentados em congressos e dissertações.

Baseando-se nas experiências vividas com a implantação do projeto, um grupo de alunos interessados em estudar a “Ginástica” – o EUNEGI (Equipe Universitária de Estudos da Ginástica) – sistematizou um método de ensino para essa prática, também coordenado pela professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo. Posteriormente, a professora Marília Velardi buscou sustentação teórica nos estudos

de Vigotsky para explicar tal método de ensino em sua dissertação de mestrado, a ser discutido com maior aprofundamento a seguir.

UM MÉTODO DE ENSINAR GINÁSTICA

Essa proposta metodológica enfatiza a importância da exploração de movimentos antes que eles possam ser ensinados de uma maneira específica e totalmente direcionados pelo professor. A valorização dos conhecimentos anteriores do aluno ou a percepção da falta dos mesmos é um fator preponderante para a mediação do professor no processo de ensino e aprendizagem. Desenvolvida e sistematizada justamente a partir da vivência das crianças com a Ginástica nesse projeto de extensão, a proposta metodológica foi cientificamente aprofundada nos estudos de Vigotsky, pela professora Marília Velardi.

O método está dividido em três momentos percorridos em cada aula, que serão detalhados no decorrer do texto. O momento inicial é de exploração do tema da aula, de acordo com ações motoras básicas, valorizando as criações da criança e observando os seus conhecimentos anteriores para elaboração dos outros momentos da aula. Nista-Piccolo (1995, p.117), disserta sobre essa etapa, explicando que:

Num primeiro momento, as crianças tomam contato com o tema que será desenvolvido naquela aula, sem contudo receber nenhuma proposta dirigida; é o tempo da exploração dos possíveis movimentos que a criança é capaz de criar e executar. Na maioria das vezes, as idéias surgem das próprias brincadeiras das crianças com o tema ou o material que está sendo trabalhado. Esse é o momento em que o professor não interfere, apenas estimula a ação perguntando o que é possível fazer, outras maneiras de fazer, observando sempre seus alunos.

Neste momento os materiais que as crianças utilizam em aula devem estar de acordo com o tema proposto, para que seja mais um estímulo à sua criatividade. Muitas vezes, as crianças não sabem muito o quê fazer, principalmente quando tiveram experiências anteriores que não permitiram explorações, ou seja, quando participaram somente de atividades direcionadas por modelos, não estando acostumadas a explorar, mesmo em outros ambientes de ensino. E mais do que as crianças, muitos professores se sentem desconfortáveis nessa situação de observação, por não dirigirem a aula completamente. Isto se deve à formação que esses professores tiveram e a forma com que também foram ensinados no passado.

O momento inicial (primeiro momento) é determinante para que o aluno se integre à atividade, e para que o professor observe seus potenciais de execução, suas experiências anteriores em relação ao conteúdo proposto, observando e refletindo sobre quais informações ou intervenções serão mais adequadas aos alunos ou grupo. Não devemos simplesmente utilizar o primeiro momento como uma situação que permite ao professor envolver-se em outra tarefa, enquanto os alunos fazem o que querem (VELARDI, 1997. p. 136).

Como não existe um tempo fixo para cada momento, este varia de acordo com a idade das crianças, com as experiências anteriores que elas possuem, com os materiais existentes, então, o professor deve ter sensibilidade para analisar o nível de motivação dos alunos, e perceber qual o melhor momento para dar início a segunda fase.

No segundo momento, o professor baseia-se nas suas observações das manifestações dos alunos vividas no momento anterior, e começa a fornecer “dicas” ou “pistas”, orientando o aluno para a elaboração de ações mais complexas, desafiando-o a criar formas novas de se expressar cada vez mais próximas do objetivo principal da aula.

Num segundo momento, as propostas são transmitidas por meio de pistas para que as crianças criem alternativas de trabalho, solucionem os problemas apresentados para a realização da tarefa, individualmente e em grupo; não há nesta fase direcionamento da atividade em si, apenas um direcionamento da proposta da atividade; é dizer 'o quê' sem dizer 'como' (NISTA-PICCOLO, 1995, p.117).

O professor age como um mediador, fornecendo alguns subsídios e principalmente instigando os alunos a pensarem outras possibilidades dentro da mesma proposta do primeiro momento.

Este segundo momento da proposta metodológica é o espaço reservado para a solução de problemas, em que o aluno deverá refletir sobre uma situação pré-determinada, que, diretamente relacionada aos objetivos da aula, promovam uma reflexão sobre o que é feito, como e porque pode ser modificado (VELARDI, 1997, p.144).

Não é um momento fácil para o aluno e nem para o professor. Os alunos precisam compreender o que estão fazendo, resolver problemas de acordo com o tema proposto com “soluções corporais”; o que auxilia o aluno a compreender e permite ao professor verificar qual o nível de execução que seu aluno se encontra. Esse método não oferece todas as soluções prontas às crianças, portanto exige tanto delas como dos professores um tempo para se adaptarem a essa dinâmica em que os alunos participam do desenvolvimento da aula. O professor não sabe exatamente quais caminhos sua aula irá percorrer, e não pode perder de vista o objetivo que tem pré-determinado para aquela aula.

No terceiro momento, o professor pode direcionar as atividades necessárias para atingir seus objetivos, mas que não foram realizadas nos momentos anteriores, intervindo para que essas ações sejam apresentadas ao aluno, fornecendo orientações

mais detalhadas sobre a execução de determinados movimentos, ou ainda aumentando a complexidade dos movimentos executados anteriormente.

Este é o momento em que todas as atividades que deixaram de ser contempladas nos dois primeiros momentos são agora propiciadas de forma adequada às características da faixa etária que está sendo trabalhada; eu conduzo meus alunos a executarem as propostas, sem perder a perspectiva lúdica. Atividades que considero de extrema importância para alcançar os objetivos pretendidos naquela aula devem fazer parte deste momento, que finaliza sempre trocando com as crianças comentários sobre o conteúdo abordado (NISTA-PICCOLO, 1995, p.188).

Esta parte da aula é mais conhecida pelos professores que, muitas vezes, trabalham apenas com esse método, direcionando a execução das ações ou atividades em si. É importante que a criança aprenda novas combinações, diferentes técnicas de movimento, compondo outras habilidades, mas essa aprendizagem possa se tornar um momento muito mais rico quando antecedido por explorações e resoluções de problemas acerca do tema que está sendo tratado. Direcionar a realização de um movimento pode não ter tanto problema se o aluno teve a oportunidade de explorar seus movimentos anteriormente na busca de soluções corporais.

Um terceiro momento relaciona-se a propostas de atividades dirigidas diretamente pelo professor, que irá sugerir atividades que considerar pertinentes ao trabalho e que ainda não tenham sido representadas anteriormente, os elementos que não apareceram como resultado dos movimentos anteriores, mas que segundo a observação do professor, estão emergindo (VELARDI, 1997, p.152).

Os três momentos podem ou não acontecer em uma aula, apenas o tempo de cada um deles é indefinido, devendo sempre ser mediado pelo professor de acordo com o decorrer dos acontecimentos da aula e com as experiências apresentadas pelas crianças.

A sistematização desse método foi baseada no desenvolvimento de aulas Ginástica e pode ser proposta em diferentes locais, mesmo com outras modalidades. Mas há também uma característica essencial nesse método que é a presença do aspecto lúdico nas atividades.

A busca de situações prazerosas é o ponto chave, que norteia o direcionamento dos conteúdos. [...] o objetivo principal é vincular o prazer ao brincar com o conteúdo, com os materiais, com as regras, com os colegas e o professor. O prazer relacionado ao que está sendo vivenciado “durante”, ao que é vivido “no presente”, no momento em que o aluno “brinca de fazer” a atividade (VELARDI, 1997, p.160).

A ludicidade está relacionada ao prazer. A idéia desse método de ensino é que uma atividade deve ser proposta com a intenção de se atingir esse prazer. Ao participarem de uma aula de Ginástica as crianças aprendem os fundamentos desse tema em ritmos diferentes de aprendizagem, mas todos devem aprender, tendo prazer em praticá-los.

A diferença desse método⁴ de ensino está no processo de seu desenvolvimento, na forma como se dá a compreensão dos conteúdos pela criança, e no objetivo de formação de cada uma delas, futuros ginastas ou não.

Em relação aos conteúdos a serem trabalhados, o projeto “Crescendo com a Ginástica” apresenta uma diversificação com embasamento em diferentes autores, explicitados a seguir.

⁴ Para maiores aprofundamentos nesse método consultar: VELARDI, Marília. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vigotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico. FEF-UNICAMP, 1997.

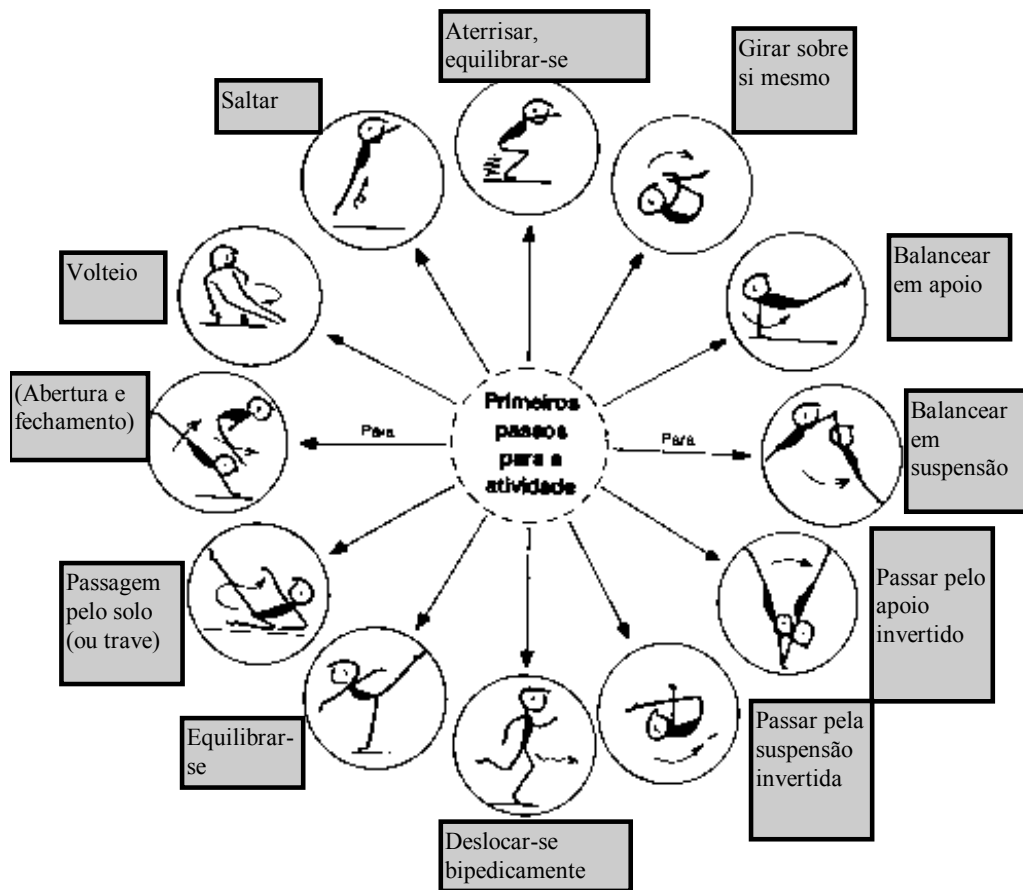
OS CONTEÚDO DA GINÁSTICA DESENVOLVIDOS NO PCG

O conteúdo desenvolvido nas aulas fundamenta-se nas propostas de Ginástica Artística de Jaques Leguet (1987), assim como explica Nista-Piccolo (1999, p.117):

As propostas eram oferecidas sem finalidade competitiva, procurando sempre utilizar as formas mais naturais de movimento. Jaques Leguet (1987) nos diz que é possível ensinar ginástica criando-se um ambiente gímnico, em que os processos de desenvolvimento das atividades estejam centrados na motricidade, cujas ações e suas coordenações extrapolem os objetivos da competição.

Leguet (1987) utiliza-se de ações motoras para sistematizar o conteúdo dessa modalidade, denominando-as “Ações Gímnicas”. O autor considera que a GA pode ser dividida em ações básicas, que combinadas entre si, compõem exercícios mais complexos. Em suas propostas, o objetivo maior é o desenvolvimento motor e não o alto desempenho no esporte.

O quadro apresentado a seguir mostra as ações gímnicas citadas por Leguet (1987, p.13):



A Equipe Universitária de Estudos da Ginástica – a EUNEGI – da FEF/ UNICAMP, ao estudar essas ações, detectou que a ação motora de “girar no eixo longitudinal” (fig.1) poderia completar o quadro proposto pelo autor, já que é muito utilizada na modalidade e permite a combinação com outras ações. Nas discussões desenvolvidas em grupo, os integrantes definiram que, muito embora girar longitudinalmente seja citado pelo autor como uma possibilidade do girar sobre si mesmo, as denominações apresentadas em seu quadro não destacam essa possibilidade entendida por todos como uma das mais importantes na prática da Ginástica. Assim, sugeriram a sua inclusão.

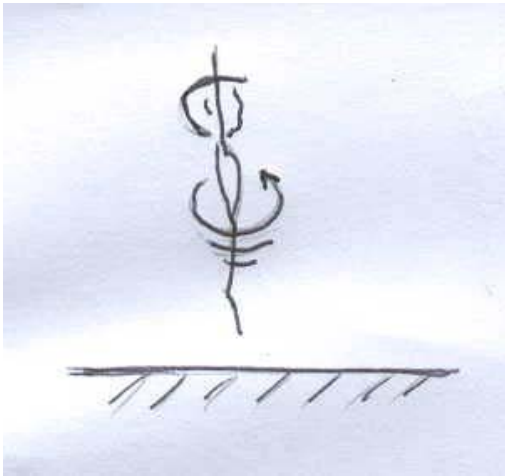


Fig. 01 – Girar no eixo longitudinal

Essas ações podem ser, inicialmente, trabalhadas de forma isolada, com as diferentes maneiras de saltar, as variações do girar sobre si mesmo (rolar), as múltiplas possibilidades de se equilibrar; ou ainda, como ações combinadas, originando os exercícios mais complexos da modalidade, como por exemplo: saltar combinado com o rolar, originando o rolamento antecipado por uma fase de vôo, que chamamos de mergulho ou “peixe”; ou ainda, como um preparativo para o mortal. A mesma execução em outra ordem - rolar e saltar - possibilita uma outra configuração, a de um rolamento seguido de um dos tipos de salto da Ginástica, dando início à formação de sequências, aos primeiros passos de uma série de Ginástica.

A divisão da prática da GA em ações motoras básicas facilita a organização das aulas e permite que o professor compreenda melhor a modalidade.

Na GR, Toledo (1995), baseada nos estudos de Jaques Leguet (1987), criou uma sistematização de trabalho a partir da sua experiência vivida como monitora, durante cinco anos, no projeto “Crescendo com a Ginástica”. A autora sintetizou as possibilidades de ação motora que a GR permite em cada aparelho oficial da mesma

e suas variações de movimento, com base no Código de Pontuação da modalidade e complementou o quadro proposto pelo autor com algumas sugestões, pautando-as em suas experiências. São elas:

Arco: rotar, rolar, lançar, arrastar (ação complementar), movimentar em oito, prensar (ação complementar), circundar, passar sobre, balançar, passar por dentro, quicar (ação complementar).

Bola: lançar, quicar, rolar, equilibrar, prensar (ação complementar), movimentos em oito, circundar.

Corda: saltar, quicar (ação complementar), saltitar, arrastar (ação complementar), movimentar em oito, pegadas e solturas, envolver o corpo (ação complementar), dobrar (ação complementar), circundar, balancear, formar figuras (ação complementar), lançar, girar,

Fita: espiral, impulsos, escapadas, envolver no corpo (ação complementar), dobrar (ação complementar), segurar a ponta da fita (ação complementar), lançar, movimentar em oito, circundar, serpentina,

Maças: molinetes, rotar, lançar, circundar, bater, pequenos círculos, rolar (ação complementar), balancear. (TOLEDO, 1995, p.26-30).

Assim como na GA, na GR também é possível trabalhar com as ações motoras (manejo) de cada aparelho, isoladamente ou em combinação com os movimentos corporais ginásticos (saltar, saltitar, rolar, girar, correr, posar, equilibrar, aterrissar, ondas, pré-acrobáticos e acrobáticos sem vôo), que são determinados pela modalidade.

Os trabalhos “isolados” de manejo (sem movimentos corporais ginásticos) faz parte do aprendizado inicial das ações motoras de cada aparelho, como por exemplo, com o aparelho “Fita”: lançar, ou executar serpentina, espiral, balanceamentos, etc. Esses e outros manejos combinados com elementos corporais ginásticos caracterizam as habilidades da GR, que executadas sucessivamente originam uma seqüência dessa modalidade. A combinação de manejos dos aparelhos e elementos corporais oferecem inúmeras possibilidades de movimentos (elemento corporal + manejo do aparelho), como por exemplo, executar determinado

salto com lançamento de um aparelho, ou correr executando movimentos de espiral da Fita, entre outros. A combinação pode ser infinita, e depende, em grande parte, da criatividade do aprendiz e do professor.

A partir de uma organização dos conteúdos proporcionados pela GA e pela GR, desenvolvidos em vivências práticas que se fundamentam na teoria proposta por Leguet (1987), é possível que os professores consigam visualizar mais facilmente os elementos a serem trabalhados. É preciso que saibam combiná-los de acordo com o objetivo de cada faixa etária e nível em que seus alunos se encontram em relação a essas modalidades.

Foi exatamente dessa maneira que estruturamos o projeto “Crescendo com a Ginástica”, tendo bastante claro os objetivos de cada aula e a definição dos conteúdos e estratégias a serem trabalhadas em cada fase.

A ESTRUTURA DO PROJETO

As aulas eram realizadas duas vezes por semana com turmas mistas de no máximo 20 alunos, e divididas por faixas etárias: quatro e cinco anos, seis a oito anos, nove e 10 anos e acima de 11 anos. Oficialmente esse projeto destinava-se às crianças até 12 anos de idade, mas em função das solicitações, permitia-se que muitas permanecessem até 13 e 14 anos aproximadamente, participando com alto grau de motivação nas aulas desenvolvidas.

Eram oferecidos horários no período da manhã e tarde para todas as faixas etárias acima mencionadas, sempre com um monitor responsável pela turma e um ou dois estagiários, sendo todos estudantes do curso de graduação em Educação Física

da Unicamp. Quando as turmas se completavam abria-se uma lista de espera de crianças que gostariam de se inscrever.

O projeto atendeu cerca de 300 crianças por semestre. Os responsáveis por essas crianças faziam inscrições semestrais, pelas quais cobrava-se uma taxa simbólica. Na impossibilidade do pagamento, eram oferecidas bolsas às crianças. A cobrança de uma taxa semestral foi uma forma dos pais ou responsáveis valorizarem as vagas e trazerem as crianças em todas as aulas, diminuindo o número de faltas e abandono durante o semestre. Com o valor arrecadado, era possível oferecer aos monitores uma ajuda financeira, também simbólica, por sua dedicação às aulas do projeto.

No início da implantação do projeto “Crescendo com a Ginástica”, as crianças eram separadas apenas por idade, mas posteriormente começamos a perceber que os alunos que já participavam do projeto há dois ou três semestres, não poderiam permanecer com crianças iniciantes da mesma faixa etária, pois já haviam adquirido mais vivências, destacando-se de outras crianças que iniciavam as aulas posteriormente. Portanto, a estrutura organizacional do mesmo foi sendo aperfeiçoada, dividindo as crianças, por faixas etárias, e também por níveis de amadurecimento: Iniciante e Básico.

INICIANTE I

As crianças que faziam parte deste nível eram aquelas que estavam iniciando no projeto “Crescendo com a Ginástica” e tinham poucas experiências anteriores com essas modalidades. Separadas por idades, formavam-se duas turmas de cada faixa

etária a partir de quatro e cinco anos de idade, uma no período da manhã e outra no período da tarde.

No nível “Iniciante I” o objetivo era oferecer vivências motoras diversificadas por meio de propostas de atividades com e sem aparelhos da GA e da GR em diferentes contextos. Os conteúdos desenvolvidos, formados por ações motoras de cada uma dessas modalidades já mencionadas, eram trabalhadas isoladamente. Ou seja, cada ação gímnica era desenvolvida sem uma combinação entre si ou com outras ações trabalhadas em aulas anteriores. As estratégias utilizadas nesse nível possibilitavam que a criança vivenciasse diferentes formas de cada ação motora com ou nos diversos aparelhos: colchões de diversos tamanhos e em diversas posições, trave de equilíbrio, aparelhos de apoio e suspensão, aparelhos alternativos criados pelas crianças, com a Bola, o Arco, com a Fita sobre a Trave, ou seja, diferentes ações propostas e não necessariamente apenas aquelas determinadas pelos fundamentos da GA e da GR.

As possibilidades de ações com ou em aparelhos da Ginástica podem ser inúmeras, e para que o professor não se perdesse neste universo de ações buscava-se ressaltar que o objetivo da aula deveria ser “concreto”, isto é, o objetivo precisava ser visualizado. As aulas não eram planejadas pensando-se apenas em aprimorar, por exemplo, o saltar, mas, buscava-se esse aprimoramento em níveis diferentes para cada pessoa. Conseguir saltar com os dois pés unidos no trampolim e aterrissar sem desequilibrar, saltar em uma distância maior, impulsionando com um pé e aterrissando com o outro pé (afastamento ântero-posterior), são exemplos de objetivos concretos. O professor, ao terminar a aula, conseguia visualizar se os seus alunos tinham atingido ou não o objetivo proposto para aquela aula.

INICIANTE II

O nível “Iniciante II” era formado por crianças a partir de seis anos de idade, que já tivessem freqüentado ao menos um semestre de aulas no nível anterior, e eram separadas por idade, seis a oito anos, nove e 10 anos e acima de 11 anos. Nessa etapa trabalhava-se com combinações das ações motoras básicas, evoluindo de acordo com a faixa etária das crianças. As combinações eram ainda desenvolvidas a partir das diferentes possibilidades com e nos materiais de Ginástica.

O objetivo desse nível era aumentar e aperfeiçoar as vivências motoras com e nos aparelhos da GA e GR através da combinação das ações gímnicas dessas modalidades em diferentes contextos. Esta situação possibilitava associar duas ou mais ações para aperfeiçoar uma delas. Por exemplo, combinando o saltar com o girar e saltar novamente, com o objetivo de melhorar a ação de saltar da criança. No Iniciante II, a combinação de ações nunca se repetia, ou se isso acontecesse, a estratégia usada seria diferente, portanto o saltar/girar/saltar poderia ser com outros aparelhos, por exemplo, da GR, ou seja, realizados por caminhos diferentes. Essa combinação de aparelhos da GR em aparelhos da GA poderia ser, por exemplo, com o tema “equilibrar”, deslocar-se bipedicamente sobre a trave de equilíbrio (aparelho de GA), executando movimentos de serpentina da “fita” (aparelho de GR), buscando um aperfeiçoamento do “equilibrar” por meio da combinação com ações motoras da GR (serpentina). Ou também, combinar ações motoras básicas da GA em um contexto diferente do gímico, como por exemplo, saltar/equilibrar-se sobre a trave de equilíbrio e desta para o solo, executando saltos com impulsão e aterrissagem nas duas pernas sobre a trave de equilíbrio e de cima para baixo, equilibrando na aterrissagem.

BÁSICO I

O nível básico era composto por crianças acima de sete anos de idade e que já haviam passado pelo nível Iniciante II ou já tivessem vivenciado a prática da Ginástica anteriormente à sua participação no projeto “Crescendo com a Ginástica”. Nesse nível, os monitores também trabalhavam, de forma combinada, as ações motoras básicas, mas estas eram vivenciadas em contexto gímico. Se nos níveis anteriores, eles podiam desenvolver a ação “equilibrar-se” e sugerir que as crianças andassem sobre a trave de equilíbrio com arcos em rotação nos braços, nessa etapa do PCG isso não aconteceria, pois de acordo com as regras da GA, o arco não é utilizado sobre a trave. Anteriormente, as crianças podiam deixar a fita no chão para executar o rolamento e recuperá-la novamente, nesse nível ela teria que lançá-la para não deixar a fita parada no chão, pois isso não faz parte do contexto gímico. Portanto, no nível básico, as características da Ginástica estão mais aparentes e as aulas voltam-se para a aprendizagem dos fundamentos da GA e da GR, muito embora todas as atividades fossem pensadas com foco no aspecto lúdico.

BÁSICO II

Esse nível completava as fases da proposta de iniciação esportiva em cada faixa etária antes de iniciar a especialização em uma das modalidades gímnicas, a partir de nove anos de idade. As duas modalidades ainda eram enfatizadas em uma mesma aula, mas apresentavam combinações mais complexas de movimento, elaboração de seqüências nos e com os aparelhos, e ainda relacionavam música e movimento na GR

e no solo da GA. Assim, como no nível anterior, as ações e as combinações estavam num contexto determinado pela especificidade da Ginástica. Em relação ao método, a fase de direcionamento das propostas que aconteciam nesse nível dispunha de maior tempo do que os momentos de exploração e de pistas. Os alunos eram estimulados a criar seqüências de movimento em cada aparelho para a elaboração de séries de Ginástica das duas modalidades.

NÍVEL DE APERFEIÇOAMENTO EM CADA MODALIDADE

No decorrer dos anos em que o PCG foi desenvolvido, surgiam crianças bastante talentosas para a GA e a GR. Porém o objetivo não era selecionar e sim oportunizar a todas as crianças a vivência desses esportes, visando seu desenvolvimento através deles, não podíamos destacar algumas das crianças dentro do grupo. Mas, para que essas crianças talentosas não se desmotivassem, organizamos dois grupos de aperfeiçoamento, um em GA e outro em GR. Para que as crianças pudessem fazer parte deste grupo elas deveriam ter, no mínimo, oito anos de idade e ter participado, ao menos um ano, no nível iniciante e no básico.

O trabalho das duas modalidades na mesma aula não era mais oferecido para esse grupo, e sim, um direcionamento maior para especialização de cada uma delas.

O surgimento deste grupo fez com que experimentássemos o conhecimento adquirido no curso de graduação sobre as questões do Treinamento em Esporte. A idéia do projeto “Crescendo com a Ginástica”, nos níveis iniciantes e básicos, era possibilitar o acesso de todas as crianças a um trabalho de iniciação na GA e GR. Havia crianças talentosas dentro do grupo, e, por essa razão, era importante oferecer a

elas o aperfeiçoamento de seus potenciais. Paralelamente a isso, os graduandos da faculdade também buscavam aperfeiçoar seus conhecimentos, estudando e acompanhando as crianças em nível de especialização esportiva e não apenas em iniciação esportiva.

A partir da criação deste nível de aperfeiçoamento, fez-se necessário o aumento do número de aulas semanais, concretizado em três vezes por semana. Foi elaborado, então, um plano de trabalho de cada modalidade voltado para o início de um treinamento esportivo, transformando esse espaço em um laboratório de aplicação do conhecimento adquirido na formação dos monitores. Havia monitores responsáveis pela parte técnica e outros pela preparação física; um que desenvolvia atividades no trampolim acrobático; estagiários da faculdade de Dança que trabalhavam com a parte coreográfica; e outros da faculdade de Educação Física que estudavam as questões psicológicas e nutricionais.

A assessoria psicológica era feita por uma estagiária do curso de Educação Física que estudava Psicologia do Esporte, buscando analisar o comportamento das crianças perante as emoções como o medo e a ansiedade vividas em aulas e situações de competição. Sem interferir, por não ser psicóloga, e sem permitir que o espaço se caracterizasse em uma clínica, a assessoria psicológica visava interpretar os comportamentos expressados pelas crianças, e com orientação do professor responsável pela disciplina que tratava dos aspectos psicológicos da FEF-UNICAMP, ela sugeria atitudes alternativas para os monitores lidarem com essas questões emocionais.

Assim como a assessoria psicológica, a preparação física, as aulas de dança, a orientação nutricional eram feitas por graduandos da FEF-UNICAMP, sempre supervisionados pelos professores de cada área.

O trabalho desenvolvido com essas crianças aconteceu aproximadamente durante três anos, e elas chegaram a participar de competições da Federação Paulista de Ginástica em nível de iniciação esportiva, tanto o grupo de aperfeiçoamento em GA como o grupo de GR.

Com o término do projeto “Crescendo com a Ginástica”, por problemas internos da FEF-UNICAMP, as crianças foram indicadas para outras instituições da cidade que desenvolviam essas modalidades.

A AVALIAÇÃO

Tanto na elaboração do projeto “Crescendo com a Ginástica” como em todo o processo de ensino e aprendizagem, a avaliação teve grande significado. Buscava-se analisar em que dimensão os objetivos do programa dos professores e de cada aula foram atingidos, até que ponto os conteúdos foram adequados à aprendizagem e se os métodos trabalhados possibilitaram que os objetivos fossem alcançados. Além disso, procurava-se avaliar as experiências vividas pelos monitores foram significativas para sua formação, uma vez que o objetivo maior do PCG era capacitar graduandos no ensino da Ginástica.

Em qualquer área de trabalho há a necessidade de uma avaliação para que se possa refletir sobre o nível de qualidade do processo, para verificar se o que se propõe

está adequado, com vistas a melhorar o desenvolvimento do mesmo. Segundo Libâneo (1994, p.195):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

O projeto “Crescendo com a Ginástica” estruturou sua avaliação em três itens:

1. Avaliação relacionada à vivência das crianças;
2. Avaliação relacionada às experiências dos monitores como prática de ensino;
3. Avaliação relacionada à estruturação do PCG.

AVALIAÇÃO RELACIONADA À VIVÊNCIA DAS CRIANÇAS

A principal avaliação dessa dimensão era feita pelo próprio monitor de cada turma, de forma contínua, durante todo o semestre, ou seja, o monitor, ao término das aulas, verificava se o objetivo da mesma havia sido atingido pelas crianças. Ao final do semestre, o monitor avaliava se a criança tinha possibilidade de mudar de nível. Essa avaliação era baseada no processo de desenvolvimento da criança em relação aos objetivos propostos em cada nível, na sua interação com as modalidades, com o grupo, com os aparelhos específicos e sua compreensão da Ginástica e suas ações.

Outra forma de avaliação era realizada pelos alunos da disciplina MH615 – Treinamento Esportivo em Ginástica Artística, os quais organizavam um evento de massificação em forma de festival de Ginástica entre as escolas, com o objetivo de

vivenciar detalhes importantes da organização de um evento da modalidade. A partir de 1995, essa disciplina deu início à COPA UNICAMP DE GINÁSTICA ARTÍSTICA, na qual eram reunidas todas as crianças do projeto “Crescendo com a Ginástica” além de outras entidades convidadas da região de Campinas.

A organização da Copa Unicamp era desenvolvida pelos alunos da disciplina MH615, pelos monitores do projeto “Crescendo com a Ginástica” e outros graduandos da faculdade que tivessem interesse em colaborar com o evento. O corpo de árbitros que atuava na Copa também era composto pelos alunos do curso de Educação Física, que, para serem qualificados, participavam de um pequeno curso com árbitros oficiais da Federação Paulista de Ginástica. A maneira de avaliar dessa competição constituía-se em uma avaliação pedagógica, visando motivar a continuidade na prática da Ginástica e a vivência de alguns aspectos presentes na situação competitiva, como o mostrar, o ser avaliado, o torcer pelos colegas, o avaliar-se e expor-se de forma adequada. Cada criança recebia um certificado e uma medalha de participação, e o professor, os resultados de desempenho de cada criança participante.

Para a realização do evento contávamos com o apoio da FEF-UNICAMP, que sempre fornecia os certificados e de algum patrocínio de comerciantes locais, o que permitia a aquisição de medalhas e brindes para as crianças.

A avaliação era feita em forma de nota atribuída à execução de cada criança nos aparelhos Solo e Salto sobre o plinto, configurando-se em um parâmetro para o professor avaliar o desempenho de cada criança do grupo e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem. É importante destacar que, em nenhum momento, as crianças eram comparadas umas com as outras, com classificação individual.

Para a modalidade de GR também era realizada a COPA UNICAMP DE GINÁSTICA RÍTMICA, tendo os mesmos princípios pedagógicos do evento de GA.

Todo final de semestre havia uma apresentação de GR com seqüências coreográficas de cada turma, com a intenção de mostrar aos responsáveis, que eram convidados, assim como à coordenação do PCG, os elementos gímnicos que as crianças já conseguiam executar.

Esses momentos das apresentações de finalização de semestre, de coreografias tanto de GA quanto de GR, proporcionavam às crianças possibilidades de desenvolver o “mostrar” como uma das “dimensões múltiplas da atividade gímnica”, apresentada por Jaques Leguet (1987), contendo características específicas. As modalidades gímnicas são praticadas com o intuito de serem mostradas, e isso é comprovado à medida que se observa o prazer das crianças em conseguirem mostrar para alguém seu desempenho ao “virar uma Estrela”, ou ainda ao executar uma Parada de mãos. Apresentar-se faz parte do contexto das modalidades gímnicas e deve ser proporcionado às crianças desde que seja de forma adequada à sua faixa etária, ao seu nível de habilidade e que estimule a sua motivação para continuar participando dessas atividades, sem constrangê-las.

AVALIAÇÃO RELACIONADA ÀS EXPERIÊNCIAS DOS MONITORES DA PRÁTICA DE ENSINO

A outra avaliação desenvolvida no projeto “Crescendo com a Ginástica” era em relação à atuação dos monitores. Estes eram avaliados continuamente pela coordenação do projeto por meio de seus registros das aulas, que continham seus planejamentos e suas observações sobre o desenvolvimento de cada aula (Anexo A). Além disso, os monitores também eram avaliados pelos responsáveis dos alunos das aulas de Ginástica, que dessa forma ofereciam um retorno à Universidade, sobre os estudantes que ministravam as aulas do projeto oferecido à comunidade.

AVALIAÇÃO RELACIONADA À ESTRUTURAÇÃO DO PCG

Como se tratava de um projeto de extensão à comunidade e ao mesmo tempo de prática de ensino dos graduandos, havia a preocupação em relação à avaliação externa à Universidade, ou seja, a avaliação da comunidade que usufruía das aulas de GA e GR. Por ser um projeto, sabia-se que durante o desenvolvimento do mesmo, este teria que ser modificado e transformado a partir das dificuldades e dos problemas encontrados pelo caminho. O projeto foi estruturando-se no decorrer dos anos pelo auxílio de sugestões e observações dos responsáveis e das próprias crianças, que todo final de semestre recebiam uma folha para avaliação do projeto em relação à sua estrutura, aos monitores (citado no item anterior) e ao desenvolvimento das crianças (Anexo B). Dessa forma podia-se sempre reavaliar o PCG e fazer as devidas modificações em sua estrutura organizacional para cada reinício.

A avaliação do PCG também era feita pelos seus monitores, pois havia a preocupação em saber se o espaço oferecido aos graduandos para a prática de ensino estava sendo adequado e relevante para sua formação profissional. Dessa forma, os alunos avaliavam a relevância da participação no projeto para sua formação e sugeriam também modificações na estrutura e na orientação do mesmo (Anexo C). A estrutura dos níveis iniciante e básico surgiu a partir de sugestões dos próprios graduandos.

PCG COMO UM PROJETO DE ENSINO

Muitos estudantes de Educação Física da FEF-UNICAMP não imaginavam que pudessem trabalhar com Ginástica em sua trajetória profissional. Há depoimentos em que declaram que, a partir da experiência vivida no PCG envolveram-se de tal modo com as modalidades que, após concluírem a graduação, continuam trabalhando com Ginástica em escolas, clubes e/ou academias. O fato vem comprovar que um projeto de extensão à comunidade pode ser um projeto de ensino à medida em que oportuniza aos graduandos orientações pedagógicas, discussões, leituras e aprofundamentos de seus conhecimentos, auxiliando assim o processo de aprendizagem do ato de ensinar GA e GR.

Cada turma de crianças tinha um monitor responsável e mais um ou dois estagiários (auxiliares), que eram os estudantes que queriam fazer parte do projeto, mas que para assumir uma turma deveriam ter cursado, obrigatoriamente, a disciplina do núcleo básico de GA e GR do primeiro semestre de graduação, e fazer mais um semestre de estágio auxiliando algum monitor nas aulas. Além disso, era obrigatória a

sua presença nas reuniões pedagógicas que aconteciam quinzenalmente durante o semestre e nos cursos de aperfeiçoamento técnico que ocorriam no início de cada semestre.

Esses encontros pedagógicos com duração de uma hora eram divididos em dois momentos: no primeiro, cada monitor relatava como suas aulas estavam sendo desenvolvidas, quais os problemas detectados, que, em geral, eram relacionados à didática, como por exemplo: dificuldades de relacionamento monitor/aluno; dificuldades em controlar a disciplina entre os alunos; dúvidas sobre os procedimentos adequados para agir em determinados casos com as crianças; meios para estimular a motivação delas em determinadas atividades; buscar orientações de planejamentos de aulas; problemas relacionados à heterogeneidade das turmas; além de outros problemas que surgiam na prática de ensino. Outros aspectos levantados ainda no primeiro momento da reunião eram relacionados ao desenvolvimento da técnica de determinados fundamentos ginásticos, exercícios educativos para facilitar a aprendizagem e as dificuldades de aprendizagem apresentadas por algumas crianças na realização de determinados elementos. A orientação vinha tanto da coordenação como dos outros monitores, trocando experiências acontecidas com casos semelhantes. Além desses aspectos discutia-se também as questões funcionais, como organização do espaço, dos materiais, e os informativos de comunicação com os seus responsáveis, entre outras considerações que envolvem o desenvolvimento de um projeto de extensão.

No segundo momento da reunião pedagógica, a coordenação trazia algum tema a ser discutido ou alguma pessoa para expor um assunto de maneira informal para auxiliar os monitores no desenvolvimento de suas aulas. Portanto, as reuniões destinavam-se aos próprios monitores, permitindo não só que eles expusessem e

trocassem experiências de suas práticas de ensino, mas que ampliassem as possibilidades de trabalhar com os fundamentos, desenvolvendo atitudes, procedimentos e métodos para suas aulas.

Os cursos de aperfeiçoamento técnico eram desenvolvidos por outros professores da faculdade que ministravam palestras sobre sua área de conhecimento no contexto da Ginástica, como por exemplo: a questão da motivação das crianças na aulas; o trabalho de montagem de coreografias; aperfeiçoamento da técnica dos elementos da GA e da GR; planejamentos de aulas em grupo; entre outros. Em geral, esses cursos duravam 40 horas e aconteciam no início de cada semestre.

Os planejamentos e os relatórios de aulas eram obrigatórios, devendo ser entregues nas reuniões quinzenais.

As trocas de experiências foram muito significativas transformando-se em verdadeiras aprendizagens, pois refletíamos sobre todo o desenvolvimento das aulas, com a intenção de fornecer subsídios para os monitores inexperientes, ou ainda para aqueles sem vivência nessas modalidades.

O projeto “Crescendo com a Ginástica” proporcionou a muitos ex-alunos da Faculdade de Educação Física da UNICAMP a oportunidade de atualmente trabalharem com Ginástica Artística e Ginástica Rítmica após sua graduação, despertando neles, em suas atividades de prática de ensino na Universidade, o interesse e a possibilidade de atuarem nessa área, mesmo não tendo vivenciado essa modalidade anteriormente. Além disso, essa experiência abriu oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas de iniciação científica, trabalhos monográficos e dissertações pautados no PCG.

PCG COMO PROJETO DE PESQUISA

No decorrer dos anos o projeto “Crescendo com a Ginástica” acabou se tornando também um projeto de pesquisa, pois os monitores do projeto formaram um grupo de estudos no qual eram discutidas as questões específicas da área da Ginástica, gerando a Equipe Universitária de Estudos da Ginástica (EUNEGI), coordenado pela professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo. A partir desse grupo, outros monitores e graduandos também se interessaram por esse tema e por problemas levantados nas reuniões de grupo e nas aulas, o que gerou muitos trabalhos científicos na FEF-UNICAMP, como: monografias de conclusão de curso, projetos de iniciação científica e/ou apresentação de temas livres em congressos, capítulo de livro e até dissertações de pós-graduação foram desenvolvidos a partir das experiências vividas neste projeto (Anexo D).

O EUNEGI, elaborou ainda um projeto intitulado “A Ginástica vai à escola”, criando um convênio com a Prefeitura Municipal de Campinas para possibilitar que esse trabalho desenvolvido no PCG pudesse ser vivenciado por crianças em aulas de Educação Física nas escolas municipais. Todo o projeto de pesquisa foi amplamente discutido e elaborado, não sendo concretizado por dificuldades da Prefeitura em encontrar meios que pudessem viabilizá-los.

Assim, estabeleceu-se a prática de ensino dos graduandos, o acesso da comunidade à Universidade e o desenvolvimento de pesquisas, configurando-se num exemplo de Projeto de extensão, ensino e pesquisa na Universidade.

Com base na experiência vivida, relatada nesse texto, partimos para percorrer um caminho que possa levar o PCG a ser desenvolvido em aulas de Educação Física pelos próprios professores dessa disciplina na escola.

O CAMINHAR METODOLÓGICO

[...] é preciso buscar o caminho mais apropriado para alcançar o saber, e quando se trata de saber mais alto, o caminho ou circuito maior, já que o mais curto seria inadequado para tão elevado fim. (HÜHNE, 1995, p.155).

A abordagem metodológica deste estudo parte do entendimento “do quê” se pretende para então definir “como fazer”. Sendo assim, neste trabalho que tem a intenção de possibilitar a inserção da Ginástica na escola, não nos interessa os valores quantitativos ou estatísticos sobre o assunto, mas entender quais são as dificuldades para o desenvolvimento desse tema na realidade escolar para então oferecer reais alternativas.

A preocupação deste estudo está na qualidade da Ginástica quando inserida na escola e na maneira como este tema será desenvolvido para as crianças. Chizzotti (2001, p.79) disserta que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Essa pesquisa foi desenvolvida tendo “um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (MENGA; ANDRÉ, 1986, p.11).

Na pesquisa qualitativa o observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2001, p.79).

Em abordagens qualitativas o estudo vai se delimitando no decorrer de seu desenvolvimento, pois os fatos reais, as interações sociais fazem surgir as questões acerca do assunto, as dificuldades vão sendo apontadas e a partir destes dados surgem as possibilidades de desenvolvimento da proposta para as reais condições. Antes de se pesquisar, de ir até o sujeito e seu ambiente, não se sabe o que se encontrará, você tem uma hipótese dos acontecimentos, mas isto só se confirma ou não no decorrer da pesquisa, muitas vezes nos levando para caminhos diferentes dos imagináveis no início da mesma.

LEVANTAMENTO DE DADOS

As técnicas de levantamento de dados utilizadas no presente estudo foram de documentação direta e indireta.

A documentação indireta é a fase da pesquisa em que se procura os conhecimentos prévios acerca do assunto, ou seja, as referências teóricas que embasam o desenvolvimento da pesquisa. Esta técnica de levantamento de dados pode ser feita de duas maneiras: a **pesquisa bibliográfica** e a **pesquisa documental**, as quais serão utilizadas nesse estudo.

A documentação direta constitui-se no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Sendo os fenômenos desta pesquisa as aulas de Ginástica na Educação Física, os sujeitos são os professores e alunos, e a escola é o local onde ocorrem as aulas. A documentação direta pode ser obtida de duas formas:

pesquisa de campo e pesquisa de laboratório. Nessa pesquisa utiliza-se como forma de documentação direta, a **pesquisa de campo**.

DOCUMENTAÇÃO INDIRETA:

❖ PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

“A pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”, (LAKATOS; MARCONI, 1986, p.183). Este tipo de pesquisa auxilia na busca do conhecimento mais amplo sobre o assunto, embasando teoricamente o estudo de um determinado tema, propiciando inclusive novos “olhares” sobre as publicações existentes na área.

As referências bibliográficas desta pesquisa estão pautadas nas publicações de Educação Física escolar, sob a perspectiva da Ginástica na escola, apresentadas em livros, teses, dissertações e resumos em anais que abordam o projeto “Crescendo com a Ginástica”.

❖ PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental é caracterizada principalmente pela coleta de documentos, escritos ou não, o que se denomina de fontes primárias, podendo ser feita no momento em que o fato ocorre, ou depois. Os arquivos e documentos que serão analisados neste estudo pertencem ao projeto “Crescendo com a Ginástica”, que foram armazenados durante os dez anos de sua existência. Os dados relacionam-se:

- à preparação das aulas de Ginástica;
- à preparação dos monitores que ministravam as aulas com cursos semestrais de formação técnico-pedagógica;
- aos objetivos propostos;
- às observações feitas nos planejamentos de aula pelos monitores;
- às observações de responsáveis e das crianças que participavam do PCG.

DOCUMENTAÇÃO DIRETA:

❖ PESQUISA DE CAMPO

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS; MARCONI, 1986, p.186).

Neste estudo, o objetivo da pesquisa de campo visa conhecer a realidade das aulas de Educação Física a fim de detectar as dificuldades no desenvolvimento da GA e da GR no ambiente escolar. Procurou-se obter informações sobre os problemas causados por essa prática, buscando as soluções no desenvolvimento deste estudo.

Os sujeitos ora analisados são professores de Educação Física de escolas da redes de ensino municipal, estadual e particular de Campinas e região. “Como sujeitos da pesquisa, identificam seus problemas, analisam-nos, discriminam as necessidades prioritárias e propõem as ações mais eficazes”, (CHIZZOTTI, 2001, p.83). Foi exatamente o que se buscou levantar nessa etapa da pesquisa de campo.

Para tal realização foram necessárias quatro etapas: a elaboração e desenvolvimento de um curso preparatório para os professores de Educação Física das três redes de ensino de Campinas e região, com a intenção de subsidiá-los em relação à aplicação da Ginástica na escola; uma segunda etapa para orientação destes professores, ocorrida posteriormente ao curso, ao longo de um semestre como uma assessoria pedagógica; observações das aulas de Ginástica ministradas por esses professores; e, num outro momento, foram realizadas entrevistas com os professores com o intuito de se obter mais dados em relação à esta experiência.

ELABORAÇÃO DO CURSO “CRESCENDO COM A GINÁSTICA”

Nesse curso, o objetivo foi estabelecido no sentido de oferecer subsídios aos professores para que pudessem desenvolver a prática da GA e da GR em suas aulas de Educação Física, e que, com isso, fosse possível analisar quais as dificuldades encontradas por eles a partir das observações e das entrevistas.

O curso foi oferecido gratuitamente aos professores nas dependências da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, e foi baseado no próprio curso de formação que era oferecido aos monitores do projeto “Crescendo com a Ginástica”, a cada semestre. Foi elaborado com aulas práticas e teóricas, relevantes para o desenvolvimento da Ginástica numa perspectiva educacional, abordando os seguintes tópicos:

- **apresentação do projeto “Crescendo com a Ginástica”** – para que os professores entendessem como se desenvolvia este projeto, mostrou-se a possibilidade do trabalho diferenciado pedagogicamente para iniciação nas modalidades de GA e GR. A convidada para ministrar esta palestra foi a professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo, professora que implantou e coordenou o projeto “Crescendo com a Ginástica” durante os seus dez anos de desenvolvimento na Faculdade de Educação Física da UNICAMP;
- **a importância da GA e GR para o desenvolvimento da criança:** tópico oferecido com o objetivo de mostrar aos professores do curso, de acordo com autores estudiosos do desenvolvimento motor, a importância desse estímulo por meio da GA e da GR. Essa aula foi ministrada pela própria pesquisadora, face

aos estudos desenvolvidos em sua monografia de conclusão de graduação sobre o tema, acrescido da sua vivência durante os anos como monitora do projeto “Crescendo com a Ginástica” na graduação e como vice-coordenadora do mesmo projeto após sua graduação;

- **motivação nas aulas de Educação Física:** tema discutido para subsidiar os professores na questão da estimulação à auto-motivação dos alunos em aulas de Educação Física e mais especificamente com o trabalho de Ginástica, desenvolvido pela professora Suzana Bastos Koren;
- **Aspecto lúdico nas aulas de Educação Física:** tema que permeia a filosofia do trabalho desenvolvido no PCG, ministrado pela professora doutora Elaine Hirama, cujo foco de estudo são as manifestações de emoção das crianças vividas na aulas de Educação Física;
- **padrões básicos de movimento da Ginástica:** fundamentos básicos da GA, ministrado pela professora doutora Myrian Nunomura, da Escola de Educação Física da USP, que se aprofundou nesse assunto em seu doutoramento;
- **os conteúdos da Ginástica Rítmica e um paralelo com a teoria de César Coll:** introdução teórica à Ginástica Rítmica em aplicação com a teoria desse autor muito citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Aula ministrada pela professora mestra Eliana de Toledo, cuja dissertação de mestrado trata deste mesmo tema;
- **método de ensino desenvolvida no projeto “Crescendo com a Ginástica”, tendo como embasamento os estudos de Vigotsky:** explicação sobre os métodos de ensino utilizados no PCG e suas aplicações nas aulas de Educação Física. A professora doutora Marília Velardi foi convidada para desenvolver este

tema, que foi sistematizado em sua dissertação de mestrado e constitui-se no método desenvolvido no projeto “Crescendo com a Ginástica”;

- **aulas práticas de GR:** aprendizagem dos primeiros passos da GR com seus materiais específicos. A professora convidada foi a mestra Eliana de Toledo, que já foi técnica dessa modalidade, assim como ex-monitora e vice-coordenadora do projeto “Crescendo com a Ginástica”;
- **aulas práticas de GA:** ministradas pelas professoras Suzana Bastos Koren, professora de GA, e Laurita Marconi Schiavon, ex-técnica dessa modalidade, ex-monitora e vice-coordenadora do PCG;
- **orientação para Planejamento de aulas de Ginástica para escola:** com o objetivo de focalizarmos os temas tratados durante o curso que estão voltados para uma aplicação da Ginástica na escola em forma de planejamento de aulas de Educação Física escolar, de acordo com a realidade de cada professor. Esse tópico foi desenvolvido pelas professoras Nista-Piccolo e Laurita Marconi Schiavon.

DIVULGAÇÃO E INSCRIÇÃO DO CURSO

Após a elaboração do conteúdo do curso, iniciou-se o processo de divulgação do mesmo para os professores das três redes de ensino, tendo sido confeccionados cartazes sobre o curso.

A divulgação para a rede estadual foi feita através de convites entregues às Assistentes Técnicas Regionais de Educação Física das duas regiões de Campinas,

leste e oeste, tendo sido muito efetiva. Para os professores da rede municipal, a divulgação foi feita mais próxima à data de início do curso pela Secretaria de Educação de Campinas, devido ao prazo de aprovação da mesma. Já para as escolas particulares, o cartaz foi entregue pessoalmente em cada uma das escolas.

As inscrições foram feitas por telefone, e-mail ou diretamente no Departamento de Educação Motora da Faculdade Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, durante o prazo de um mês, e o critério utilizado para encerramento das inscrições foi o limite de vagas, sendo estabelecido o número máximo de 60 vagas. O número estabelecido deveu-se ao espaço adequado para o recebimento destes professores dentro da qualidade proposta pelo curso, tendo sido preenchidas todas as vagas até o último dia de inscrição.

A REALIZAÇÃO DO CURSO

O curso “Crescendo com a Ginástica” foi oferecido gratuitamente no período de férias escolares, na semana de 9 a 14 de julho de 2001, totalizando 40 horas/aula, visando uma maior aproximação com os professores de Educação Física das escolas públicas e particulares de Campinas e região, oferecendo conhecimento básico de Ginástica escolar, de acordo com os tópicos citados acima na elaboração do curso. Durante as aulas práticas, tivemos a preocupação em desenvolver o próprio método de ensino que estavam aprendendo para posterior aplicação com seus alunos, não sendo transmitida apenas a técnica dos exercícios da Ginástica, mas sim a forma como poderiam ser ensinados.

O curso foi realizado nas dependências da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e efetivamente não foram todos os sessenta professores inscritos que compareceram, mas afinal contou-se com a presença de 34 professores durante toda a semana, os quais participaram ativamente de todas as atividades, demonstrando muita motivação e vontade de aprender o conteúdo proposto.

Foi distribuído um questionário no início do curso (Anexo D) para termos idéia do público que havíamos alcançado com a nossa divulgação, e qual o conhecimento e experiência anterior que possuíam. Além de dados pessoais, foi perguntado onde lecionavam, há quanto tempo; se já haviam trabalhado com a Ginástica em seus conteúdos escolares; se tinham alguma experiência com a Ginástica anterior a este curso; se tinham interesse em aplicar este conteúdo em suas aulas; qual a expectativa em relação ao curso; se existiam materiais destas modalidades em suas escolas; e qual a disponibilidade de espaço que possuíam para o desenvolvimento de suas aulas.

Dos participantes do curso havia sete professores que atuavam em escolas municipais, 18 em escolas estaduais e nove de escolas em particulares, sendo alguns profissionais recém formados e outros que lecionavam há muito tempo, alguns com 30 anos de experiência, formando um público bastante heterogêneo. Poucos professores não tinham tido nenhuma experiência com GA e GR, mas a maioria vivenciou essa modalidade durante o curso de graduação. Muitos já haviam ensinado Ginástica nas aulas de Educação Física, mas, de acordo com as respostas apresentadas nesse primeiro questionário, observa-se que ansiavam por maiores conhecimentos, e principalmente, como conquistar as crianças para essas aulas, buscando encontrar formas para deixar as aulas mais prazerosas e motivantes. Além disso, interessavam-se em saber como adaptar materiais para as aulas de Ginástica em suas escolas.

Em relação a esse tópico, apenas quatro escolas não possuíam material algum, sendo duas escolas municipais e duas estaduais. Um terço das escolas que os professores disseram ter possuía colchões, plintos, arco, bola, maçã e/ou corda. E outros, ainda, citaram ter bastões, bancos suecos, fita, trampolins e trave de equilíbrio. Apenas um professor de escola estadual e outro de escola municipal, disseram não ter espaço mínimo para o desenvolvimento das aulas.

No encerramento do curso, alguns professores se mostraram interessados em continuar o curso, dizendo que apesar de ser durante as férias, se o curso tivesse mais uma semana eles continuariam muito motivados. Isso mostrou que o trabalho desenvolvido com métodos próprios, fez com que estivessem motivados todo o tempo e percebessem como pode ser prazeroso o aprendizado destas modalidades, se forem ensinadas de uma forma lúdica, com finalidades educativas, respeitando aspectos importantes da individualidade das pessoas.

AVALIAÇÃO DO CURSO

A intenção desde o início sempre foi “criar possibilidades” para os professores para “a construção ou a produção de conhecimento”, (FREIRE, 1996), acerca de uma Ginástica possível e a motivação apresentada pelos professores no encerramento do curso pode revelar o alcance desse objetivo, por meio dos depoimentos que expressavam aspectos sempre ligados à palavra motivação.

Elaboramos uma avaliação escrita do curso (Anexo E), na qual os professores puderam avaliar todo o curso, de acordo com os seguintes aspectos:

- em relação aos professores do curso;
- em relação aos conteúdos abordados;
- em relação à estrutura do curso;
- se o curso havia atendido sua expectativa inicial;
- espaço aberto a críticas e sugestões.

Após as avaliações, deu-se início às outras etapas da pesquisa de campo, oferecendo aos professores interessados um acompanhamento para as aulas de GA e GR na escola, em encontros para orientações pedagógicas (assessoria pedagógica), além das observações feitas nas escolas para poder orientá-los individualmente, também.

ASSESSORIA PEDAGÓGICA

A assessoria pedagógica oferecida aos professores interessados foram previamente agendadas.

Num primeiro momento, muitos professores motivados, com a finalização do curso disseram ter interesse em continuar com a proposta, recebendo orientações para as suas aulas de Ginástica nas escolas, mas efetivamente, poucos compareceram no primeiro encontro e assumiram o compromisso de reuniões mensais em busca do aperfeiçoamento de suas aulas.

Os encontros de assessoria pedagógica aconteceram durante todo o segundo semestre de 2001, mensalmente, nos quais se discutia as dificuldades encontradas no

desenvolvimento das aulas de Ginástica na escola; eram sugeridas possíveis soluções; eram oferecidas e discutidas orientações sobre como trabalhar em escolas sem material e com material; e se fazia o planejamento de aulas em grupo. O objetivo principal desses encontros era a troca de experiências, apresentando os problemas e oferecendo diferentes possibilidades de aplicação da GA e da GR em suas aulas para dar maior segurança ao professor.

Os temas desenvolvidos nesses encontros com os professores foram: métodos de ensino da Ginástica; elaboração de coreografias; uso de materiais alternativos ou adaptação de materiais; planejamento de aulas em grupo; discussões de problemas surgidos em aula; e sugestões para resolução desses problemas.

OBSERVAÇÃO DAS AULAS

“A experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno”, (MENGA; ANDRÉ, 1986, p.26).

Após o segundo encontro com os professores foram iniciadas as visitas às suas respectivas escolas para a observação das aulas e dos procedimentos adotados pelos professores.

As características de observação utilizadas foram: sistemática, não participante, individual e na vida real (LAKATOS; MARCONI, 1986). Ou seja:

- **sistemática**, porque foram realizadas em condições controladas, na qual o observador sabe o que procura. As normas dessas observações não foram padronizadas nem rígidas demais;

- **não participante**, porque o observador tem contato com a comunidade que será estudada, mas sem integrar-se a ela, permanecendo de fora. Presencia o fato, mas não participa do mesmo. (A equipe esteve presente no local das aulas e fomos apresentados às crianças na posição de observador);
- **individual**;
- **na vida real**, pois as aulas observadas aconteceram em situações reais, no cotidiano normal da escola, não se configurando como uma pesquisa de laboratório;

A técnica de observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade e o observador precisa examinar o que observa, não apenas ouvindo e vendo, mas interpretando os fatos no contexto em que está inserido. “A fidelidade, no registro de dados, é fator importantíssimo na pesquisa científica” (LAKATOS; MARCONI, 1986, p.169).

Estas observações aconteceram durante todo o segundo semestre de 2001, sendo em média uma vez a cada quinze dias em cada escola e tendo como foco principal os seguintes tópicos:

- conteúdos de Ginástica desenvolvidos nas aulas de Educação Física;
- métodos de ensino das aulas de Ginástica;
- participação dos alunos;
- relação professor/aluno;
- infra-estrutura para as aulas;
- apoio da direção da escola;
- motivação expressada pelos alunos nas aulas de Ginástica.

As aulas foram todas registradas, sendo orientadas após o término de cada uma, surgindo uma assessoria individual durante as visitas para observação. As escolas cujos professores se interessaram no acompanhamento e orientação do trabalho foram: três municipais, três estaduais e uma particular. A seguir, algumas fotos ilustram o desenvolvimento das aulas em duas dessas escolas:



Fig.2 – Aula de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica realizada durante a pesquisa de campo em escola municipal.



Fig. 3 – Aula de Ginástica Artística realizada durante a pesquisa de campo em escola municipal



Fig. 4 – Aula de Ginástica Rítmica realizada durante a pesquisa de campo em escola municipal

ENTREVISTAS

Na pesquisa de campo, além da observação foram realizadas entrevistas com os professores, caracterizando-se uma observação direta intensiva, ou seja, o uso de duas técnicas conjuntamente.

Um dos aspectos importantes da observação direta intensiva é o fato de notar problemas anteriormente não pensados. Os problemas surgem nas aulas, nas respostas às perguntas do pesquisador, nos comentários espontâneos dos professores, na falta de coerência do discurso com a prática; e passa-se a entender o contexto estudado, os problemas que são apresentados pelos professores, levando a pensar soluções possíveis para o estudo que se está propondo.

Entre os objetivos científicos de uma entrevista está a averiguação de fatos, ou seja, saber se as pessoas possuem determinada informação e se a compreenderam. Podemos ainda saber qual a conduta da pessoa no passado, no presente, e que tipo de conduta poderá ter no futuro, por meio de suas palavras.

O tipo de entrevista utilizado nesta pesquisa foi a despadronizada ou não estruturada.

O entrevistado tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal (LAKATOS; MARCONI, 1986, p.197).

Na modalidade entrevista, utilizou-se a focalizada, na qual existe um roteiro de tópicos relativos ao problema e o entrevistador tem liberdade de fazer perguntas não obedecendo a uma estrutura formal.

As entrevistas foram feitas em cada escola citada anteriormente, após terem ocorrido no mínimo três aulas sobre o tema da Ginástica para que o professor já tivesse elementos para serem colocados em relação à aplicação desse tema nas aulas de Educação Física, antes ou após a aula, durante aquele semestre.

Os temas abordados foram em relação ao conhecimento do professor sobre as questões da Ginástica, anterior e após o curso, e quais as modificações feitas nas suas aulas a partir da realização do curso.

REDUÇÃO DOS DADOS

Imaginação e criatividade são, então, pontos fundamentais em um projeto de educação que tenha como objetivo a formação de pessoas que não apenas aprendam os conhecimentos elaborados pela humanidade como verdades absolutas e imutáveis, porém, que saibam refletir e que se sintam capazes de interferir sobre esses conhecimentos, reelaborando-os (FIAMONCINI; SARAIVA, 2001, p.98)

Toda pesquisa qualitativa exige que a partir das descrições dos dados, obtidos nesse estudo por meio de diferentes técnicas se possa chegar à essência do fenômeno estudado. Para isso é preciso um segundo passo, a redução.

Todas as técnicas desenvolvidas nessa pesquisa de campo (questionários, avaliações, assessoria pedagógica, observações e entrevistas), somados às múltiplas formas de contato com os professores, serviram para conhecer as reais dificuldades da

aplicação dessas modalidades na escola, ou seja, analisar o problema levantado nessa pesquisa em sua essência.

Numa primeira análise, nesse momento da redução, é possível sintetizar que:

1. Em relação à realização do curso para os professores da rede de ensino, foram aplicados os questionários, buscando conhecer os dados gerais em relação à experiência e conhecimento anterior do professor; identificar se já haviam trabalhado com estes temas; conhecer a estrutura física da escola além das expectativas desses profissionais em relação ao curso. Além disso, foi feita uma avaliação do curso para compreender a importância que o mesmo teve para os professores, reconhecendo se as suas expectativas haviam sido alcançadas; e ainda detectar quais temas gostariam de se aprofundar mais, recebendo críticas e sugestões sobre todo o desenvolvimento do curso. Todos os dados foram computados e transformados em tópicos mais relevantes no olhar do pesquisador.

2. Em relação à assessoria pedagógica, a orientação foi oferecida a um grupo de professores que se mostrou interessado e disponível para tal. Somente cinco professores conseguiram adequar seus programas curriculares à proposta de oferecer Ginástica em suas aulas e, portanto, se dispuseram durante os quatro meses seguintes, em sete escolas⁵, a receber orientações para a aplicação dessa modalidade, discutindo suas dificuldades. Os dados coletados nessas assessorias foram registrados para interpretações gerais em forma de categorias.

3. Em relação às observações feitas, essas foram desenvolvidas em média três em cada uma das sete escolas que participaram das orientações. Todas elas foram

⁵ Dois professores ministravam aulas em duas escolas que fizeram parte da pesquisa de campo. Devido a esse fato, o número de professores é menor do que o número de escolas pesquisadas.

registradas por meio de gravação e posteriormente transcritas para o papel. As descrições foram reduzidas em unidades de significado.

4. Em relação às entrevistas com os professores de cada escola pesquisada, essas foram realizadas sempre após três aulas de Ginástica para que pudessem falar sobre os pontos positivos e as dificuldades encontradas nessas aulas. Os dados levantados foram reduzidos em categorias.

Todos esses dados foram pontuados criteriosamente e interpretados, não se perdendo o foco das dificuldades que os professores encontraram para desenvolver a proposta de GA e GR na escola. A partir dos conteúdos apresentados, dos métodos vivenciados por eles no curso e das avaliações desenvolvidas em todo o programa na escola, a idéia que se formou foi a de compor uma sistematização dessa proposta adequada à realidade escolar encontrada nos diferentes tipos de escola, oferecendo alternativas de acordo com os problemas mais significativos levantados pelos professores na pesquisa de campo.

Na busca de sintetizar as unidades de significado, elencadas a partir da leitura da descrição de todos os dados, foi possível perceber que havia uma convergência para três grandes aspectos:

- INFRA-ESTRUTURA, ESPAÇO E MATERIAIS: fator bastante levantado pelos professores nos questionários e entrevistas, e observado nas aulas de Ginástica nas escolas. Existe um grande interesse por parte dos profissionais em relação à solução desse problema, uma das razões da desmotivação dos profissionais no desenvolvimento da G.A. e da G.R. na escola.

- MÉTODO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO: aspecto citado nas entrevistas e nos questionários pelos professores, afirmando não saber “como” ensinar determinados elementos gímnicos, tendo ficado muito claro nas observações da pesquisa de campo, a dificuldade que alguns professores apresentam em criar instrumentos de ação pedagógica. E ainda, dificuldade na organização das aulas de Ginástica e de quebrar paradigmas em relação aos métodos tradicionais de treinamento esportivo. Isso gerou, muitas vezes, desmotivação por parte dos alunos e, conseqüentemente, do professor.
- CONTEÚDOS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA E DA GINÁSTICA RÍTMICA: principal dificuldade dos professores, pois não conhecem os conteúdos procedimentais da ginástica além dos rolamentos. Os professores não oferecem diferentes possibilidades de aprendizagem para que os alunos possam atingir níveis mais complexos. Não enxergam outros conteúdos além dos procedimentais, ou melhor, torna-se difícil perceber como conteúdos conceituais podem facilitar a compreensão do movimento.

Esses três tópicos, no próximo momento de análise, devem ser interpretados à luz dos princípios pedagógicos das teorias da Educação Física escolar e embasados pelos autores que fundamentaram o desenvolvimento do PCG.

A interpretação dos dados acontece a seguir em cada uma dessas três categorias encontradas na redução, e a partir disso serão apontados os caminhos para a GA e a GR com as devidas adaptações ao ambiente escolar.

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A interpretação dos dados dessa pesquisa significa descrever as dificuldades encontradas, em suas respectivas categorias, analisando-as sob a luz das teorias estudadas e ao mesmo tempo apresentar possibilidades de soluções aos problemas elencados. Torna-se, portanto, um momento de análise mais significativo desse trabalho pois, sintetiza as propostas de atividades gímnicas direcionadas ao ambiente escolar.

Todas as alternativas apresentadas a seguir partiram de reflexões sobre as dificuldades trazidas pelos próprios professores em questionários e entrevistas, bem como nas observações das aulas.

INFRA-ESTRUTURA, ESPAÇO E MATERIAIS

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. (...) constatando nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 1996, p.85-86).

A dificuldade em obter os materiais de GR e principalmente os de GA representa uma freqüente queixa dos professores de Educação Física que trabalham na área escolar. Não apenas nessa pesquisa, conforme constatado, mas em outros estudos sobre a aplicação da Ginástica, é bastante comum ver esse fator ressaltado como uma grande dificuldade de se difundir essas modalidades no ambiente escolar.

Estou consciente de que a Ginástica Artística não tem relevância nas diversas escolas brasileiras ou, melhor dizendo, não pode ter mais relevância, porque não existem condições espaciais e materiais para isso. (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001, p.49-50)

Entre os vários estudos existentes, o de Nista-Piccolo (1988) verificou que de 100 escolas de Campinas/ SP que colaboraram com seu estudo, entre elas:

- ✓ seis escolas particulares,
- ✓ 25 escolas municipais,
- ✓ 69 escolas estaduais,

apenas 29 escolas disseram ter material de GA, 44 de GR, 36 tinham material de atletismo, 70 tinham materiais não específicos de modalidades esportivas e 97 disseram ter materiais de esportes coletivos. Por meio desse estudo pôde-se perceber que os materiais de esportes coletivos existem em número muito superior aos de outras

modalidades, o que pode representar a preferência dos professores pelos esportes coletivos ao requisitarem para a escola materiais de Educação Física.

Na maioria das vezes a ausência de materiais de Ginástica ou a pouca quantidade do mesmo é reflexo da falta de conhecimento do profissional da área em relação a essas modalidades, pois em muitas instituições a verba destinada à compra de materiais de Educação Física é oferecida aos professores dessa área e os mesmos definem quais materiais devem ser comprados. O desinteresse por modalidades gímnicas é muito influenciado pela falta de conhecimento e de vivência desses temas, o que tem como consequência a falta de pedidos de materiais de Ginástica.

Se refletirmos sobre a possibilidade concreta de compra de materiais na maioria das escolas, parece-nos que há diferentes problemas como, o financeiro, que impede a compra de materiais adequados, e o desinteresse dos professores em desenvolver essas modalidades, pois se é possível comprar bolas, também é possível comprar colchões. Saber dividir a verba que se possui para as diversas modalidades e temas da Educação Física e não apenas para alguns esportes que o professor gosta é um fator imprescindível.

Outra questão que gera desinteresse do professor não só pela Ginástica em si, mas pela Educação Física escolar de uma forma mais ampla é a falta de apoio da direção da escola. Foi possível notar que as escolas que tinham o apoio da direção, inclusive na participação das entrevistas dessa pesquisa de campo, prestigiando as apresentações que as crianças fizeram com a GA e a GR, elogiando os seus professores, enfim, cumprindo o seu papel de apoiar diferentes propostas educativas, essas escolas tinham mais material e principalmente professores mais motivados para adaptar os materiais. Buscavam até mesmo emprestar de outro local, fazendo todo o

possível para não deixar de oferecer essas modalidades. Já nas escolas em que a direção não foi sequer percebida no ambiente, os professores falavam da falta de apoio e estrutura da direção da escola, da falta de valorização do profissional, fatores que com o passar dos anos fazem minguar as forças dos professores idealistas que buscam desenvolver atividades adequadas aos seus alunos. Esses professores, após muitas dificuldades e sem respaldo algum da direção da escola, acabam desistindo, perpetuando o cômodo “trabalho” de apenas “dar a bola” aos seus “alunos”. Sobre esse assunto Pérez Gallardo (2000, p.135), escreve:

Existe uma tendência natural do ser humano em se acomodar dentro das atividades que desenvolve, sejam elas práticas ou intelectuais. Não é diferente dentro do processo educacional. O comodismo tomou conta dando espaço a métodos educacionais reducionistas, autoritários, pobres.

Ale disso a influência da falta ou do pouco conhecimento do professor sobre as modalidades aqui estudadas gera também a dificuldade em adaptar materiais para a prática da GA e da GR. O pouco conhecimento faz com que o professor não “enxergue” a viabilidade de adaptações dos materiais oficiais para o desenvolvimento das aulas com esses temas. Desconhecem alternativas concretas de adaptação, que muitas vezes não são vistas em cursos ou na própria graduação, porque normalmente trabalha-se com o ambiente ideal para as aulas dessas modalidades, muito diferente da realidade das escolas. Isso pode ser notado no discurso de um dos professores participante da pesquisa que diz:

Os conteúdos são muito ricos e legais com grande possibilidade de aplicação. Só acho que faltaram sugestões para trabalhos adaptados. Nas escolas nós não temos essa grande quantidade e variedade de materiais e isso dificulta muito um trabalho direcionado. (informação verbal)

Alguns professores dessa pesquisa de campo, após conhecerem mais sobre a GA e a GR no curso que lhes foi oferecido, “descobriram” materiais dessas modalidades em suas escolas, que até então estavam “invisíveis” aos seus olhos. Motivados pelo aprendizado ou pela atualização de conhecimento recebida no curso, procuraram em suas escolas materiais que pudessem usar em suas aulas de Ginástica e alguns encontraram jogos completos de materiais “oficiais” de GR, ainda plastificados, guardados embaixo de outros materiais na sala de Educação Física, abandonados por não se saber o que fazer com eles. Outro professor encontrou um plinto na secretaria da escola, com toalha em cima, sendo usado como mesa. Outros professores que tinham algum material, como colchão e plinto, passaram a usá-los, descobrindo maneiras diferentes de fazê-lo. Outros ainda buscaram construir ou adaptar os materiais envolvendo a comunidade da escola.

O problema de estrutura inadequada que permeia a maioria das escolas públicas pode ser amenizado com a união de forças vindas do professor, direção e comunidade na busca da melhoria das condições físicas de ensino de seus alunos, assim como é ressaltado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998a, p.38):

É preciso melhorar as condições físicas das escolas, dotando-as de recursos didáticos e ampliando as possibilidades de uso das tecnologias da comunicação e da informação. Finalmente, é preciso estimular, de fato, o envolvimento e a participação democrática e efetiva da comunidade e dos pais nas diferentes instâncias do sistema educativo e, especialmente, criar mecanismos que favoreçam o seu envolvimento no projeto educativo da escola.

A requisição de materiais diversificados para a aplicação dos diferentes temas da Educação Física deve ser feita sempre com justificativas dos conteúdos que serão abordados e com embasamento teórico para auxiliar no convencimento da compra,

mostrando a importância e o significado do trabalho a ser implantado. Mas sabe-se também que mesmo quando os pedidos são feitos dessa forma, nem sempre tudo o que se pede é atendido, e, muitas vezes ou na maioria delas, é preciso mostrar primeiro um trabalho com materiais adaptados para que então se enxergue as possibilidades de atividades que podem ser feitas nas aulas de Educação Física. Além disso, os materiais alternativos podem representar uma adaptação também de conteúdos esportivos para a escola.

Com a devida adaptação dos materiais pode-se aproximar os alunos da prática de outras modalidades. Modificar aparelhos também serve para facilitar o aprendizado dos exercícios a serem ensinados. Pensando assim, os materiais alternativos podem se tornar mais adequados para o ambiente escolar do que a compra de aparelhos oficiais de modalidades competitivas. Obviamente, o ideal seria que o professor tivesse a possibilidade em suas aulas de utilizar materiais oficiais e adaptados, para que, dependendo do objetivo das aulas, pudesse desenvolver melhor os elementos de Ginástica e os meios de conseguir atingi-los.

OS MATERIAIS ALTERNATIVOS PARA “GA” E “GR”

Em sua maioria, os materiais alternativos são elaborados e desenvolvidos por profissionais criativos que, devido à necessidade de adaptação de um material oficial ou da inexistência do mesmo no seu local de trabalho, utilizam outras possibilidades não convencionais de ensino para determinado movimento ou modalidade. Eles podem substituir materiais oficiais ou possibilitarem adaptações para o aprendizado de

movimentos específicos, agindo como elementos facilitadores ou como sobrecargas. São elaborados de acordo com a especificidade e necessidade da atividade, ou de cada profissional na sua rotina diária com suas reais dificuldades em seu ambiente de trabalho, seja na escola ou no clube.

No ambiente da GA a adaptação de materiais não é recente e é uma prática muito comum. Em diferentes países, esse trabalho é desenvolvido desde a iniciação no Esporte até o treinamento de alto rendimento, e os materiais alternativos fazem parte dos aparelhos que compõem um ginásio adequado para o desenvolvimento dessa modalidade. Essa atitude é adotada pelos profissionais devido à adaptação que alguns aparelhos proporcionam ao treinamento específico de determinadas acrobacias. Muitas vezes, esses aparelhos são criados pelos próprios treinadores que emergem da necessidade de quem vive o cotidiano de um treinamento de GA, e, posteriormente, devido à sua especificidade para determinados movimentos, assim como sua efetividade, e passam a ser fabricados pelas empresas de materiais esportivos.

No desenvolvimento da G.A. para o alto nível, as adaptações fazem parte do cotidiano dos ginastas e treinadores que em busca de um treinamento cada vez mais eficaz criam adaptações de materiais que propiciam o desenvolvimento de educativos⁶ com exercícios técnicos, de modo que simule posições que o ginasta executará durante o movimento no aparelho oficial e antecipe sensações e posições a fim de possibilitar a execução de partes do movimento que será realizado posteriormente.

Fora dos ginásios de ginástica de academias e clubes, os aparelhos alternativos são, muitas vezes, elaborados nas escolas por profissionais de Educação Física. Nesse

⁶ Educativo: exercício elaborado com a intenção de facilitar a execução de um movimento mais complexo.

caso, isso acontece não pela especificidade que esses materiais apresentam para determinados movimentos, mas pela possibilidade maior de inserção da GA em diferentes contextos.

O DESAFIO DA “GA” E DA “GR” NA ESCOLA

Uma das possibilidades de trabalhar com GA e GR na escola, que não tem materiais oficiais para o desenvolvimento dessas modalidades, é a elaboração de material alternativo. São aparelhos fáceis de se construir que se adaptam a um ambiente pedagógico porque possibilitam uma proximidade maior das GA e GR com os objetivos da escola.

O principal motivo da aplicação dessas modalidades na escola deve-se à importância que a GA e a GR representam para as crianças que frequentam a escola. Para que se possa oferecer a experiência desses esportes para um número cada vez maior de crianças, um dos caminhos é levar essas práticas para o contexto das escolas, proporcionando um conhecimento a mais nas aulas de Educação Física.

Isso pode ser interpretado como uma utopia, mas foi o desafio proposto pela professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo nas aulas de GA da Faculdade de Educação Física da Unicamp: levar a GA e a GR para as escolas e possibilitar maior acesso das crianças a estas modalidades, por meio de um projeto chamado “A Ginástica vai à escola”.

Para colocar em prática esta idéia foi preciso elencar quais seriam as dificuldades de implantação desta proposta, e nos deparamos com dois grandes problemas:

1. A inexistência de material específico da modalidade nas escolas, de forma adequada;
2. A falta de espaço específico para a disposição dos aparelhos nos locais determinados para isso nas escolas.

No caso da GA o alto custo do material oficial se comparado ao preço das bolas ou outros materiais esportivos é um dos fatores que dificulta o desenvolvimento dessa modalidade no ambiente escolar. Há, também, a falta de espaço para a disposição desses materiais, fator que muitas vezes inviabilizava as propostas de GA. Quando o professor consegue justificar a compra de materiais para o desenvolvimento da modalidade, depara-se com a falta de local adequado para sua instalação. Os materiais da GA disponíveis no mercado são de grande porte, alguns fixos ao chão e não podem ficar expostos ao tempo, além de necessitar de amplo espaço para serem instalados. Considerando que todas as escolas deveriam possuir ao menos uma quadra poliesportiva, e que quase sempre são descobertas e utilizadas para diversas finalidades, como viabilizar a implantação e o desenvolvimento da GA nas escolas?

A EXPERIÊNCIA DE UMA ALTERNATIVA REAL

a. A ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS DE G.A.

Partindo deste contexto e do desafio proposto pela professora doutora Vilma Lení Nista-Piccolo, desenvolvemos⁷ alternativas para solucionar estas dificuldades iniciais, sem descaracterizarmos as provas básicas de GA feminina e masculina: aparelhos de suspensão, equilíbrio, salto e solo.

Precisávamos de materiais que fossem de baixo custo, pequeno porte e facilmente desmontáveis, para que a quadra pudesse, então, ser utilizada para outras atividades logo a seguir, uma vez que, normalmente, as escolas dispõem de apenas uma quadra para as aulas de Educação Física. Além disso há o problema de como guardar esses materiais na sala de Educação Física ou qualquer outra pequena sala da escola. A partir dessas características emergentes, idealizamos e construímos os materiais a seguir:

PARA O SALTO

Para reproduzir as ações características do Salto, não houve necessidade de desenvolvermos um material alternativo, pois há no mercado um similar compatível com as necessidades deste equipamento. O **Plinto** (fig. 5 e 6) é um material muito comum em escolas, e é também utilizado em outras modalidades. Ele é fabricado por lojas de material esportivo, apesar de ser um material adaptado⁸, e tem uma durabilidade

⁷ Prof.^a Laurita Marconi Schiavon, o Prof. Gustavo Maia e o técnico em mecânica Jurandir Schiavon (pai de Laurita).

⁸ Adaptação para o Salto sobre o cavalo ou Mesa de Salto.

razoável. O material pode ser regulado em diferentes alturas e posições, podendo ser utilizado também para facilitar o aprendizado de rotações, como Rolamentos (fig. 7), Estrela⁹ (fig. 8), Mortais¹⁰, Reversões¹¹, entre outros.

O plinto é um material de baixo custo e possível de ser construído por qualquer marceneiro da escola, assim como foi feito pela equipe do projeto “Crescendo com a Ginástica”. Ainda que o material esteja disponível no mercado, o custo do mesmo seria menor a partir de fabricação própria.



Fig. 5 – Foto de um plinto

⁹ Estrela: movimento de passagem pelo apoio invertido com rotação lateral do corpo, podendo ser chamada também de Roda e muito conhecida no universo infantil.

¹⁰ Mortal: movimento de rotação no eixo transversal do corpo, para frente ou para trás, sem o apoio das mãos (fase de vôo), podendo ser executado com postura dos membros inferiores: grupada, carpada e estendida.

¹¹ Reversão: movimento de rotação no eixo transversal, para frente ou para trás, com o apoio das mãos, podendo ser finalizada com pernas unidas ou alternadas (antero-posterior).

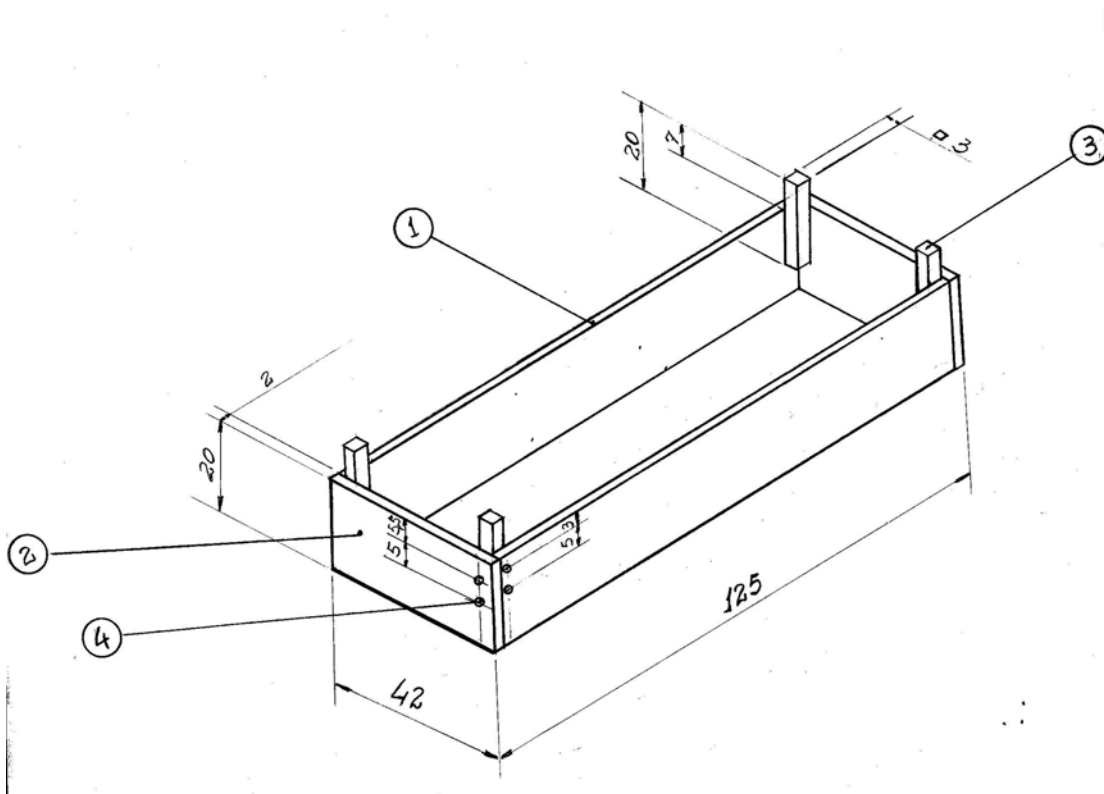


Fig. 6 – Desenho de uma gaveta do plinto com suas medidas (em centímetros), em dois planos de visão (externo e interno).

Legenda da fig.02:

Detalhe	Quantidade	Designação	Material	Medidas
1	02	Lateral	Madeira de Pinho aparelhada	02 x 20 x 121cm
2	02	Frontal	Madeira de Pinho aparelhada	02 x 20 x 42cm
3	04	Pino quadrado p/ fixação	Madeira de Pinho aparelhada	03 x 03 x 20cm
4	16	Parafuso cabeça francesa c/ porca sextavada	Aço galvanizado	1/4" x 2 1/2"



Fig. 7 – Foto de uma criança executando um rolamento sobre uma gaveta de plinto colocada em plano inclinado.



Fig 8 - Foto de uma criança aprendendo a executar uma Estrela sobre a tampa do plinto (gaveta superior).

PARA O SOLO

Em relação ao **Solo**, precisávamos de colchões que pudessem simular um tablado ou formar uma coluna de colchões em seqüência. Os colchões oficiais normalmente são de densidade bastante alta, o que torna o custo elevado para a escola. Como a densidade do material não é um fator relevante para a iniciação dessa modalidade, adquirimos colchões (no tamanho dos colchões de solteiro) em lojas de móveis usados e providenciamos que fossem encapados com material impermeável, cujo custo reduziu 1/3 daquele cobrado pelo colchão tipo *sarneige* (espécie de colchão utilizado oficialmente na modalidade). Uma outra alternativa é recorrer às habilidades manuais das pessoas envolvidas com a instituição como mães, ou os próprios alunos, entre outros, para encapar o colchão obtendo assim, um custo ainda menor, além de mobilizar a comunidade para participar das atividades oferecidas pela escola.

APARELHOS DE SUSPENSÃO E DE EQUILÍBRIO

As **Barras Assimétricas**, as **Argolas**, a **Barra Fixa** e a **Trave de equilíbrio** são aparelhos de custo mais alto e de maior porte e, portanto, os de maior dificuldade de aquisição. Após alguns estudos mecânicos e vários testes, construímos Barras e Traves de equilíbrio, para podermos desenvolver exercícios básicos de suspensão e equilíbrio, que poderiam ser montadas e desmontadas a cada aula com facilidade, ocupando pouco espaço na escola, com regulação de duas alturas para a Trave (fig. 9, 10, 11) e duas para a Barra (fig. 12, 13, 14).



Fig. 9 – Foto de uma Trave de Equilíbrio adaptada



Fig. 10 - Foto de uma Trave de equilíbrio montada com inclinação, possibilitando duas alturas



Fig. 11 – Foto da Trave desmontada



Fig. 12 – Foto da Barra montada na altura superior.



Fig. 13 - Foto da Barra montada na altura inferior



Fig. 14 – Foto da Barra desmontada.

TRAMPOLINS

O “**mini trampolim**” (também conhecido como **mini cama elástica**) pode ser adaptado com pneu de caminhão (usado) e quatro câmaras de pneu de carro. Estas devem ser cortadas de maneira que continuem em círculos (longitudinalmente), apenas retirando o círculo interno (onde se localiza o bico para encher a câmara de ar). Essas câmaras são dispostas ao redor do pneu de caminhão, formando uma tela elástica para impulsão (fig. 15).



Fig. 15 – Foto do mini-trampolim feito com pneu envolvido com câmaras de pneu

Outro tipo de material que serviria como equipamento de propulsão seria o trampolim, cuja adaptação não oferece dificuldades. São necessárias duas tábuas de aproximadamente 100 cm de comprimento x 60 cm largura x 1,5 cm de espessura.

Estas tábuas são presas uma à outra em uma das pontas por uma dobradiça e, posteriormente, coloca-se um pneu ou uma câmara de pneu em outra extremidade. Para que o lado em que se encontra o pneu não abra, e tire o pneu do lugar, as madeiras podem ser presas por extensores. É possível também a utilização de molas de amortecedores de motocicletas, substituindo o pneu (fig.16).

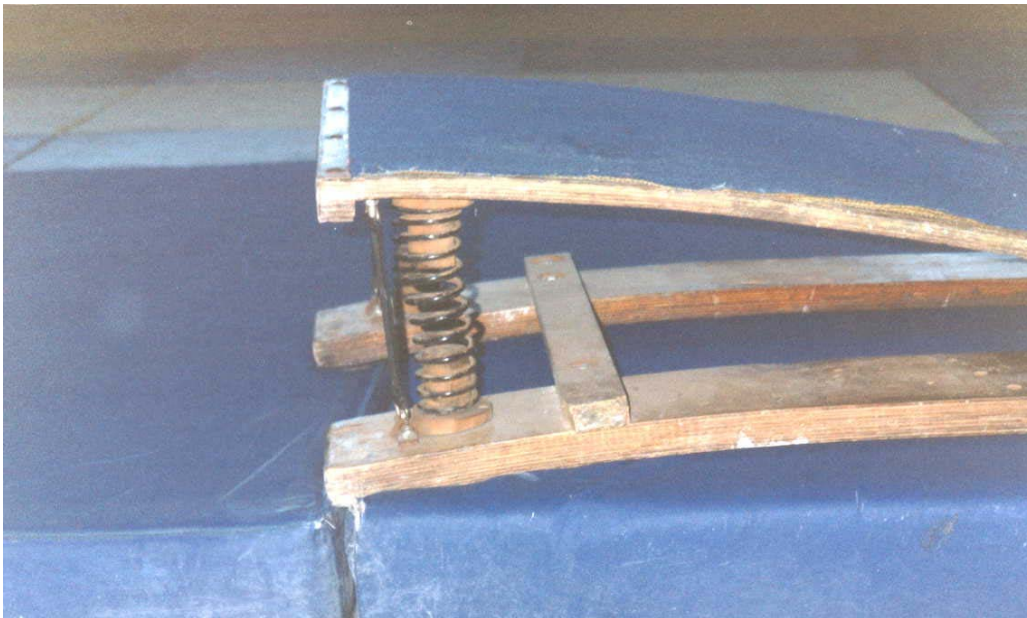


Fig.16 – Foto do trampolim com molas de amortecedores de motocicletas.

b. ADAPTAÇÃO DOS MATERIAIS DE GINÁSTICA RÍTMICA

Assim como no projeto “Crescendo com a Ginástica”, o objetivo do projeto “A Ginástica vai à escola” não contemplava apenas a GA, mas também a GR. Apesar dos materiais de GR serem de pequeno porte e fácil para guardar nas escolas, eles representam um custo alto para obtê-los em grande quantidade, visando proporcionar aulas mais dinâmicas. Para tornar possível a utilização desses aparelhos, a adaptação

ou construção dos mesmos é facilmente realizada, podendo ainda serem construídos durante as aulas com os próprios alunos.

O ARCO

O Arco é um material barato para ser construído. Precisa-se apenas de pedaços de dois metros aproximadamente de eletroduto de tubo liso (conduíte) preto (0,5 polegada de diâmetro), sendo o diâmetro do Arco de 80 a 90 cm. Para unir esse pedaço de conduíte formando um círculo é preciso um pequeno pedaço de madeira de aproximadamente 2cm, que fique entre as duas pontas do conduíte para facilitar a união em um círculo (fig.17). Antes de unir as duas pontas pode ser colocado dentro do Arco um pouco de arroz para fazer barulho quando movimentado. Depois de unir as duas pontas com o pequeno pedaço de madeira dentro delas, coloca-se algumas tachas ou pequenos pregos perfurando o tubo de borracha (conduíte) e a madeira. Para que não fiquem expostas as pontas das tachas ou pregos, encape com várias voltas de fita isolante. Para o Arco ficar mais firme e protegido pode-se encapá-lo inteiro com fitas isolantes coloridas, fazendo diferentes desenhos que além da proteção deixarão os arcos enfeitados.

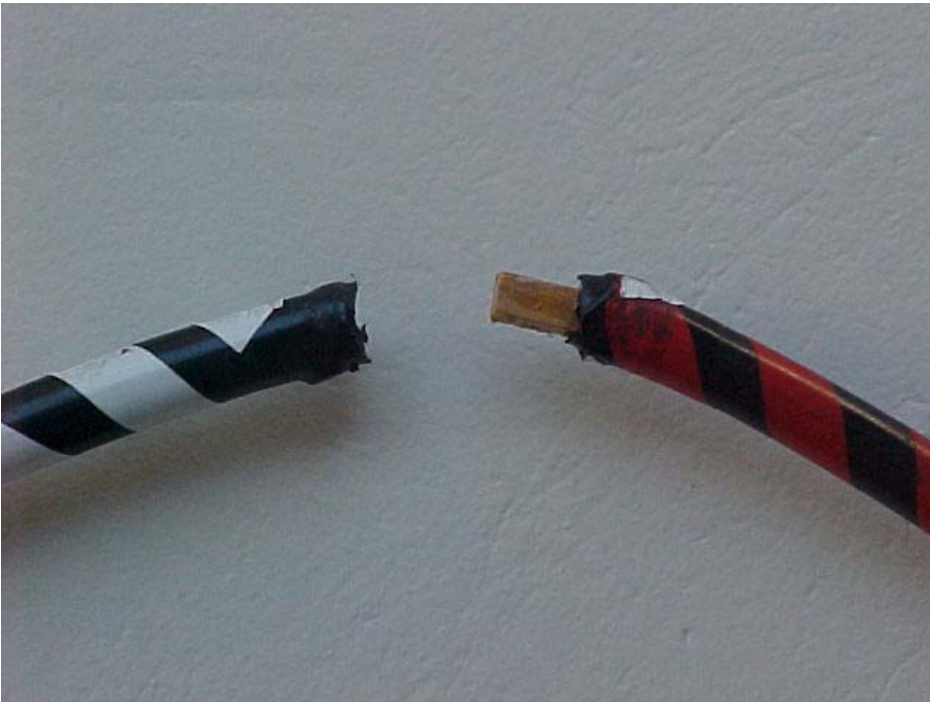


Fig. 17 - União das pontas do Arco com pedaço de madeira.

BOLAS E CORDAS

Materiais como Bolas de borracha e Cordas feitas de diferentes materiais são facilmente encontrados em escolas e, mesmo que não sejam específicos da modalidade de Ginástica Rítmica, as Bolas de borrachas usadas para jogos são muito bem aproveitadas para as aulas de GR. As Bolas oficiais têm de 18 a 20 cm de diâmetro e pesam um mínimo de 400grs. As Cordas para um desenvolvimento adequado são as de polipropileno (ou cânhamo) sem pontas de madeira, pois podem machucar os alunos durante as atividades. Uma boa medida de Corda para as crianças é quando o meio da corda é pisado com os dois pés pelo alunos e as duas pontas ficam na altura das axilas (fig. 18).



Fig. 18 – Foto de uma criança mostrando como medir o tamanho ideal de uma corda

FITAS

As Fitas também são materiais de fácil confecção, que podem ser feitos juntamente com as crianças. As Fitas oficiais são compostas por um estilete (material de fibra de carbono onde o aprendiz segura para movimentar a Fita), um girador (material que serve para não enrolar a Fita) e uma fita de cetim. Para confeccionarmos as Fitas, é preciso aproximadamente quatro metros (para iniciantes) de fita de cetim de 4cm de largura, pois a Fita oficial tem no mínimo seis metros de comprimento. Para dar melhor mobilidade na fita, é preciso dobrar e costurar uma ponta da Fita de 60 cm aproximadamente (a oficial pode ser dobrada até 1 metro) e colocar um ilhós (perfuração com borda de metal colocada em roupas) por onde a fita será presa no

girador. A partir disso, precisa-se do girador, material encontrado em loja de artigos para pesca, para que a fita não se enrole ao fazer movimentos como o espiral. O girador tem uma das pontas que pode ser aberta, como um alfinete de fraldas de criança, e que deve ser colocado no ilhós, prendendo a fita ao girador (fig. 19). Depois dessa fase é preciso ter um estilete, que é a parte mais cara de uma fita oficial da GR. Para tornar esse material possível no ambiente escolar foi preciso substituí-lo por um pedaço de madeira em forma cilíndrica, encontrado em “mata-moscas”. Retirando-se a parte plástica do “mata-moscas” sobra um pequeno pedaço de madeira de 30cm aproximadamente (o oficial tem de 50 a 60 cm). Para prendermos o girador no “estilete alternativo” parafusamos um material de ferragem, chamado “pitão” (normalmente usado para pendurar vasos, parecido com um ponto de interrogação) (fig 20). Após parafusarmos o “pitão no cabo de matar moscas” abre-se com um alicate a ponta do pitão e coloca-se o girador nele e fecha-se com o alicate novamente (fig 21). A fita está pronta com um custo de 20% do valor de uma fita oficial. Para deixá-la ainda mais bonita, pode-se enrolar fita isolante colorida no “estilete alternativo”.



Fig. 19 – Foto de um ilhós em uma Fita e um girador preso no ilhós



Fig. 20 – Pitão no cabo de matar moscas



Fig. 21 – Fita completa com ênfase nos encaixes

MAÇAS

As Maças são materiais de difícil manuseio para iniciantes. Apesar disso, não se sabe bem porquê, muitas escolas têm pares de maçãs e não tem outro material de GR. De certa forma, é possível fazer movimentações semelhantes às ações das Maças (sempre utilizada em pares) com meias de cano longo com bolinhas de tênis colocadas dentro, ou mesmo com garrafas de refrigerantes de 500 ml. Outra possibilidade é fazer uma Maça com “colher de pau”, prendendo na parte mais larga da colher, uma embalagem de “Yakult” ou parecida com um pouco de areia (funcionando como um pêndulo). Encapar todo o material com fita isolante.

UM “KIT” BÁSICO DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E GINÁSTICA RÍTMICA

Dessa forma é possível ter um “kit” de material de GA e GR, produzido a um baixo custo, sendo capaz de atender ao desenvolvimento dessas modalidades na escola.

O “kit” de materiais pode ser composto de:

- ✓ colchões
- ✓ barra
- ✓ trave de equilíbrio
- ✓ plinto
- ✓ mini-trampolim
- ✓ trampolim
- ✓ Fitas
- ✓ Arcos
- ✓ Bolas
- ✓ Cordas

Estes materiais também podem ser montados de diferentes formas (Fig. 22 e 23), devido ao seu encaixe para montagem e desmontagem fácil, diversificando a forma de montar os materiais, apresentando novas oportunidades e descobertas para as crianças.



Fig. 22 – Foto de um circuito de materiais montado de forma padronizada



Fig 23 – Foto de um circuito de materiais montado de forma alternativa.

COMENTÁRIOS

A idealização deste material ora exposto provavelmente não é inédita e muito menos de alta tecnologia. O seu propósito é de apenas atender às necessidades dos profissionais que pretendem desenvolver um programa de GA e GR nas suas aulas. Além disso, torna-se um material bastante prático e viável para aqueles que atuam, principalmente, no âmbito escolar.

Algumas idéias de adaptação desses materiais surgiram de profissionais criativos da pesquisa de campo e de cursos de especialização, mas muitos exemplos foram elaborados perante as minhas próprias dificuldades cotidianas de se implementar a GA e a GR na escola. Desde 1997, utilizando esse Kit de materiais, vimos¹² desenvolvendo atividades extracurriculares em cerca de quinze escolas da cidade de Campinas e região e da cidade do Rio de Janeiro. Mantemos uma parceria com a ex-ginasta Luisa Parente que aprovou esse material, e considerou-o suficiente para ensinarmos os primeiros passos desta modalidade para crianças, dos 3 aos 12 anos de idade.

Os materiais foram construídos para atender às seguintes questões:

- ◆ - solucionar o problema da carência de materiais oficiais;
- ◆ - ser convidativo para as crianças e, portanto, ter uma dimensão adequada a elas e ser atraente (colorido e bonito);
- ◆ - a adaptação não deve descaracterizar a modalidade;
- ◆ - ser prático o suficiente para que toda pessoa fosse capaz de montá-lo e desmontá-lo a cada aula;
- ◆ - apresentar um modelo que facilitasse a aprendizagem dos movimentos;

- ♦ - ter um custo baixo, para que toda entidade pudesse adquiri-lo ou confeccioná-lo.

Alguns aspectos didático-pedagógicos exigiram que esses aparelhos se tornassem mais funcionais, como por exemplo: - a barra deveria permitir diferentes regulagens de altura; - a trave deveria ser um pouco mais larga em sua superfície em relação ao material oficial que tem apenas 10 cm de largura; - a trave também deveria permitir variação de altura para que pudesse atender aos diferentes níveis de alunos.

Muitas vezes, a falta de conhecimento sobre os conteúdos específicos de cada modalidade esportiva impede o professor de criar exercícios alternativos para facilitar a aprendizagem de seus alunos para executarem determinados movimentos. E, conseqüentemente, estes profissionais deixam de adaptar materiais que poderiam servir como meio facilitador de aprendizagem, principalmente das acrobacias mais complexas. Há ainda aqueles que sequer imaginam como é possível ensinar GA e GR se não possuírem os aparelhos oficiais. Portanto, muitas vezes o desconhecimento de professores é um problema que acompanha a falta de material. Alguns profissionais quando sabem “o quê” ensinar, elaboram adaptações do “como” ensinar, e conseguem transformar suas aulas em uma possibilidade concreta. Há também aqueles que não sabem muito bem “o quê” ensinar, mas permitem-se imaginar o “como”, sendo criativos. Outros possuem materiais adequados em suas escolas, mas por não saberem “o quê” ensinar, não reconhecem os mesmos. E há ainda aqueles profissionais que sabem “o quê” ensinar, “como” ensinar, mas não mudam sua rotina de esportes coletivos porque mudar envolve maior disponibilidade por parte dos professores para resolverem os problemas encontrados.

¹² Prof^a Laurita Marconi Schiavon e outros professores do Grupo Imaginação.

Os problemas da baixa frequência de GA e GR nas aulas de Educação Física vão além da falta de materiais para o desenvolvimento da mesma, mas pode-se dizer que este é um fator que colabora para que este conhecimento esteja tão pouco presente nas escolas.

Portanto, pretende-se com esse texto “sensibilizar” os profissionais, lembrando-os que “é possível adaptar”, ou melhor, lembrando-os de que “é possível”.

A nossa proposta não tem a intenção de solucionar o problema da falta de materiais nas escolas, mas apenas apresentar uma possibilidade dentre muitas outras, a partir de uma experiência vivida. O trabalho com materiais alternativos para a prática da GA e GR possibilita que muitas crianças, alunos de escolas da rede municipal, estadual e particular, tenham contato com mais uma modalidade esportiva e explorem novas formas de movimento com seu corpo.

MÉTODO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas (FREIRE, 1996, p.30).

No desenvolvimento dessa pesquisa, a questão da estruturação das aulas de Educação Física com temas da Ginástica, nesse caso a GA e a GR, foi um fator destacado pelos professores da pesquisa de campo. Eles expressavam suas dificuldades em trabalhar com modalidades esportivas individuais, pois sabem organizar com praticidade suas aulas de jogos coletivos, abordando esportes mais comuns. A dinâmica dessas aulas normalmente desenvolve-se da seguinte forma: aquecimento, alguns procedimentos técnicos específicos da modalidade, a realização de um jogo e, na parte final, uma atividade de volta à calma. A origem desse tipo de aula pertence à prática do esporte de alto rendimento e não se justifica no contexto escolar por terem objetivos distintos. Muitas vezes, o aquecimento é uma parte da aula, desconectada da parte principal. Sobre isso, Santos (2002, p.140), comenta que:

As teorias da fisiologia do exercício nos informam que o aquecimento é necessário somente quando o organismo será submetido a uma sobrecarga no treinamento. Este argumento já faz com que caia por terra a argumentação da necessidade do momento destinado ao aquecimento, pois nas aulas de Educação Física escolar a sobrecarga no esforço físico é irrelevante.

Apesar disso, muitas aulas continuam sendo desenvolvidas na escola segundo o modelo esportivo.

Foi possível diagnosticar que, por conta desse hábito dos professores, suas aulas de GA e ou de GR eram aplicadas com a mesma estrutura, gerando

desmotivação entre os alunos, já que muitos não conseguiam executar o que estava sendo proposto. Eles apresentam dificuldades para compreender o que fazem quando simplesmente repetem aquilo que é pedido pelo professor, sem refletir sobre esse conteúdo. Enfim, essa prática não se mostrou adequada aos objetivos propostos pela Educação Física escolar. A dinâmica das aulas com a finalidade de conquistar os alunos à prática deve ser construída numa estrutura mais aberta e participativa, levando-os à reflexão do que estão fazendo.

Nessa pesquisa, a falta de materiais é um dos fatores que dificultou o desenvolvimento de aulas de GA e GR na escola. Mesmo nas particulares, dificilmente o material dessas modalidades é suficiente para que todos os alunos vivenciem sem esperar a sua vez de participar. Isso pode originar as intermináveis colunas de alunos aguardando a execução de um movimento proposto. Então, seguir um modelo de aula ultrapassado, que embora já receba muitas críticas, satisfaz muitos professores, não atende às expectativas das crianças. Isso, na verdade, obriga os professores a buscarem outras estratégias de ensino da ginástica.

Para esse estudo não bastou propor a inserção dessas modalidades na escola, mas apresentar alternativas para que a GA e a GR estivessem presentes no contexto escolar, sendo *tratadas pedagogicamente*. Portanto, as alternativas sugeridas são atividades gímnicas que oferecem meios de proporcionar melhor formação do educando.

Nas estratégias utilizadas para esportes coletivos os professores exigem apenas a reprodução de movimentos. Ao inserirem a GA e a GR em seus conteúdos querem seguir o mesmo método, o que gera um certo fracasso de aceitação. Observou-se na pesquisa de campo que os profissionais apresentam resistência e/ou dificuldades para

modificarem suas rotinas de ensino. A partir do curso e das supervisões foi-lhes sugerido para o contexto escolar a idéia de desenvolverem o método¹³ de ensino trabalhado no projeto “Crescendo com a Ginástica”.

Esse método é composto por três momentos que visam o não direcionamento imediato de ações, diferente do que comumente tem-se visto na iniciação esportiva e até na escola, assim como ressalta Bracht (1992, p.79):

Na Escola atual o professor é o ponto de orientação, e os alunos devem observá-lo, pois ele é o início e o fim do que há para fazer. Nessa estrutura, deve ser observado o princípio básico: “obedecer ao professor”, pois, na aula, o comportamento inteiramente aceito é somente aquele que corresponde às regras de relacionamento validadas pela instituição Escola.

É lógico que existem formas de ensino que atenuam e que procuram modificar essa relação. Porém, de acordo com os estudos de LABORINHA (1981), BRESSANE (1981) e FARIA JR. (1981), o professor de Educação Física no Brasil se caracteriza pela diretividade, o que vem reforçar a situação enunciada anteriormente.

O diferencial do método utilizado no PCG é justamente a valorização dos conhecimentos anteriores dos alunos para a organização da aula e a possibilidade deles compreenderem o conteúdo proposto, explorarem e criarem outras possibilidades de ação motora ligadas ao conteúdo.

A proposta dada aos professores foi que implantassem a GA e a GR nas aulas de Educação Física por meio desse método, visando experimentá-lo nesse contexto, e adaptá-lo para tal caso fosse necessário. O desenvolvimento desse método mostra-se intimamente relacionado aos princípios da Educação Física escolar: de inclusão, de compreensão de conteúdos, da importância da ludicidade, do estímulo à criatividade, à cooperação, entre outros (PIRES;NEVES, 2002).

¹³ Método exposto de forma detalhada no segundo capítulo desta dissertação

No desenvolvimento das aulas observadas foi possível notar o desconforto dos professores na aplicação desse caminho para ensinar, principalmente nos momentos em que a atividade não era totalmente direcionada. Apesar de implantarem o método com dificuldades, a prática de tantos anos de experiência de trabalho e de formação, voltada para métodos que direcionam a atividade por completo, fazia com que eles enfatizassem o terceiro momento da proposta metodológica, ou seja, considerassem o direcionamento como a parte principal da aula. Apesar de vivenciarem o primeiro e o segundo momento da proposta, ou mesmo que fosse apenas um deles, demonstravam em seu discurso, que a parte principal da aula era quando ensinavam diretamente o movimento. No entanto, as três partes são muito importantes para a organização da aula, como também para o aumento de complexidade das atividades executadas de forma direcionada.

Por diversas vezes os professores participantes da pesquisa falavam sobre o método, demonstrando o conhecimento do mesmo, mas no desenvolvimento de suas aulas faziam o que estavam acostumados, ou seja, direcionavam a atividade totalmente.

Alguns professores adaptaram-se bem ao método, mas sentiam mais dificuldade em aplicar o segundo momento da proposta metodológica, quando deveriam fornecer pistas ou criar situações problemas. Suas dificuldades barravam na mesma razão, ou seja, por não estarem acostumados a “oferecer problemas” para seus alunos resolverem, mas sempre as soluções.

Por outro lado, os alunos também estão acostumados a receberem o produto final pronto, e, portanto, não sabem, a princípio, como resolver os problemas apresentados, não conseguindo refletir sobre o movimento.

O processo de exploração, caracterizado no primeiro momento da proposta metodológica, também se mostrou desconfortável para as duas partes. O professor, por não ter em sua rotina a prática de dar aulas, permitindo que os alunos, mediados por ele, possam construir os movimentos. Os alunos que não foram ensinados por meio de explorações não tiveram muitas oportunidades em sua trajetória estudantil de criar ações, de fazer movimentos fora dos padrões do esporte competitivo. Quando são distribuídos alguns aparelhos de uma modalidade gímnica, os alunos reproduzem somente os movimentos padronizados desses aparelhos, não conseguem imaginar o que mais é possível fazer com esses materiais. Sobre a utilização de aparelhos de modalidades competitivas, Russell (1980, p.11) explica que:

Eles não foram projetados para o esporte competitivo da ginástica. Em vez disso, o esporte evoluiu da utilização competitiva dos equipamentos educacionais. Você não precisa utilizar somente os aparelhos olímpicos (existem outros inúmeros padrões), e você certamente não precisa se restringir ao tipo de atividade que você ensina nos aparelhos olímpicos e aos tipos de padrões de habilidades daquele esporte.

O assunto sobre o qual Russel disserta é comumente visualizado em aulas, principalmente com alunos a partir da 5^a. série, em que o professor usa um aparelho conhecido, às vezes já visto anteriormente na mídia, e, então se permitem executar apenas movimentos parecidos com o que eles já conhecem. Como a maioria não consegue fazer esses movimentos, cria-se uma certa resistência em relação a essas modalidades. O professor não sabe analisar as dificuldades encontradas na execução de seus alunos para lhes oferecer caminhos facilitadores que possam levá-los à realização do mesmo.

Começar a implantar esse método requer paciência para que tanto professor como alunos adaptem-se às novas possibilidades e maneiras de agir em aula. Surgiram

vários momentos de desconforto dos alunos quando solicitados para resolver os problemas apresentados; muitas vezes, eles pediam ao professor que lhes dissesse “o que fazer”, pois tornava-se trabalhoso refletir para agir. Mas o professor no seu papel de mediador deve instigar seus alunos a explorarem ou resolverem problemas, auxiliando-os a aprender a compreender dessa forma. O tempo de cada momento nesse método é percebido pelo professor (observador das ações), que saberá o instante de passar para outro momento do método proposto. É importante que o mesmo não tenha pressa e permita que seus alunos aproveitem, ao máximo, cada parte da aula.

Tornou-se muito freqüente também o fato das crianças explorarem ou descobrirem mais ações depois que algumas pistas foram oferecidas, e pediam para mudar as propostas quando não sabiam mais o que inventar. Nesse momento há um pequeno desconforto que ocorre ou quando a criança já executou todas as suas experiências anteriores ou quando não se lembra de nenhum movimento aprendido anteriormente. O professor pode deixar que as crianças tentem mais um pouco já oferecendo “dicas”, sem desmotivá-las, passando para o próximo momento. A percepção do professor é muito importante em aulas desenvolvidas dessa forma.

No projeto “Crescendo com a Ginástica” as estratégias de ensino adotadas tiveram muito sucesso na exploração dos temas das aulas com materiais bem diversificados. No ambiente escolar, às vezes, é preciso fazer adaptações segundo as observações feitas durante a pesquisa de campo nesse estudo. Quando se tem pouco material disponível e muitos alunos participando da aula, uma possibilidade para dinamizar as aulas é desenvolver o trabalho em forma de circuito, sem perder os princípios metodológicos. Como as escolas normalmente possuem pouco material, muitas

crianças e pouco tempo, através do circuito se consegue que elas experimentem mais vezes as atividades e não fiquem em colunas de vários alunos esperando para executar um movimento em um único lugar. Esse circuito é montado de acordo com os materiais que se possui ou que se providenciou na escola, adaptando objetos e ambientes. Esses materiais devem ser montados de maneira que estimulem o aluno a executar ações sobre o tema proposto, e quanto menos material a escola possuir mais o professor terá que mediar as situações para que não se perca a motivação para as aulas, assim como comenta Velardi (1997, p.139):

Há necessidade de símbolos exteriores, de sua essência física, de objetos do mundo real. Se não houver o *que* saltar, não há *porque* saltar. Se o objetivo é a construção do conhecimento sobre saltar, é imprescindível que o aluno compreenda a função da ação.(grifo do autor).

Dessa forma a estrutura da aula poderá ser organizada da seguinte forma:

- ✓ Explicação sobre o tema proposto e comparações das ações dos conteúdos de aula com ações do cotidiano dos alunos. Quanto menor a criança, menor será essa explicação teórica do conteúdo feita no início da aula.
- ✓ Antes de iniciar o primeiro momento existe a possibilidade de sugerir uma brincadeira adequada à faixa etária, obviamente relacionada ao tema da aula. Alguns professores propõem brincadeiras, mas, na maioria das vezes, elas não estão relacionadas ao tema proposto. Por exemplo, quando o tema da aula é equilibrar e a brincadeira proposta é um pega-pega. Só pode ser um pega-pega modificado, transformado para o tema da aula, no qual a criança para não ser pega precisa realizar um equilíbrio qualquer sobre um dos pés.

- ✓ O primeiro momento é então introduzido, sugerindo que os alunos explorem o material, baseados no tema da aula. Por exemplo, se o conteúdo a ser trabalhado for equilibrar, os alunos devem explorar movimentos, usando os materiais sugeridos pensando nas suas possibilidades de equilíbrios. Na primeira vez que a turma de alunos estiver experimentando o método é importante explicar o que é explorar, pois eles não estão acostumados a participar da aula dessa forma. É provável que muitos copiem os equilíbrios apresentados por algum aluno, isso é comum, mas o professor deve intervir, perguntando-lhes se não há outro modo de fazer equilíbrios.
- ✓ O segundo momento inicia-se quando os alunos já exploraram os aparelhos de acordo com o tema, após o tempo necessário de reflexão sobre novas ações. O professor observa se os alunos começam a ficar desmotivados por não terem um novo estímulo. Isso varia muito de um grupo para outro. Nesse momento o professor oferece desafios para as crianças, pequenos problemas para serem resolvidos, o que na verdade são pistas que permitem ao professor chegar ao objetivo de sua aula. Por exemplo, com o tema da aula “saltar”, a maioria das crianças deve ter realizado o salto grupado e estendido (que são os mais simples), então o professor agora pede que continuem saltando, mas que não pode ser nenhum dos saltos citados anteriormente. Ou ainda, outra sugestão de problema a ser oferecido para os alunos, nesse mesmo caso: podem ser executados apenas saltos em duplas, em que a dupla tenha que se tocar, mas não podem estar ao mesmo tempo no ar. Dessa forma as crianças passarão pelo circuito e em cada estação tentarão executar saltos que cumpram com o desafio proposto.

- ✓ No terceiro momento, o professor direcionará para as ações objetivadas nessa aula, como no caso dos saltos, fazê-los executar saltos afastados em duplas, com uma criança auxiliando a outra que executa o salto, em diferentes locais do circuito: passando com as pernas afastadas sobre o plinto e o outro aluno auxiliando na aterrissagem; ou também, sobre cordas colocadas no chão, sendo que os dois alunos deverão estar sobre a corda, ou um aluno saltando sobre o outro em outra estação sem material e apenas com o local determinado no chão com um desenho de giz, entre outras possibilidades. Nesse momento o professor está direcionando para uma ação em cada estação e à medida que as crianças passam pelo circuito em duplas ele vai oferecendo mais dicas para aperfeiçoar os seus saltos.
- ✓ Após o terceiro momento, existe a roda das crianças para tomada de consciência da aula, quando o professor faz perguntas sobre os movimentos desenvolvidos em aula, o nome dos aparelhos, a experiência de trabalhar junto com os colegas para facilitar o aprendizado, quando utilizamos saltos no cotidiano, etc. É importante que nesse momento o professor deixe que os alunos falem e, só então, pode mediar ou finalizar a discussão com alguma conclusão da aula.

A sugestão de estratégia de ensino para a aplicabilidade do método desenvolvido no PCG é o trabalho em forma de circuito sem perder os três momentos que enriquecem muito a aula, e possibilita que as crianças tenham acesso às modalidades de Ginástica, compreendam suas atitudes na resolução de problemas, possam criar movimentos e passem também, se necessário, por propostas direcionadas de atividades, caso as crianças não tenham apresentado, durante os

momentos anteriores os movimentos que o professor quer que seus alunos consigam fazer - aqueles que foram traçados como metas a serem atingidas nas aulas.

Esse método que não trabalha com aulas totalmente diretivas, provavelmente não fará com que os alunos aprendam as habilidades gímnicas de forma tão rápida quanto os métodos diretivos, pois depende das descobertas e não se apresenta tudo pronto ao aluno, mas esse não é o propósito da implantação das aulas de ginástica na escola, mas, sim, ensinar os conteúdos em todas as suas dimensões, de conceitos, fatos, procedimentos e atitudes. Da mesma maneira, ressalta Falcão (2002, p.57) sobre o papel dos conteúdos da educação física escolar:

Considerando a escola um local de expectativas educacionais, onde o aluno vai para conhecer, educar-se, defendemos que o espaço escolar é um campo de intervenção educacional intencional. Dentro dessa perspectiva, a escola não é o local para treinar o aluno, mas para ensiná-lo de forma significativa e prazerosa.

Ou seja, o conteúdo escolar deve ser estudado e compreendido e para isso devemos usar outras estratégias e não apenas o direcionamento técnico, sem desmerecê-lo, mas possibilitar que outras crianças transpareçam sua compreensão do conteúdo em outras possibilidades da aula, como, por exemplo, a de criação, retomada de consciência da aula, etc, sem deixar de oferecer procedimentos técnicos de aprendizagem das modalidades.

CONTEÚDOS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA E DA GINÁSTICA RÍTMICA

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo (FREIRE, 1996, p.31).

Durante a pesquisa, muitas foram as manifestações dos professores que participaram desse estudo em relação à falta de conhecimento ou ao pouco conhecimento que os profissionais de Educação Física possuem sobre Ginástica. Esse dado foi coletado por meio de entrevistas, dos encontros de assessoria pedagógica, além das respostas surgidas nos questionários e das observações feitas em aulas.

Nesse estudo, foi possível perceber que a baixa frequência de conteúdos da GA e da GR em escolas deve-se não apenas à falta de condições físicas para seu desenvolvimento. Muitas vezes, o professor possui material na escola, espaço adequado e também não desenvolve esse tema nas aulas de Educação Física, face ao seu desconhecimento dessas modalidades. O que os impede de desenvolver Ginástica em seus conteúdos é o medo de machucarem as crianças por não saberem como fazer a segurança dos exercícios, e também por terem dificuldades em visualizar as possibilidades de aplicação da Ginástica no contexto escolar. A adaptação de um conteúdo só é possível quando se conhece o mesmo, e então pode-se adaptá-lo para diferentes objetivos e locais.

Quase todos os professores tiveram em sua formação acadêmica apenas o contato com essas modalidades apresentadas na forma competitiva, e não como

possibilidades de temas da Educação Física escolar. Isso distancia as pessoas que não dominam essa prática e dificulta uma contextualização para o ambiente escolar como modalidade de inclusão, acessível a todos os alunos. Sobre esse assunto, Pires e Neves (2002, p.63) comentam os conteúdos da Educação Física na visão do Grupo de Estudos Ampliados da Educação Física (Geaef) em Santa Catarina, destacando que:

[...] os conteúdos tradicionalmente inseridos nos currículos escolares são aqueles nomeados [...], esportes, danças, ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras. Exige-se, contudo, um outro trato pedagógico sobre eles, capaz de produzir uma cultura escolar de movimento que supere a simples prática dos conteúdos e os perceba como conhecimento gerado a partir de manifestações humanas contextualizadas e que, como tal, podem ser vivenciados, apropriados e reinventados subjetiva e coletivamente pelos autores/atores sociais da escola.

Muitos professores não oferecem uma visão crítica da cultura esportiva na Educação Física e, sim, refletem o esporte que vemos na nossa sociedade como “produto cultural” da mesma, assim como destaca Cardoso (2002, p.134):

[...] o esporte gera uma redução da complexidade de movimento, que é copiada irrefletidamente pelas aulas de Educação Física escolar. Durante a formação profissional, os acadêmicos copiam cegamente a concepção do esporte. Essa ideologia determina a realidade do movimento, sem, no entanto, refletir sobre as consequências sociais que estão ligadas a esse processo. Constitui-se um círculo vicioso entre professores, acadêmicos e concepção de esporte nas escolas.

Analisando o curso oferecido aos professores de Educação Física de Campinas e região, como mencionado, no início da pesquisa de campo os mesmos responderam a um questionário (Anexo D) inicial sobre a expectativa de cada um para o curso, o que eles buscavam encontrar, e levantou-se que 58,06% das respostas apontavam para a questão dos conteúdos, como por exemplo:

- *Espero aprender a forma mais adequada de trabalhar com a Ginástica e apresentar aos meus alunos atividades diferenciadas daquelas que eles estão acostumados;*
- *Enriquecer meu conhecimento teórico e prático relacionado a esse conteúdo [...];*
- *Ter condições de ensinar o básico da Ginástica, mesmo sem ter tido maiores vivências anteriores no esporte;*
- *Ter um conhecimento maior da Ginástica e que me dê subsídios para a aplicação.*

A questão dos conteúdos é também tratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998a, p.75), compreendendo-os de maneira mais abrangente do que a simples transmissão de conhecimento:

É importante deixar claro que, na escolha dos conteúdos a serem trabalhados, é preciso considerá-los numa perspectiva mais ampla, que leve em conta o papel, não somente dos conteúdos de natureza conceitual – que têm sido tradicionalmente predominantes, mas também dos de natureza procedimental e atitudinal.

Visto que a formação dos professores muitas vezes é insuficiente para dar conta da qualidade de ensino que se pretende na escola, a atualização de professores torna-se imprescindível:

É preciso desenvolver políticas de valorização dos professores, visando a melhoria das condições de trabalho e salário, assim como é igualmente importante investir na sua qualificação, capacitando-os para que possam oferecer um ensino de qualidade, ou seja, um ensino mais relevante e significativo para o aluno. Para isso, é necessário criar mecanismos de formação inicial e continuada que correspondam às expectativas da sociedade

em relação ao processo de aprendizagem, estabelecendo metas a curto e longo prazos, com objetivos claros, que permitam avaliar, inclusive, os investimentos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998a, p.38)

Nas respostas aos questionários bem como nas conversas informais promovidas nos encontros foi possível notar a carência de cursos de atualização e capacitação para o profissional com comentários como: “eu precisava de livros”, “ler mais”, “porque às vezes eu não sei mais e não tem onde buscar”. Já após o curso dado, muitos manifestavam a importância da Universidade propor diferentes cursos de atualização, enfatizando o prazer que lhes deu ter participado dessa pesquisa:

Quantas ‘sementes’ a partir de agora, com toda elucidação dos conteúdos abordados vão germinar. Basta regar e ter a certeza que a florada será grande. Com a explanação, várias dúvidas foram tiradas e, com certeza, nossos trabalhos futuros serão bem mais direcionados e pautados.

Pessoalmente conheci novos autores e novas propostas de trabalho. Foi muito bom também por trazer novos modos de se trabalhar, de autores recentes ou de novas metodologias baseadas em autores mais antigos; Eu achei um pena a Ginástica Rítmica ser apenas um dia, pois eu não tive nenhuma noção na faculdade e tenho algum material na escola (maças e bolas), porém eu estarei em contato para tentar passar alguma coisa para meus alunos. Por favor, não me abandonem! (grifo nosso)

Mesmo com todos os problemas relacionados à formação insuficiente dos professores, foi possível observar o desenvolvimento das Ginásticas nas escolas que se dispuseram a participar desse estudo. As observações foram o ápice da pesquisa de campo, pois conseguiram mostrar as dificuldades surgidas na aplicação dos conhecimentos aprendidos durante o desenvolvimento da mesma, portanto, atingindo o objetivo principal da pesquisa.

Mas, as dificuldades relacionadas aos conteúdos da Ginástica foram visualizadas durante todas as fases da pesquisa, e foi possível diagnosticar que muitos professores

sabem iniciar o ensino dos movimentos básicos, principalmente os rolamentos, mas desconhecem quais os passos que podem facilitar o aprendizado dos elementos. Eles têm dificuldade em refletir sobre as formas diferentes de ensinar, até mesmo desses movimentos básicos. Ensinar de forma direcionada para a técnica do exercício, logo num primeiro momento, limita muito a vivência da Ginástica. Um problema nítido é não saberem o que ensinar primeiro, oferecendo conteúdos muito difíceis ou muito fáceis para as diferentes faixas etárias, demonstrando que desconhecem o nível de complexidade dos movimentos, gerando como consequência a desmotivação de seus alunos.

A dificuldade de trabalhar com esse conteúdo nas aulas ficou nítida nas observações. Alguns professores direcionam a aula sempre para o movimento técnico, e rapidamente esgotam o conteúdo que possuem, pois não conhecendo outras possibilidades de conteúdo não conseguem oferecer muitas dicas. Outros, não ultrapassam a fase de explorações, que é quando as crianças podem criar movimentos. Na GR, os professores trabalham muito com a exploração dos aparelhos, o que é muito rico e importante no desenvolvimento do trabalho, mas não sabem o que oferecer de conteúdo procedimental às crianças para que as mesmas continuem seu desenvolvimento no tema proposto, isto é, não saem da primeira fase de exploração, e atribuem isso ao desconhecimento do conteúdo.

Na GA também acontece de forma semelhante quando o professor trabalha apenas com a exploração do plinto, perguntando às crianças como é possível passar sobre o plinto. Isso é muito positivo para que as crianças possam criar suas possibilidades de movimento, mas depois disso não oferecem pistas e nem mesmo ensinam seus alunos como passar sobre o plinto, de forma diretiva.

Ao mesmo tempo em que a formação de professores está vinculada à visão competitiva das modalidades esportivas, não dá conta também de oferecer variações de conteúdo técnico aprofundado das modalidades esportivas. Isso traz como consequência, professores ensinando mais os conteúdos que fazem parte de suas vivências no esporte, anteriores à sua formação acadêmica, do que analisando os movimentos necessários para os alunos aprenderem.

O papel da Educação Física escolar não é oferecer técnicas apuradas ou treinamento de modalidades esportivas, por isso é importante valorizarmos os conteúdos esportivos e sabermos explorá-los como ricas experiências de movimentos. Não se deve focalizar, no ambiente escolar, apenas os gestos técnicos, mas priorizar movimentos que não estão próximos da perfeição técnica dessas modalidades competitivas, mas que fazem parte do processo de aprendizagem do conteúdo como meio de compreensão do mesmo. Isto gera oportunidades atendendo aos diferentes níveis de capacidades motoras dos alunos que uma escola possui. O mesmo assunto é abordado por Pires e Neves (2002, p.71):

Efetivamente, por centrarem-se na perspectiva da reprodução mecânica de alternativas bem sucedidas de solução para o aprendizado de aspectos técnicos do esporte, as concepções hegemônicas de ensino não priorizam o desenvolvimento de situações didáticas que possibilitem a compreensão das inter-relações sociais que se constroem em sua decorrência, assim como desconsideram a importância da razão argumentativa para a produção de entendimentos consensualmente validados pelo diálogo esclarecido.

Muitas vezes, os professores prendem-se tanto em ensinar gestos que se esquecem que os conteúdos vão além do “saber fazer” movimentos técnicos. O importante para muitos profissionais é que a criança não tenha tempo de falar em aula, é preciso estar todo o tempo executando alguma coisa para que não “dispersem”. Muito

mais do ensinar saber fazer é preciso que os professores sejam mediadores, agentes pedagógicos de temas a serem compreendidos na aula de Educação Física.

Bracht (1992, p.68) afirma que:

[...] os professores de Educação Física devem superar também a idéia, muito difundida, de que nas aulas de Educação Física não se deve falar, ou seja, não se deve sentar e discutir com os alunos o que está se fazendo, sob o argumento de que a aula de Educação Física deve ser “prática” (entenda-se “adestrante”).

Os professores, na maioria das vezes, se preocupam muito com os conteúdos procedimentais e pouco com os conteúdos conceituais e atitudinais, o que gera alunos que estão sempre “fazendo alguma coisa” (ocupados), mas não sabem definir o que fazem, nem por que fazem. Algumas crianças após várias aulas não sabiam que estavam fazendo Ginástica, qual o nome dos exercícios, dos elementos, etc. A compreensão dos alunos sobre o conteúdo da aula depende dos conceitos transmitidos sobre as modalidades, que em geral não são passados. Os conteúdos procedimentais também devem ir além dos direcionamentos técnicos, que são importantes, mas não a única forma de transmitir o conteúdo. Ao ensinar o rolar, por exemplo, é possível oferecer um amplo conhecimento sobre as diferentes possibilidades de rolar, formas que a criança pode descobrir a partir da compreensão do significado de rolar, “o que pode rolar além do seu corpo?” Então, é preciso possibilitar que a criança descubra maneiras diferentes de rolar seu corpo a partir das dicas que vão sendo propostas, indo além das formas características das modalidades como: rolamento de frente e rolamento de costas com suas devidas posturas.

O professor que intermedia essas relações pode, em outro momento da aula, oferecer os gestos técnicos dos rolamentos, que facilitem seu aprendizado caso a

criança ainda não o tenha descoberto, mas não oferecer num primeiro momento tudo o que a criança precisa fazer para rolar tecnicamente perfeita e todas as formas características da Ginástica nesse tema. É importante ressaltar que os gestos técnicos também fazem parte dos conteúdos procedimentais, mas não os únicos.

Os conteúdos conceituais podem ser trabalhados simultaneamente com os conteúdos procedimentais, pois o importante é que, durante as aulas, o aluno consiga entender o conceito do tema proposto. Assim, terá possibilidades de inventar diferentes ações sobre o tema. Quando os conceitos não estão compreendidos por parte dos alunos, e partem para a realização dos movimentos, provavelmente suas descobertas ficam limitadas. Sabemos que um aluno pode atingir a compreensão de um determinado movimento no momento da execução dos mesmos, ou seja, nas suas ações corporais. São crianças que apresentam mais facilidade de entender o que se pede para fazer, fazendo. Exemplificando novamente dentro do tema “Rolar”: o professor expõe o tema a uma sala de 1^a. série do ensino fundamental e pergunta às crianças, “qual brinquedo rola? Quais outras coisas rolam?”, e as crianças vão trazendo seus conhecimentos como: “a bola rola”, “o pneu rola”, “o lápis rola na carteira”, a partir daí o conceito começa a ser formado e agora as crianças vão tentar descobrir como podem rolar seu corpo, ou ainda algum material a ser usado na aula (arcos, maçãs, bastão, etc).

No final da aula, o professor faz uma avaliação da aula com as crianças e pode pedir que façam desenhos sobre objetos que rolam, ou também podem falar sobre outras “coisas” que rolam. Dessa forma o conceito vai sendo formado, nascido a partir de um conhecimento anterior da criança e vivenciado na aula de Educação Física através do tema “Ginástica” como meio que facilite a compreensão conceitual do tema

pelo aluno. Caso fosse uma sala de Educação Infantil, talvez a formação do conceito fosse iniciada a partir das vivências corporais das crianças para que então pensassem em objetos que também fazem a mesma ação que o corpo deles. São processos de compreensão de conteúdos conceituais e procedimentais.

Os conteúdos atitudinais também devem ser em todos os momentos trabalhados com temas da Ginástica no contexto escolar, pois o método utilizado permite que se desenvolvam atitudes cooperativas e de respeito aos diferentes alunos. Cada criança tem a liberdade de (re)inventar¹⁴ movimentos de acordo com seus conhecimentos anteriores, não havendo comparação entre os alunos por parte do professor. Mesmo no momento de maior direcionamento da aula, o professor deve oferecer às crianças diferentes níveis de complexidade, em que a criança menos habilidosa na execução dos movimentos gímnicos, ou com menos experiências anteriores sobre esse tema, possa se sentir capaz de executá-los. Por outro lado, que a criança mais habilidosa sinta-se desafiada a tentar algo com um nível de complexidade maior. Dessa forma as crianças sentem que todos são respeitados e não surgem comparações entre elas, gerando atitudes de respeito e cooperação, atitudes educativas entre os alunos e na relação professor/aluno também.

As sugestões para implantação da GA e da GR nas aulas de Educação Física pretendem ser diretrizes de ação pedagógica, sugerindo alternativas em relação a três tópicos no conteúdo dessas modalidades: conteúdos desenvolvidos em cada aula, objetivos propostos para os conteúdos de cada aula e objetivos educativos para o aprendizado dos exercícios.

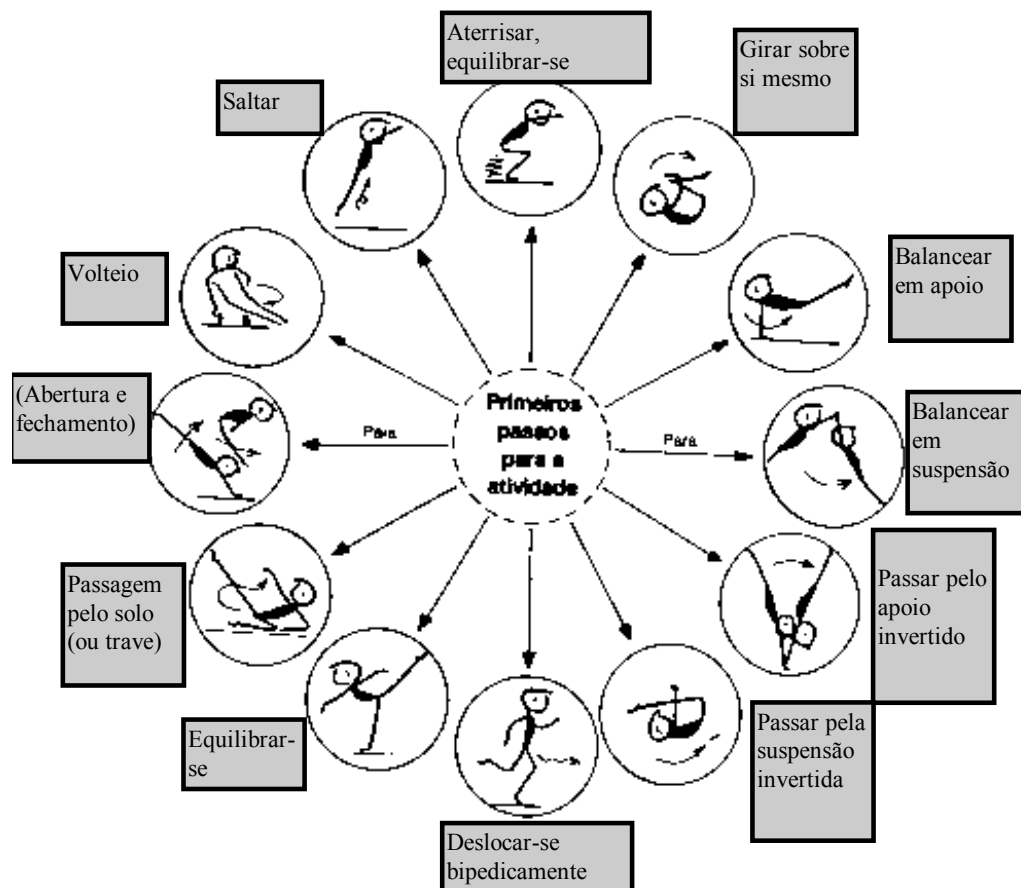
¹⁴ Muitas vezes a criança realiza um movimento que para ela é novo, mas que sabemos já existir, por isso a expressão “reinventar”.

✓ Conteúdos desenvolvidos em cada aula

As sugestões de fundamentação para os conteúdos da GA e da GR nas aulas de Educação Física serão as mesmas do “Projeto Crescendo com a Ginástica” (PCG), ou seja, ações motoras básicas tanto da G.A. como da G.R..

GINÁSTICA ARTÍSTICA

Na GA essa divisão em ações é pautada nas doze ações motoras básicas dessa modalidade pensadas por Leguet (1987, p.13):

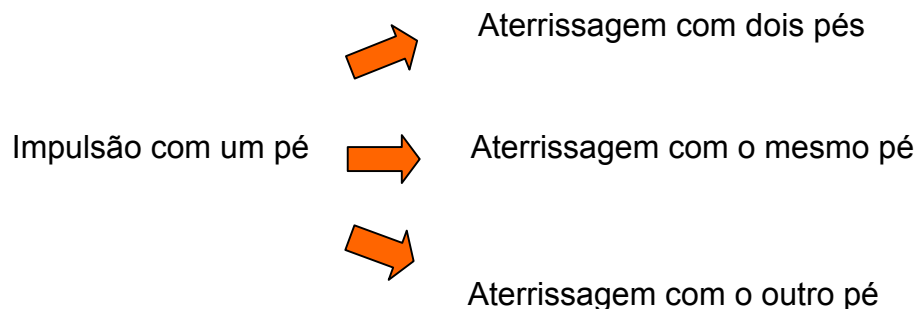


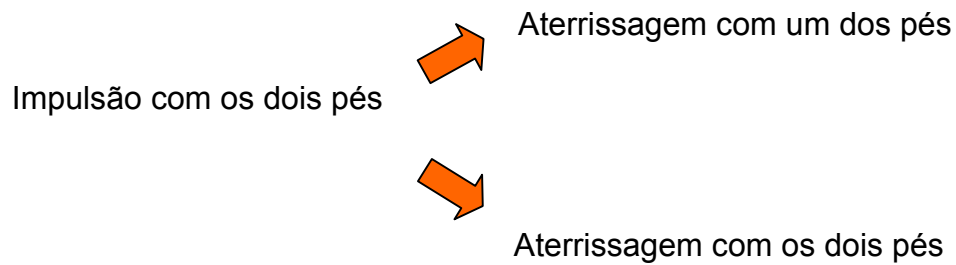
Cada ação básica colocada por Leguet possibilita uma infinidade de outras ações, trabalhadas de forma isolada ou combinada, explorando ou direcionando cada ação nos diferentes aparelhos dessa modalidade, dependendo da faixa etária e dos conhecimentos anteriores dos alunos.

SALTAR e ATERRISSAR

As ações de saltar e aterrissar são comuns não só na GA como também em todas as modalidades gímnicas, podendo ser executadas com pequena ou acentuada permanência do corpo no ar. Nessa modalidade isso pode ser trabalhado pensando nos seguintes aspectos:

- ✓ Forma de impulsão e aterrissagem: podendo ter a impulsão com uma ou ambas as pernas e aterrissagem com uma, outra ou ambas as pernas. Combinando, formam-se cinco possibilidades de saltos segundo a impulsão e aterrissagem:





A partir desse conhecimento de impulsão e aterrissagem dos saltos, pode-se variá-los segundo:

- ✓ posições de pernas: em frontal (na frente do corpo), lateral (ao lado do corpo) e dorsal (posterior), podendo ainda variar as articulações dos joelhos estendidas ou flexionadas.
- ✓ posicionamentos de tronco (arqueado, para frente, ereto, etc) e braços (livres).

Os saltos mais simples para serem executados na escola, ensinados no terceiro momento da aula por meio de um direcionamento propriamente dito, são: galope (salto com impulsão em um dos pés e aterrissagem em outro pé, fazendo uma troca de pernas no ar com os joelhos flexionados); tesoura (idem ao salto galope mas com os joelhos estendidos); salto grupado (impulsão e aterrissagem com ambos os pés e flexão e elevação dos joelhos até a altura do quadril); salto estendido (impulsão e aterrissagem em ambos os pés, com o corpo em total extensão e pernas unidas); salto afastado (impulsão e aterrissagem em ambos os pés e posição no ar de afastamento das pernas); e salto carpado (impulsão e aterrissagem em ambos os pés, com o corpo em total extensão, pernas unidas e flexão do quadril).

É importante ressaltar que na aterrissagem os joelhos devem estar flexionados e o abdome em contração para facilitar que o aluno consiga terminar seu exercício em pé.

Antes do direcionamento propriamente dito dos saltos ginásticos ou mesmo no desenvolvimento dos saltos citados anteriormente, é adequado proporcionar experiências diferentes para as ações de saltar e aterrissar, como: saltar de baixo para cima, de cima para baixo, de um lugar alto para outro lugar alto, saltar obstáculos no chão, saltar o colega, saltar aparelhos, saltar em diferentes pisos (grama, colchão, cimento), saltar com outro colega, em grupo, enfim saltar das mais variadas formas e nos mais variados locais.

GIRAR SOBRE SI MESMO

Essa ação é uma das mais conhecidas da GA, caracterizando-se no solo como rolamento para frente ou “cambalhota”. Além disso, é uma ação muito utilizada em quase todos os aparelhos oficiais dessa modalidade, podendo ser feita em contato com um aparelho (rolamento) como a Trave de equilíbrio, ou Solo, ou ainda durante uma fase de vôo, como nos mortais no Solo, mortais de saídas dos aparelhos de suspensão (Barra-fixa, Barras assimétricas e simétricas, Argolas) e mortais no segundo vôo¹⁵ da prova de Salto. Na escola a ação de girar sobre si mesmo será bastante executada em contato com o solo, que é o caso dos rolamentos. Na GA os mesmos podem ser feitos para frente, para trás (costas) e para os lados, variando a postura das pernas em grupadas, afastadas e carpadas, originando:

- ✓ rolamento para frente na posição grupada (joelhos flexionados durante todo o movimento);
- ✓ rolamento para frente na posição carpada (joelhos estendidos e flexiona os joelhos para levantar à posição em pé);
- ✓ rolamento para frente na posição carpada e afasta as pernas para levantar, finalizando na posição de “X” formada com braços e pernas afastados;
- ✓ rolamento para trás na posição grupada durante todo o movimento;
- ✓ rolamento para trás na posição carpada;
- ✓ rolamento para trás iniciando na posição carpada ou grupada e finalizando na posição afastada das pernas;
- ✓ rolamentos laterais (posição estendida ou grupada).

Os rolamentos, assim como os saltos, devem ser trabalhados na fase de exploração, pistas ou direcionamento de formas variadas e ambientes diferentes como: planos retos, descendo em planos inclinados (elementos facilitadores), subindo em planos inclinados (elementos dificultadores); diferentes tipos de piso (duro, macio, grama, colchão, etc), sobre aparelhos (tampa de plinto, sobre o plinto, sobre a trave de equilíbrio), entre outros que o professor ou seus alunos possam criar.

¹⁵ A prova de Salto é constituída por cinco fases: abordagem no trampolim, primeiro vôle (a partir do trampolim até a mesa de salto), fase de apoio e repulsão na mesa de salto, segundo vôle (a partir do apoio até a aterrissagem) e a aterrissagem.

BALANCEAR EM APOIO E SUSPENSÃO

Os balanceios na GA estão presentes com maior frequência devido aos inúmeros aparelhos de suspensão e apoio, como: Barra-fixa, Barras assimétricas e simétricas, Argolas e Cavalo com alças. Os movimentos de balancear em suspensão são aqueles nos quais o corpo do executante está em sua maior parte abaixo do ponto fixo (barra), quando a pessoa está suspensa (pendurada) e os movimentos de apoio são aqueles em que a maior parte do corpo da pessoa está acima do ponto fixo, ou seja, apoiada.

Os exercícios básicos de balanceamentos que podem ser executados na escola são:

- ✓ Balancear em suspensão com pernas flexionadas;
- ✓ Balancear em suspensão com pernas estendidas e quadril em extensão;
- ✓ Balancear em suspensão com pernas estendidas e quadril em flexão (posição carpada);
- ✓ Balancear em suspensão com $\frac{1}{2}$ giro no eixo longitudinal.

Todas essas formas básicas de balanceios podem ser feitas com tomadas das mãos: dorsal (dorsos das mãos virados para o executante ao iniciar o exercício) e palmar (palmas das mãos viradas para o executante ao início do exercício). Existe ainda a tomada cubital, mas não abordaremos nesse estudo por ser de um nível de dificuldade que não faz parte dos movimentos básicos de iniciação da Ginástica no contexto escolar.

- ✓ Balancear em apoio com apoio das mãos nas barras ou em lugares paralelos e de mesma altura;
- ✓ Balancear em apoio dos braços (braquial) nas barras ou qualquer outro apoio;
- ✓ Balancear em apoio para os lados (tesouras no cavalo com alças).

Esses movimentos são importantes de serem trabalhados com os alunos pelo fato de não serem contemplados em seu cotidiano e poderem ser executados não apenas em aparelhos oficiais ou adaptados, mas também em árvores ou na trave do gol, quando a mesma já não possui os ganchos para prender a rede. Os movimentos de balancear em apoio podem ser feitos entre dois plintos próximos com espaços para os balanços entre eles, ou qualquer outro material que se possa apoiar.

PASSAR PELO APOIO INVERTIDO

Os movimentos de passagem pelo apoio invertido são caracterizados pela inversão do corpo em relação à posição ereta com apoio das mãos no solo, com ou sem vôo, como: parada de mãos (apoio invertido estendido); parada de cabeça ou parada de três apoios; estrela (passagem lateral pelo apoio invertido); rodante ou rondada (passagem pelo apoio invertido com vôo e $\frac{1}{2}$ giro no eixo longitudinal); flic-flac (passagem pelo apoio invertido com vôo e para trás); reversão para frente (passagem pelo apoio invertido com vôo e para frente), entre outros.

O início do desenvolvimento de apoios invertidos são feitos didaticamente a partir da quadrupedia, que pode-se dizer que é a forma mais comum dos aprendizes começarem a inverter o corpo, sugerindo que as crianças, então, desloquem-se de formas diferentes com o apoio das mãos no Solo. A partir disso, o professor pode oferecer pistas como: apenas para frente, apenas para trás, decúbito dorsal, decúbito ventral, sobre obstáculos, em duplas, etc. Depois desse estágio, o professor pode também dar pistas de deslocamentos ainda não contempladas como: a exigência de apoio das mãos podendo construir um deslocamento com três apoios apenas; cada pé só pode ser apoiado seguidamente no máximo duas vezes, em duplas, trio, etc. Com isso, os alunos descobrirão muitas variações de deslocamentos com apoios das mãos por meio da mediação do professor, vivenciadas em diferentes aparelhos e espaços, podendo então aprender de forma direcionada novos elementos característicos da G.A., como:

- ✓ “Tesourinha”: movimento de apoio das mãos no solo com troca de pernas no ar, iniciando com uma das pernas à frente do corpo e finalizando com a outra;
- ✓ Parada de mãos com o peito voltado para a parede (lagartixa ou macaquinho teimoso): virando de costas para a parede, apoiando as mãos no solo e subindo os pés na parede. Cada criança poderá subir o quanto conseguir, podendo ser uma atividade bem individualizada, em que cada aprendiz pode elevar os pés no seu limite;
- ✓ Parada de mãos propriamente dita em trios: nas primeiras vezes da execução da parada de mãos completa, é adequado que façam com

auxílio porque em geral não se tem muitos colchões para fazer a segurança. Portanto, com um colega de cada lado auxiliando o exercício se torna mais seguro e agradável na sua execução. É importante nesse momento a vivência rápida da posição invertida e não segurar o executante por muito tempo nessa posição, pois gera um desconforto depois de alguns segundos. Não convém nas primeiras vivências o professor corrigir demais a postura, pois primeiro o aprendiz precisa entender o movimento e sentir-se mais confortável para então corrigir sua postura em uma posição não habitual. A partir de algumas repetições é, então, adequado corrigir a postura de contração do corpo com total extensão de quadril, flexão da articulação escápulo-umeral (ombros), extensão dos joelhos, tornozelos e manter a posição estática que caracteriza o exercício;

- ✓ Parada de três apoios ou de cabeça: nesse exercício é importante lembrar que o apoio é feito pela cabeça além das mãos e que esses três apoios devem ser dispostos no chão de maneira que formem um triângulo para ter uma base de sustentação do corpo. Após formar essa base triangular, o quadril eleva-se (tirando os joelhos do solo) e os pés começam a caminhar em direção à cabeça até que o quadril fique sobre a cabeça e estabeleça-se um equilíbrio do corpo. A partir disso os pés são elevados do chão e apóia-se os joelhos (flexionados) nos cotovelos, formando uma posição que é chamada de “elefantinho”. Essa posição pode ser feita com auxílio de dois colegas assim como a parada de mãos, trabalhando em trios. Depois de dominada inicialmente essa posição,

pode-se repeti-la, mas elevando os joelhos muito lentamente para não perder o equilíbrio adquirido na posição anterior e buscando manter então a posição estática da Parada de três apoios. Quando o aprendiz chegar a posição estendida do corpo com o apoio da cabeça poderá então variar as formas de elevação das pernas [grupada, carpada (unidas ou alternadas) e afastada] e descida do exercício [grupada, carpada (unida ou alternada), afastada ou ainda rolando];

- ✓ Estrela: passagem pelo apoio invertido com rotação lateral sem manutenção de posição estática. Esse movimento é bastante conhecido pelas crianças e pode ser iniciado com movimentos de coordenação de apoio das mãos e dos pés, que acontecem em seqüência: mão-mão-pé-pé. As atividades de coordenação de mãos e pés no apoio da estrela podem ser feitas em planos mais altos como banco sueco ou tampa de plinto, de maneira que os alunos possam saltar de um lado para o outro do plano elevado, apoiando sobre o plano: uma mão depois a outra, seguidos de um pé no solo (do outro lado do plano elevado) e do outro. Nessa primeira atividade, apesar do movimento de coordenação entre mãos e pés da estrela, ainda não se caracteriza como rotação lateral. Para que isso aconteça pode ser executado um movimento de apoio das mãos na posição lateral em relação ao corpo, sobre uma tampa do plinto e eleva-se o quadril de maneira que o aluno passe para o outro lado da tampa de plinto¹⁶. O plano inclinado é utilizado para trabalhar a elevação dos quadris dos alunos, pois essa é uma das maiores dificuldades dos

alunos que não conseguem executar uma estrela. O mesmo exercício pode agora ser feito sem o plano elevado, apenas com marcações de cordas no chão que marquem o espaço ocupado pela tampa de plinto, anteriormente usadas, facilitando a coordenação dos alunos que colocam as mãos entre as cordas e os pés fora delas. A partir disso o professor deverá orientar seus alunos para fazerem uma estrela cada vez mais reta, como se fosse fazê-la sobre uma Trave de equilíbrio; com cordas no chão limitando o espaço (ponte de travessia), o aluno pode fazer a estrela buscando não cair fora das marcas. A Estrela pode ter seu início na posição lateral ou frontal para onde irá colocar as mãos e a finalização pode também ser lateral ou de frente onde o aluno iniciou o movimento (para onde estavam as mãos).

O tema “apoio invertido” possibilita ainda muitas ações da GA, como o flic-flac, a reversão para frente, entre outros, mas neste estudo a ênfase será dada aos exercícios mais básicos da iniciação nesta modalidade no contexto escolar.

PASSAR PELA SUSPENSÃO INVERTIDA

Os movimentos de suspensão invertida são característicos dos aparelhos que envolvem o ato de suspender-se, assim como a ação anteriormente contemplada de “balancear em suspensão”, e são os seguintes: Barras assimétricas e simétricas, Argolas e Barra-fixa. No contexto escolar essa ação pode ser concretizada em

¹⁶ Fig 04 do item que trata sobre infra-estrutura e materiais.

aparelhos adaptados ou alternativos, assim como foi colocado no capítulo anterior sobre materiais alternativos, ou em árvores, ou ainda qualquer local que possibilite suspender-se, como cordas de sisal (mínimo 5cm de diâmetro) presas no teto. A diferença de outras formas de balanceamento em suspensão é que essa ação deve ser feita com suspensão na posição invertida, que possibilite a execução de outros movimentos contemplados na G.A.:

- ✓ Suspender-se e elevar as pernas passando entre os braços e manter posição invertida ou passar por ela, girando sobre si mesmo no eixo transversal. A postura do corpo pode ser grupada, carpada ou estendida (vela);
- ✓ Outra posição invertida que não existe oficialmente nos movimentos característicos da GA, mas que é excelente para os alunos adaptarem-se à posição invertida ou mesmo para brincarem de suspender-se com o corpo invertido, é o movimento de suspender-se pelos joelhos. Iniciando da mesma forma do item anterior e quando estiver em posição invertida prender os joelhos na barra e soltar as mãos lentamente. Indica-se que o professor faça a segurança pelos tornozelos da criança até perceber que ela consegue sustentar-se.

Esses mesmos exercícios podem ser feitos com as duas mãos em uma corda ou em duas cordas com uma mão em cada corda. Esses movimentos são comumente realizados pelas crianças em parques ou praças que tenham aparelhos para pendurar-se.

DESLOCAR-SE BIPEDICAMENTE

A ação de deslocar-se bipedicamente engloba os movimentos de deslocamento da Ginástica sobre a Trave de equilíbrio ou no Solo, e que são contemplados também na Ginástica Rítmica assim como em outras modalidades gímnicas. São deslocamentos com:

- ✓ variações de corrida: correr flexionando os joelhos e elevando os pés em direção ao quadril, chassés (passo une passo), corridas laterais cruzando as pernas, andar em relevé (parte anterior da sola do pés ou meia-ponta), battement (chutes de pernas estendidas), entre outros;
- ✓ Saltitos: saltos com permanência menor de tempo no ar: changement (saltito em quinta posição do ballet clássico com trocas de pernas no ar), tesourinhas, entre outros.

Esses movimentos podem ser feitos na posição do corpo frontal, lateral e dorsal, e a posição dos braços inicialmente é ao lado do corpo lateralmente em abdução. Essa posição dos braços é para oferecer uma estética básica ao exercício e ao mesmo tempo não confundir os alunos com movimentações de braços. Posteriormente, a posição dos braços pode ser modificada e enriquecida com ondulações dos mesmos ou outros movimentos livres.

EQUILIBRAR-SE

Os movimentos de equilíbrio estão presentes em todas as modalidades gímnicas e podem ser contemplados nos movimentos de equilíbrio estático, quando “um

elemento corporal exige manutenção de uma posição, durante um curto espaço de tempo, 2 ou 3 segundos, sobre um ou dois apoios, podendo variar de acordo com o ponto de apoio, a posição de pernas e tronco” (TOLEDO, 1999, p.115), em movimentos de equilíbrio dinâmico, necessário para controlar o corpo durante a execução de exercício dinâmico e o equilíbrio recuperado, visualizado nas finalizações de exercícios (aterissagens) quando objetiva-se o controle do corpo.

Os equilíbrios dinâmico e recuperado são trabalhados através da execução de outros exercícios da Ginástica, mas o equilíbrio estático pode ser trabalhado nos aparelhos: trave de equilíbrio e solo. Tanto na trave de equilíbrio quanto no solo, as formas de equilíbrios estáticos são as mesmas, podendo ser executado em um ou outro aparelho. As variações podem ser de acordo com o ponto de apoio (um pé, mãos, joelhos, ombros, região dorsal ou glútea, entre outras formas), a posição das pernas (estendida ou flexionadas nos planos frontal, lateral e dorsal) e posição do tronco (extensão, hiperextensão, flexão lateral e frontal), (TOLEDO, 1999).

Essas variações e possibilidades de equilíbrio necessitam sequer colchões, podem ser feitas no chão ou mesmo sobre os bancos suecos, pequenos muros, cordas, tampas de plinto, linhas no chão, etc. É importante criar brincadeiras que possibilitem movimentos de equilíbrio.

PASSAGEM PELO SOLO OU TRAVE

A ação de passagem pelo solo ou trave contempla movimentações de contato com o solo e trave, envolvendo movimentos coreográficos e outros característicos da Ginástica como: ponte, vela, posturas de flexibilidade nesses aparelhos, poses, entre

outros movimentos que antecedem posturas mais complexas de apoio invertido, como a quadrupedia, ondas, etc. Estes são movimentos característicos também de outras modalidades gímnicas.

ABERTURA E FECHAMENTO

Os movimentos de abertura e fechamento do corpo estão presentes em praticamente todas as provas da Ginástica Artística, tanto feminina como masculina. São movimentos que podemos visualizar em alguma fase de diversos movimentos completos, compondo as alavancas dos exercícios das barras como o quipe, os giros gigantes, as técnicas de abertura e fechamento do corpo para largadas e retomadas do corpo no aparelho, de uma ou duas fases de vôo da prova de salto, dos mortais nos aparelhos que possibilitam esse movimento, enfim, elementos que fazem parte dos exercícios da GA nos seus respectivos aparelhos.

O exercício de abertura e fechamento do corpo mais básico que pode ser ensinado aos alunos é o movimento de saltar com o corpo grupado sobre o plinto e saltar novamente. O saltar para cima do plinto (plano alto) com o apoio das mãos (característica da prova de salto) é um movimento de abertura e fechamento para conseguir colocar os pés apoiados sobre o plinto entre os braços, e posteriormente da posição grupada (fechamento) estende-se o corpo (abertura) para saltar estendido e aterrissar no solo. Esse exercício pode também ser feito no chão, sem necessidade de colchões, como uma forma de quadrupedia com um pequeno vôo de colocar as mãos longe dos pés e puxá-los em direção a elas novamente, originando um movimento que as crianças chamam de “coelhinho”. Esse exercício pode ser feito em seqüência,

alternando a postura dos membros inferiores (grupados, carpados e afastados) e os planos que são feitos: alto ou baixo, de baixo para cima, de cima para baixo, podendo utilizar como planos altos o próprio plinto ou degraus de arquibancada da escola, escadas ou bancos suecos (aparelho muito comum nas escolas).

VOLTEIO

O volteio é um movimento característico do aparelho “cavalo com alças” e consiste em giros de 360° que são feitos ao redor do aparelho sem o apoio dos pés e apenas com apoio das mãos, passando pela posição de apoio em decúbito ventral e dorsal do corpo. São movimentos que, apesar de básicos para o aparelho anteriormente citado, não é uma movimentação fácil. Mas para a vivência das crianças pode-se utilizar a tampa do plinto sem gavetas e apoiar as mãos sobre ela e os pés apoiados no chão. Dessa posição pode-se andar com os pés em volta do plinto, estando com as mãos sempre viradas para o mesmo lado, tendo que passar da posição de decúbito ventral para decúbito dorsal (quando estiver do outro lado do plinto). O mesmo exercício pode ser feito em duplas, com um colega segurando os pés do outro colega que está com as mãos apoiadas na tampa do plinto e o corpo estendido. O colega que está seguindo os pés do amigo começa a girar lentamente em volta da tampa, e o colega que está apoiado faz a movimentação das mãos para o corpo passar de um lado para o outro. Essa mesma atividade pode ser feita ainda com um balde pendurado por uma corda no teto e próximo da altura do local que serão apoiadas as mãos. O aluno coloca os pés dentro do balde, sustenta o quadril estendido para não sentar no apoio e faz a movimentação de giro em volta do local de apoio (cavalo ou

tampa de plinto). É importante que façam essas atividades em duplas para que os colegas aprendam a proteger uns aos outros nos exercícios.

GIRAR NO EIXO LONGITUDINAL

Essa ação é muito utilizada em todos os aparelhos da GA, nos elementos corporais da GR, assim como em todas as modalidades gímnicas. Pode ser executada em contato com o aparelho, passando da posição de decúbito dorsal para decúbito ventral sucessivamente (rolar de lado) ou na posição ajoelhada, sentada ou ereta, tendo um ou mais pontos de apoio. O giro no eixo longitudinal pode ainda ser executado combinando-se com outras ações motoras, como: saltar, girar sobre si mesmo, balancear em suspensão e passagem pelo apoio invertido; sendo complexas a maioria dessas combinações para as aulas de Educação Física.

Na escola a ação de girar no eixo longitudinal será bastante executada com apoios no solo ou combinada com a ação de saltar. Alguns exemplos:

- ✓ saltar com giro no eixo longitudinal, combinando os mais variados saltos: galope, tesoura, geté, grupado, afastado, estendido, entre outros, com giros no eixo longitudinal;
- ✓ Rolar lateralmente, no Solo, como a forma mais simples para uma criança rolar, podendo ainda ocorrer variação na postura de braços e pernas;
- ✓ Girar com apoio de um ou dois pés, no Solo ou na Trave de equilíbrio, podendo variar a postura de braços, pernas e tronco;
- ✓ Girar com apoio dos joelhos ou do quadril, no Solo ou na Trave de equilíbrio.

GINÁSTICA RÍTMICA

A GR é baseada nas ações que os aparelhos dessa modalidade possibilitam e que foi organizado por Toledo (1995, p.26-30):

Arco: rotar, rolar, lançar, arrastar (ação complementar), movimentar em oito, prensar (ação complementar), circundar, passar sobre, balancear, passar por dentro, quicar (ação complementar).

Bola: lançar, quicar, rolar, equilibrar, prensar (ação complementar), movimentos em oito, circundar.

Corda: saltar, quicar (ação complementar), saltitar, arrastar (ação complementar), movimentar em oito, pegadas e solturas, envolver o corpo (ação complementar), dobrar (ação complementar), circundar, balancear, formar figuras (ação complementar), lançar, girar,

Fita: espiral, impulsos, escapadas, envolver no corpo (ação complementar), dobrar (ação complementar), segurar a ponta da fita (ação complementar), lançar, movimentar em oito, circundar, serpentina,

Maças: molinetes, rotar, lançar, circundar, bater, pequenos círculos, rolar (ação complementar), balancear.

Algumas ações de manejo da GR são comuns a todos seus aparelhos, como: circundar, balancear, movimentos em oito e lançar, ou seja, todos os aparelhos podem ser circundados, balanceados, movimentados em forma de oito e lançados, podendo dizer que essas, então, seriam as ações mais básicas de manejo da GR, pois podem ser encontradas em manejos de quaisquer dos cinco aparelhos: Arco, Bola, Fita, Corda e Maça¹⁷.

Pode-se ainda criar muitas brincadeiras que envolvam as ações da GR e seus aparelhos.

AÇÕES BÁSICAS DA GA E GR EM UMA MESMA AULA

Algumas ações básicas podem ser encontradas nas duas modalidades gímnicas que estudamos nesse texto, e podem ainda serem desenvolvidas na mesma aula, como por exemplo: Rolar (ou girar sobre si mesmo), tanto o corpo pode rolar em diferentes materiais e locais e de diferentes formas e posicionamentos como pode-se rolar algum material como o Arco, a Maça, a Bola, ou ainda rolar o corpo e rolar o aparelho ao mesmo tempo.

A união das duas modalidades através de uma ação motora básica auxilia na compreensão da ação contemplada nessa aula, pois os alunos além de vivenciarem os movimentos com seus corpos transferem as ações para outros contextos e/ou materiais, como o manejo de aparelhos, facilitando a compreensão do conceito da ação.

Adotar a mesma organização de conteúdos por aulas na Educação Física escolar, conforme realizávamos no PCG, permite uma ampla visão do conteúdo a ser trabalhado, oferecendo maiores possibilidades pedagógicas de desenvolvimento da Ginástica no contexto escolar. Os conteúdos podem ser organizados de maneira que nas séries iniciais explorem-se as ações de forma isolada, com diferentes materiais e locais, e, a cada novo ciclo ou série, as ações possam aumentar o nível de complexidade e serem combinadas umas com as outras.

¹⁷ O detalhamento das variações de cada ação com cada aparelho pode ser encontrado na dissertação de mestrado de Toledo, Eliana. “Proposta de conteúdos para a Ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll”. p. 130-133.

✓ **Objetivos propostos para os conteúdos de cada aula**

É importante no planejamento que os objetivos das aulas estejam claros e possíveis de serem visualizados, pois muitas vezes objetivos são colocados de forma generalizada, ficando distante do cotidiano das aulas. Os objetivos devem auxiliar o professor na mediação, na condução da aula, pois em métodos mais abertos, o professor sabe onde quer chegar, mas o caminho trilhado no decorrer da aula deve levá-lo a atingir as metas traçadas. Como por exemplo: no tema Saltar, podemos passar por todos os momentos do método proposto, mas não podemos perder o foco do objetivo a ser alcançado. Se o objetivo de uma aula pertence ao conteúdo “Saltar da Ginástica” significa que meu aluno deva, ao término da aula, “ser capaz de executar os saltos básicos da GA e da GR que iniciam sua impulsão com os pés unidos e aterrissam da mesma forma”, é preciso que desde a distribuição dos materiais que possuo, no ambiente proposto para a aula, possibilitem a estimulação da aprendizagem dos saltos. No segundo momento, quando o professor oferecer pistas ou criar situações problemas às crianças, ele deverá refletir sobre as ações contempladas no primeiro momento e dar dicas para que essas ações se encaminhem, por meio de descobertas, para o objetivo pensado nessa aula e sendo cada vez mais característicos dos saltos gímnicos. No terceiro momento então, o professor irá oferecer as atividades que não surgiram anteriormente, ou se surgiram irá aumentar a complexidade delas, direcionando para os saltos básicos da GA e da GR com as formas determinadas de impulsão e aterrissagem desenvolvidas no circuito com diferentes graus de dificuldade, alguns mais fáceis e outros mais desafiadores. Após essa vivência, será o momento da tomada de consciência sobre o que foi aprendido em aula, quando os alunos refletem

sobre o que foi feito e a forma como foi desenvolvido o trabalho, e o professor pode então verificar se seus objetivos de realizar essa ação com compreensão do que é saltar foram alcançados pelo grupo. Caso não tenha sido alcançado, o conteúdo poderá ser retomado em outras aulas.

✓ **Educativos para o aprendizado dos exercícios**

Os professores têm muita vontade de aprender mais exercícios educativos, exercícios que facilitam o aprendizado de seus alunos e dinamizam mais o conteúdo das aulas.

Os educativos servem para desenvolver o aprendizado de movimentos em diferentes modalidades esportivas. Na GA e na GR eles podem ser infinitos, pois além dos tradicionais, que são utilizados em diferentes locais da mesma maneira e para o mesmo fim, existe a possibilidade dos profissionais criarem os seus próprios educativos específicos para cada objetivo. Para isso é preciso analisar o exercício que se quer ensinar, compreendê-lo e saber quais as dificuldades das crianças para executar o movimento proposto. Os educativos são criados para:

- ✓ dividir o exercício em partes e facilitar o aprendizado dele, ensinando cada parte do movimento de forma separada. Por exemplo, para ensinar o rolamento de costas, eu posso dividi-lo em algumas partes: primeiro eu vou trabalhar com a posição do corpo que facilita o rolar, posição grupada (“bolinha”) e balançar nessa posição para frente e para trás como uma gangorra. Depois vou fazer o mesmo movimento, mas quando for para

trás vou colocar a palma da mão toda no chão (dedos voltados para os pés, embaixo do ombro e cotovelos apontados para o teto). Até aí eu já ensinei a posição de rolar e o apoio das mãos como deve ser feito no momento do rolamento. Agora a criança sairá da posição agachada e rolará para trás e dois colegas irão ajudá-lo a virar;

- ✓ utilizar materiais ou o espaço que facilitem a ação proposta – “ação facilitadora”. Utilizando o exemplo anterior, o rolamento de costas ou para trás, pensamos em posições ou materiais ou espaço que facilitem essa ação de rolar. Analisando o exercício eu preciso de algo que eleve o quadril da criança e abaixe o tronco da criança, deslocando seu centro de gravidade e favorecendo a ação de rolamento. Posso, então, improvisar um plano inclinado na minha quadra, apoiando uma madeira na arquibancada e colocando um colchonete fino sobre a madeira, ou posso ainda utilizar um barranco de grama que tenho na escola, ou mesmo com um plinto montado com um lado preso nas gavetas e outro no chão, ou ainda construir um plano inclinado de colchões que tenho na escola. Além do plano inclinado, o mesmo objetivo é alcançado se a criança subir em um plano mais alto (arquibancada, tampa do plinto etc) e colocar as mãos no colchão no nível do chão;
- ✓ utilizar materiais ou o espaço de forma que dificultem a ação – “ação dificultadora”. Essa ação serve para que o aluno esforce-se mais do que o exercício exige, levando-o a compreensão do esforço necessário para conseguir executá-lo ou ainda para melhorar sua execução. Nesse mesmo exemplo, caso a criança não consiga colocar seus pés no chão na

fase final do rolamento, e apenas coloque os joelhos, é preciso então detectar onde está a dificuldade que a impede de executar o exercício corretamente, analisando o movimento em suas partes, verificando onde está a falha. O problema, nesse caso, está na falta de extensão dos braços que demoram muito para se estendem, não permitindo que os pés cheguem ao chão antes do joelho. O professor, então, com base nessa análise pode (re)criar¹⁸ um educativo que exija que seu aluno estenda o braço. Para tal exemplo pode-se fazer o rolamento, finalizando-o com os pés em um plano mais alto, sendo auxiliado pelo professor ou por um colega, mas certamente induzindo a criança a perceber sua falha.

ORGANIZAÇÃO DAS AULAS

Foram desenvolvidas algumas tabelas para melhorar a organização do professor no trabalho com aulas de Ginástica em escolas. Sugerimos então, quatro delas:

- ✓ a primeira tabela busca organizar o TEMA, os MATERIAIS, os OBJETIVOS e os DIRECIONAMENTOS oferecidos em cada aula para facilitar seu plano, de forma mais detalhada. Para os profissionais que não estão acostumados com planos de aulas de Ginástica, esses tópicos podem auxiliar, pois a partir disso o professor já sabe o que ele precisa desenvolver com seus alunos, quais materiais ele tem à disposição dos alunos para os três momentos da aula e o que ele poderá sugerir de

¹⁸ (Re)criar porque muitas vezes o educativo já existe, mas aquele professor não o conhece e, para ele, o educativo foi criado naquele momento.

atividades no momento de direcionamento, de acordo com o objetivo da aula. Esta tabela pode ser usada tanto para aulas de GA como de GR;

- ✓ a segunda e terceira tabelas trazem sugestões de organização para as aulas de GA e GR, respectivamente, com as ações motoras a serem desenvolvidas durante o decorrer das aulas. Ao professor cabe escolher o tema e, a partir disso, elaborar o direcionamento do conteúdo escolhido. Essa tabela é interessante para que o profissional visualize as ações que foram trabalhadas nas aulas anteriores e para saber se tem se concentrado sempre nos mesmos temas com os mesmos direcionamentos. Pode auxiliar para o plano do próximo ano, quando o professor visualiza o que já foi trabalhado nos anos anteriores e pode, então, sugerir combinações de ações ou níveis de complexidade maiores;
- ✓ A quarta sugestão de organização das aulas é um modelo de plano de aula para que o professor pense em cada item proposto para facilitar a aplicação das aulas de G.A. e G.R.

Sugestão de tabela para organização das aulas (exemplos para a faixa etária de 8 anos)

Aula	Conteúdos	Objetivo	Material e local	Direcionamento
Aula 01	Rolar	Rolar na posição grupada sem o apoio das mãos ao levantar	Plinto, tábua de madeira, colchonete de aeróbica, gramado, banco sueco apoiado na arquibancada e um colchão	Rolamento grupado em duplas para auxílio ao levantar Rolamento em plano alto apoiando os pés no plano baixo para levantar Rolamento grupado em plano inclinado
Aula 02	Abertura e fechamento	Conseguir coordenar o movimento de abertura e fechamento afastado e grupado sobre o plinto	Plinto 3 e 4 gavetas, arquibancada, banco sueco, dois colchões, cordas e arcos	Subir nas arquibancadas em posição grupada e afastada alternadamente Subir no plinto na longitudinal na posição grupada e salto grupado no ar Salto afastado sobre o plinto na posição transversal apoiando os pés e saltando na posição estendida
Aula 03	Apoio invertido	Conseguir apoiar-se nas duas mãos com alternância de pernas (tesourinha) em direção à parada de mãos	Tampa de plinto, parede, arquibancada, colchão, gavetas de plinto para quadrupedia, banco sueco, cordas e arcos	Passagem pelas cordas com movimentos de quadrupedia e elevação do quadril Apoio das mãos sobre o plinto e elevação das pernas em direção à parada de mãos Passagem pelas gavetas em quadrupedia Passagem pelo solo executando a “tesourinha” (pequena parada de mãos com troca de pernas)
Aula 04	Rolar	Conseguir rolar os aparelhos de GR no chão e sobre outros apoios	Arco, Bola, banco sueco, tampa do plinto, arquibancada, cordas.	Rolar o Arco em duplas Idem com a Bola Rolar o Arco entre as Cordas que formam um corredor Rolar a Bola sobre o banco sueco e arquibancada
Aula 05	Circundução, Balanceamentos e Movimentos em oito frontal	Conseguir executar os movimentos em oito latero-lateral	Corda, Fitas, banco sueco	Movimentos em oito e dupla com cordas Movimentos em oito com fitas sobre o banco sueco em deslocamento

Sugestão de tabela de organização de aulas de Ginástica Artística com exemplo de temas de aulas

TEMA/ AULA	Saltar	Aterrissar	Rolar	Balancear em apoio e suspensão e/ou invertida	Apoio invertido	Deslocar- se bipedica- mente	Volteio e quadrupedia	Abertura e fechamen- to	Passagem pelo Solo ou Trave	Equilibrar -se	Direcionamento
1	X	X									Saltos grupado, carpado, afastado e estendido
2			X								Rolamento de costas
3					X			X			Parada de mãos e grupado sobre o plinto
4	X										Salto afastado sobre o plinto
5			X			X					Deslocamentos no solo e Trave (chassés, batement, passé) e rolamento de frente grupado
6					X					X	Parada de três apoios
7			X	X							Balancear na Barra com pernas estendidas e girar sobre si mesmo em suspensão
8									X		Formas de quadrupedia na Trave no Solo
9					X		X				Volteio em dupla no plinto e Estrela
10	X		X								Mergulho (rolamento com fase de voo) após saltar no trampolim e retomar saltos básicos da 1ª. aula

Sugestão de tabela de organização de aulas de Ginástica Rítmica com exemplos de temas de aulas

Tema	Rolar	Rotação E pequenos círculos	Circundução	Balancear	Movimentos em 8	Passagem por dentro ou sobre o aparelho	Prensar e Arrastar	Lançar	Quicar, dar batidas, serpentina /espiral	Saltar o aparelho ou c/ aparelho	Seqüência de movimento	Aparelhos
Aula 01			X	X								Arco e Corda
Aula 02	X				X	X						Arco e Corda
Aula 03								X		X	X	Arco e Corda
Aula 04			X	X				X				Bola e Fita
Aula 05					X				X			Bola e Fita
Aula 06	X	X									X	Bola e Fita
Aula 07			X	X								Maça
Aula 08		X						X				Maça
Aula 09											X	Escolher dois aparelhos
Aula 10											X	Escolher dois aparelhos

PLANO DE AULA

Escola:

Professor (a):

Turma:

Tema:

Objetivo:

Data:	Retomada de consciência da aula (roda)
Parte inicial:	
1º. momento:	Observações
2º. momento:	Estagiário(a)
3º. momento:	Retomar na próxima aula

REFLETINDO SOBRE AS ALTERNATIVAS PROPOSTAS

Este é o momento de refletir sobre as alternativas de trabalho que foram propostas e as diretrizes relacionadas à GA e à GR apontadas para os profissionais de Educação Física desenvolverem nas escolas.

Todas as sugestões foram baseadas na estrutura e no método elaborados para o projeto “Crescendo com a Ginástica”, somando a eles as dificuldades apresentadas pelos professores na pesquisa de campo deste estudo. Foram também levadas em consideração as experiências vividas pelo Grupo Imaginação em aulas extracurriculares destas modalidades na escola. Todas essas vivências trouxeram muitas contribuições para as alternativas aqui sugeridas, e tornam as mesmas acessíveis e coerentes com a realidade encontrada no cotidiano dos profissionais, pois foram desenvolvidas na prática de aulas de GA e GR nas escolas.

Esta pesquisa busca atender diretamente os profissionais que atuam nas escolas, cuja prioridade é a concretude das sugestões apontadas, tornando-as disponíveis para auxiliar na aplicação destas modalidades gímnicas a serem inseridas ou aprimoradas nas aulas de Educação Física. Para isso, além de buscar respostas em livros, fomos concretizá-las nas próprias aulas de GA e GR. Compreendendo e analisando tanto as dificuldades como a realidade escolar, conseguimos a partir dessa pesquisa encontrar alternativas viáveis para as aulas de Ginástica Artística e Rítmica no ambiente da escola.

O contato com esses professores trouxe a percepção do quanto nos afastamos dessa realidade que eles vivenciam nas escolas, e, muitas vezes, não imaginamos o

quanto as pessoas podem ser leigas em relação ao trabalho com essas modalidades. Foi muito importante saber o que realmente faz falta na prática desses profissionais.

Entre as sugestões apontadas, uma foi a apresentação dos materiais alternativos, buscando superar os problemas encontrados em relação à infra-estrutura das escolas. Uma proposta que se pretende viável para o nosso país, carente de recursos e que instiga nos seus profissionais a improvisação e a criação de formas diferenciadas de estruturas físicas e materiais. Com isso, a intenção maior é criar possibilidades para a construção do conhecimento sobre a GA e a GR na escola, possibilitando a vivência, compreendendo suas ações, transferindo esse conhecimento para outros espaços, como, por exemplo, assistir um evento. Enfim, por meio dessa proposta de confecção dos materiais, cria-se oportunidade para que os alunos conheçam mais esse tema da Educação Física. São materiais de baixo custo, desmontáveis e adequados para as propostas pedagógicas da escola.

Mas não basta a sugestão de materiais adaptados para que a Ginástica torne-se mais viável nas escolas, outro fator que afeta os professores, além dos materiais, é a falta de conhecimento do conteúdo de cada modalidade. Nesta pesquisa pude perceber que mais importante do que solucionar o problema de falta de material é capacitar e trocar conhecimentos com os professores. Quando o professor tem o conhecimento do conteúdo a ser ensinado e de como deve ensinar, pode transformar suas idéias em uma prática possível, inclusive criando outras alternativas de materiais. O mesmo não acontece quando o professor tem materiais, mas não tem conhecimento dos conteúdos a serem ensinados (NISTA-PICCOLO, 1988; POLITO, 1998).

Portanto, é necessário que se capacitem os profissionais, não só oferecendo conhecimentos técnicos, relacionados aos conteúdos dos diferentes temas da

Educação Física escolar, mas criando possibilidades de transformação dos conhecimentos para a escola.

Paes (1996) sugere em seu estudo sobre o basquete, a transformação dessa modalidade esportiva como um jogo possível para o ambiente escolar. Da mesma maneira podemos dizer que o que se propõe nessa pesquisa é uma Ginástica possível.

Ainda sobre a Ginástica Artística escolar, Russell (1980, p.11) comenta que:

Ela não precisa ser uma atividade perigosa, complicada, frustrante, dolorosa e assustadora que, de preferência, você evitaria de imediato. Ao contrário, ela pode ser facilmente transformada em segura, descomplicada e recompensadora por tudo e, ainda, (...) conservar o elemento que causa “emoção” – aquela estimulação cinestésica que imediatamente leva os alunos a quererem mais!

No enfoque desse olhar pedagógico do ambiente escolar e da forma como os temas da Educação Física necessitam serem vistos, Pires e Neves (2002, p.54) enfatizam:

Para tanto, têm sido formuladas propostas conceituais e metodológicas que visam, sobretudo, à construção de um *esporte escolar*, isto é, uma manifestação pedagogicamente modificada dessa específica cultura de movimento, produzida na/para a escola a partir do eixo tensionado entre as dimensões do esporte de rendimento e do lazer.

Outro desafio desse estudo foi buscar, além das alternativas para uma possível existência da GA e GR na escola, uma qualidade para essas aulas, que fosse condizente com os aspectos fundamentais da Educação Física escolar de inclusão, diversidade e de conteúdos, aspectos também apontados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998b).

Portanto, além “do quê” ensinar, o “como” foi essencial para o desenrolar das sugestões, propondo a utilização de um método adequado à formação de uma criança

crítica, apresentando problemas e ensinando a resolvê-los, não pretendendo apenas incluí-las de qualquer maneira entre os temas abordados nas aulas.

As estratégias de ensino também precisaram ser adaptadas, pois no PCG, a quantidade de material ideal permitia outras dinâmicas, mas para o trabalho com o método de três momentos, com poucos materiais e muitos alunos, a adaptação feita nas escolas e sugerida como uma possibilidade foi o trabalho em circuito.

Com base nas sugestões apresentadas de reformulação do PCG para a Educação Física escolar, face às dificuldades encontradas na pesquisa de campo, serão apresentados, anexos, alguns planejamentos atuais das aulas de professores do Grupo Imaginação, que não têm o objetivo de servir de receitas para os professores, mas como idéias iniciais para criar possibilidades na produção de conhecimento (FREIRE, 1996), e que a partir disso possam produzir suas próprias aulas (Anexo F).

Neste estudo, tentou-se facilitar para os professores de Educação Física escolar o acesso a sugestões baseadas nas principais dificuldades vividas no cotidiano de escolas públicas e privadas. Estas sugestões podem encurtar o caminho para o ensino de GA e GR nas aulas de Educação Física, mas ainda será preciso que o professor faça a sua parte de tornar possíveis essas modalidades na escola, mostrando a sua importância, adaptando materiais, movimentando a comunidade e a escola para reconhecerem este tema da Educação Física, atualizando-se e sabendo discutir questões ligadas à relevância desse tema no ambiente escolar.

É importante dizer ainda que é difícil trabalhar com essas modalidades e esse método em diferentes ambientes. As próprias modalidades, não sendo tão comuns quanto outras, já fazem com que o professor tenha que se dedicar mais e buscar uma atualização. A falta de material também torna o cotidiano do profissional mais

trabalhoso, pois precisa providenciá-lo, emprestá-lo (como pude presenciar na pesquisa de campo), e até mesmo fabricá-lo.

Quando se possui o material, é preciso carregá-lo, montar e desmontar, o que também gera mais trabalho para os profissionais do que carregar bolas. Isso tudo sem falar no desenvolvimento de aulas com métodos diferenciados e adequados à formação e desenvolvimento da criança. Pois demora-se até compreenderem a dinâmica diferenciada, resolverem problemas, refletirem sobre as aulas de Educação Física, sem receber tudo pronto, apenas repetindo exercícios. É essencial lembrar que não é fácil ser bom professor e diferenciar-se. Isso gera trabalho, o nosso trabalho.

Não pretendo com essa fala desencorajar o professor em relação à Ginástica, mas dizer que dar boas aulas de basquetebol, futebol, dança, lutas, etc., também é trabalhoso. Boas aulas requerem tempo de planejamento, estudo, atualizações, boa vontade, motivação, justificativas, enfim, a nossa profissão precisa de pessoas que além de gostarem de esporte, gostem de ensinar, pessoas que estejam sempre em busca de aprender um pouco mais e de experimentar algo novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUB, Eliana. **A Ginástica Geral e Educação Física escolar**. Campinas: Unicamp, 2003.

BARBOSA, Ieda Parra. **A Ginástica nos cursos de licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná**. 1999. Tese (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: Moreira, Wagner Wey (org.). **Educação física & esportes – Perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1992.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CARDOSO, Carlos Luiz. Concepção de aulas abertas. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física I**. 2^a. ed. Ijuí: Unijuí, 2001. p.121-158.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLL, César. Os conteúdos da Educação escolar. In: COLL, César et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.10-16.

FIAMONCINI, Luciana; SARAIVA, Maria do Carmo. Dança na escola: a criação e a co-educação em pauta. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física I**. 2^a. ed. Ijuí: Unijuí, 2001. p.95-120.

FALCÃO, José Luiz C. Capoeira. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física I**. 2^a. ed. Ijuí: Unijuí, 2001. p.55-94.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Pedagogia do futebol.** Rio de Janeiro: Ney Pereira Editora, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).

HILDEBRANT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física.** Ijuí: Unijuí, 2001.

HÜHNE, Leda Maria. **Metodologia científica: cadernos de textos e técnicas.** 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 21. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

LEGUET, Jaques. **As ações motoras em Ginástica Esportiva.** São Paulo: Manole, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

NISTA PICCOLO, Vilma Lení. **Atividades física como proposta educacional para 1a. fase do 1o. grau.** 1988. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. A Educação Motora na escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In: DE MARCO, Ademir (org.). **Pensando a Educação Motora.** Campinas, SP: Papirus, 1995 – (Coleção Corpo e Motricidade).

_____ (org.) **Pedagogia dos Esportes.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

NUNOMURA, Myrian. **Técnico de Ginástica Artística: uma proposta para a formação profissional.** 2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. 1996. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAOLIELLO, Elizabeth. **A Ginástica Geral e a formação universitária**. In: Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral. Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Proposta de uma linha de Ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Educação Física escolar: ser ...ou não ter?** 3^a. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio (coord). **Educação Física: contribuições à formação profissional**. 3^a. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2000.

PIRES, Giovani De Lorenzi; NEVES, Annabel das. O trato com o conhecimento esporte na formação em Educação Física: possibilidades para a sua transformação didático-metodológica. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física II**. Ijuí: Unijuí, 2002. p.53-98.

POLITO, Beatriz Spina. **A Ginástica Artística na escola: realidade ou possibilidade**. 1998. Monografia (Graduação). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RUSSELL, Keith. **Gymnastics – why is it in school curricula**. Leisure and Movement – Journal of the Szskatchewan Physical Education Ass'n., v. 6, n°. 1, p.07-11, Mar.1980.

SANTOS, Alex Sandro Batista. Esclarecimento e emancipação: desafios da disciplina prática de ensino na Educação Física. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física II**. Ijuí: Unijuí, 2002. p.133-160.

SÉRGIO, Manuel. **A prática e a Educação Física**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 1978.

SILVA, E. V. M.; MACHADO, A. A. **Formação profissional universitária em Educação Física: licenciatura e bacharelado**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do esporte, p. 888-895, vol. II, 1997.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi N. Z.; ESCOBAR, Michele. O. **A Educação Física Escolar na perspectiva do século XXI**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 23, nº. 01, set. 2001.

TOLEDO, Eliana. **Propostas de ações motoras em Ginástica Rítmica Desportiva**. 1995. Monografia (Graduação). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TOLEDO, Eliana. **Proposta de conteúdos para a Ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll**. 1999. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VELARDI, Marília. **Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico**. 1997. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

APÊNDICE A – Produções científicas relacionadas ao projeto “Crescendo com a Ginástica”

MONOGRAFIAS:

Título: “Propostas de ações motoras em Ginástica Rítmica Desportiva”

Autora: TOLEDO, Eliana de. (FEF-UNICAMP, 1995)

Título: “A Ginástica Artística como conteúdo da Educação Física Infantil”

Autora: SCHIAVON. Laurita Marconi. (FEF-UNICAMP, 1996)

Título: “A Ginástica Artística na escola: um encontro possível”

Autora: AIROLDI, Giovana Pereira da Silva. (FEF-UNICAMP)

APRESENTAÇÕES EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS, FÓRUNS, ETC:

Título: “Uma proposta de trabalho fundamentada na ginástica artística e ginástica rítmica desportiva”

Autores: MADUREIRA, José Rafael e PICCOLO, Vilma Leni Nista Piccolo

Anais do V Simpósio Paulista de Educação Física - UNESP/Rio Claro, 1995, p. 72

Título: “Propostas de ações motoras em Ginástica Rítmica Desportiva”

Autora: TOLEDO, Eliana de

Anais do III Congresso Latino-americano: Esporte, Educação e Saúde no movimento Humano/ICHPER SD - Foz do Iguaçu/PR, 1996, p.609

Título: “A Ginástica Artística como conteúdo da Educação Física Infantil”

Autores: SCHIAVON, Laurita Marconi e PICCOLO, Vilma Lení Nista

Apresentação de Tema livre no V Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento: a ciência do movimento humano hoje - Muzambinho/MG, 1996.

Título: “Um estudo sobre a utilização da ginástica artística para o aprimoramento do dançarino”

Autores: MADUREIRA, José Rafael e PICCOLO, Vilma Leni Nista

Anais do VI Simpósio Paulista de Educação Física - UNESP/Rio Claro, 1997, p. 78

Título: “Um projeto de pesquisa, ensino e extensão na área da Ginástica”

Autores: TOLEDO, Eliana de e PICCOLO, Vilma Lení Nista

Anais do VI Congresso de Edición Física e VII Congresso Galego de Educación Física - INEF Galicia, Espanha, 1998, p.261

Título: “Um projeto de pesquisa, ensino e extensão na área da Ginástica”

Autores: TOLEDO, Eliana de e PICCOLO, Vilma Lení Nista

Anais do I Congresso Latino-americano e II Congresso Brasileiro de Educação Motora - Foz do Iguaçu/PR, 1998, p.610

Título: “Crescendo com a Ginástica na escola”

Autora: SCHIAVON, Laurita Marconi

Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral – SESC/UNICAMP
Campinas, 2001, p. 156

Título: “Propostas de conteúdo na ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll”

Autora: TOLEDO, Eliana de.

Anais do Congresso de Educação Física e Ciências do desporto dos países de língua portuguesa – São Luís/MA, 2002, p. 37.

Título: “Crescendo com a Ginástica – extensão, pesquisa e ensino na Faculdade de Educação Física da UNICAMP”.

Autores: SCHIAVON, Laurita Marconi e NISTA_PICCOLO, Vilma Lení.

Anais do Congresso de Educação Física e Ciências do desporto dos países de língua portuguesa – São Luís/MA, 2002, p. 137.

CAPÍTULO DE LIVRO:

Título: “Crescendo com a Ginástica”

Autora: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. (FEF-UNICAMP)

Referência: In: NISTA-PICCOLO, V.L. “Pedagogia dos esportes”. Campinas – SP: Papyrus, 1999.

Título: “Ginástica Rítmica: a necessidade de novos modelos pedagógicos”

Autora: VELARDI, Marília

Referência: In: NISTA-PICCOLO, V.L. “Pedagogia dos esportes”. Campinas – SP: Papyrus, 1999.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO:

Título: “Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico”

Autora: VELARDI, Marília. (FEF-UNICAMP, 1997)

Título: “Propostas de conteúdos para a ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll”

Autora: TOLEDO, Eliana de. (FEF-UNICAMP, 1999)

ANEXO A - Exemplos de Plano de aula elaborado pelos monitores que ministravam as aulas no projeto “Crescendo com a Ginástica”.

PROF. O "CRESCENDO COM A GINÁSTICA"

MONITOR: Jéssy Margarete Medina

TURMA: 4^{os} e 5^{os} anos
4^{os} e 6^{os} anos - MANHÃ

DATA	Nº. AULA	CONTEÚDO TRABALHADO - ESTRATÉGIAS UTILIZADAS	OBSERVAÇÕES
24/03	04	- NOCAN, QUICAN, DECADECAN - BOLA, CORDA e BOLA - Com a bola explorar as formas da quicou (alto, baixo, pulando junto, individualizado, etc). - Fazer um círculo com cada um dos alunos (dentro do círculo a distância de um metro (distância de conforto)). - NOCAN A BOLA explorando diversas formas e movimentos: - lançamentos e recepções de bola, explorando as formas de jogá-la (como uma corda). - pulando sobre a forma livre - NOCAN - o de corpo esticado horizontalmente (de um plano individualizado); - o como bolinha (cambalhota) no ar horizontal (de um plano individualizado). - BUNCAN DE CORDA com o CORDAS (aguardando no meio e no fim).	

PROJETO "CRESCENDO COM A CANTASTICA"

MONITOR:

Larissa Cristina de Jesus

TURMA:

Freemartin
6-7 anos 18.03/18

DATA	Nº. AULA	CONTEÚDO TRABALHADO - ESTRATÉGIAS UTILIZADAS	OBSERVAÇÕES
21/03	3ª	- Paralelos assimétricos (ex: paralelos) → super, suspender, ex meter -x, vira, etc. - Bola (exploração) → girar; jogar para cima e bater para trás; equilíbrio; rolar; em duplas (lançar do um p/ o outro, um lança o outro bola, etc) - Transições: vários movimentos (suspensões, etc) e profusão diversamente de profusão - rolar: rotacionar e rolar de várias formas e posições e rotacionar de frente - Bola: exploração; diversamente p/te preferir movimento rolar movimento de frente p/te paralisar e em deslizarmente, movimentos movimento para atividades etc.	* Nessa aula foi feita com música e, eles aprenderam * aprender a p/te de atividades (e 1 p/te) sem trabalhar fundo!
23/03	4ª		

20/10/20

10 and 16
16 and 10

É notável a similitude com
que atingiu atividades que surgiram
a SOCIALIZAÇÃO, o COLETIVO. Consi-
dero este tipo de atividade essencial
e necessário para que as crianças
incorporem ^{em seu pensamento} as
(grupos), de SOCIAL em oposição ao
individualismo possível, visto no re-
gido da criança, mas em todas as con-
dições. Sabendo disso, a organização influ-
ência do sistema socioeconômico sobre as
crianças é o fato que estas atividades
não são apenas contínuas e ~~estendem~~ estendem das
crianças muito ~~afastadas~~ afastadas para as atividades
ocorrem
Enquanto isso, há que começar a pensar
na educação das crianças, a educação e a educação muito
importante é que a educação e a educação educação
A cada de volta, há bastante dinâmica
e criativa. Além do planejamento da
aula, há que ser relacionado com
materiais no nível da aula.
Um exemplo de alguns alunos matu-
ram - há um interesse bastante gran-
de na aula, no projeto. Há conta-
mas com a participação da Fabiano!

ANEXO B - Exemplos de Avaliação feita pelos responsáveis dos alunos do projeto
“Crescendo com a Ginástica em relação aos monitores, à estrutura do projeto e ao
desenvolvimento de seus filhos.

PROJETO "CRESCENDO COM A GINÁSTICA"

Chegando ao final de mais um ano do projeto "Crescendo com a Ginástica", gostaríamos que os pais e alunos fizessem uma avaliação do nosso trabalho. Para tanto, solicitamos que relatem abaixo aspectos positivos e negativos do desenvolvimento do projeto quanto às questões: organização, espaço físico, material didático, monitores, além de possíveis sugestões.

A nossa intenção é que vocês perguntem aos seus filhos sobre o que acharam das aulas, relatando e coloquem também o próprio comentário deles quanto às suas participações.

Queiram, por favor, entregar essa avaliação até o final de novembro diretamente no Departamento de Educação Motora, aos cuidados da secretária Mazé, para que possamos analisar as questões antes de reestruturarmos o próximo semestre. Agradecemos desde já a sua colaboração.

AVALIAÇÃO:

Na avaliação de meu filho (em idade pre-escolar) a ginástica faz bem para as crianças. Ele gosta das aulas e dos exercícios. A professora tem paciência e as crianças insistem para que os exercícios sejam bem feitos.

O espaço físico é ótimo (e aqui minha opinião pessoal: deve oferecer sempre o máximo de segurança para as crianças com todos os equipamentos).

Sugestão: os pais devem receber informações sobre o aproveitamento pessoal de seus filhos.

Mãe de Benjamin

PROJETO “CRESCENDO COM A GINÁSTICA”

Chegando ao final de mais um ano do projeto “Crescendo com a Ginástica”, gostaríamos que os pais e alunos fizessem uma avaliação do nosso trabalho. Para tanto, solicitamos que relatem abaixo aspectos positivos e negativos do desenvolvimento do projeto quanto às questões: **organização, espaço físico, material didático, monitores, além de possíveis sugestões.**

A nossa intenção é que vocês perguntem aos seus filhos sobre o que acharam das aulas, relatando e coloquem também o próprio comentário deles quanto às suas participações.

Queiram, por favor, entregar essa avaliação até o final de novembro diretamente no Departamento de Educação Motora, aos cuidados da secretária Mazé, para que possamos analisar as questões antes de reestruturarmos o próximo semestre. Agradecemos desde já a sua colaboração.

AVALIAÇÃO:

Conversando com meu filho sobre o projeto crescendo com a ginástica. O que ele achou: e as palavras dele são essas: que gostou muito, das brincadeiras que foi dada. dos aparelhos, bola. cama elástica fitas e outros, como também gostou muito da professora Agnes. ensina direitinho e está sempre perto para orientar.

Que também, eu pai posso dizer que se ele gostou de tudo isso. muito mais eu por saber que está dando certo.

Parabéns a todos do projeto, crescendo com a ginástica. sem mais obrigado.

Guilherme D. Porto.

PROJETO "CRESCENDO COM A GINÁSTICA"

Chegando ao final de mais um ano do projeto "Crescendo com a Ginástica", gostaríamos que os pais e alunos fizessem uma avaliação do nosso trabalho. Para tanto, solicitamos que relatem abaixo aspectos positivos e negativos do desenvolvimento do projeto quanto às questões: organização, espaço físico, material didático, monitores, além de possíveis sugestões.

A nossa intenção é que vocês perguntem aos seus filhos sobre o que acharam das aulas, relatando e coloquem também o próprio comentário deles quanto às suas participações.

Queiram, por favor, entregar essa avaliação até o final de novembro diretamente no Departamento de Educação Motora, aos cuidados da secretária Mazé, para que possamos analisar as questões antes de reestruturarmos o próximo semestre. Agradecemos desde já a sua colaboração.

AVALIAÇÃO:

Eu achei os professores muito legal.

O espaço da onde a gente tem aula é muito grande.

Eu gostei mais de ir na como elástica.

Eu acho a ~~atleta~~ aula legal.

Gostei de tudo.

Flávia maciel quem não

Pode acompanhar as aulas apenas pelos comentários da Flávia, mas posso dizer que é um trabalho muito interessante, dando às crianças a oportunidade de conhecer e experimentar um ~~outro~~ esporte, sem contar o trabalho de equilíbrio, coordenação motora.

Só anotei pontos positivos neste projeto. Espero continuar a vê-lo no próximo semestre. Das finais

ANEXO C - Exemplos de Avaliação feita pelos monitores que ministravam as aulas do projeto “Crescendo com a Ginástica” em relação à estrutura e orientação do mesmo e à relevância para a formação deles.



Campinas, 28 de outubro de 1993

PROJETO CRESCENDO COM A GINÁSTICA
COMUNICADO

Comunicamos aos alunos monitores do Projeto Crescendo com a Ginástica que, face a necessidade de elaboração deste projeto para 1994, necessitamos de um encontro para avaliarmos questões relevantes ao desenvolvimento deste. Portanto é imprescindível sua presença nesta data. Dia ²⁴ 4/11/93, 4ª feira as 15:30h em nossa sala de estudos. Os itens relacionados abaixo deverão ser respondidos e entregue até 5/11/93

I. Questões referentes a sua atuação como professor:

Aspectos positivos:

Aspectos negativos:

II. Questões referentes ao desenvolvimento das propostas:

Aspectos positivos:

Aspectos negativos:



UNICAMP

III. Questões referentes as condições físicas para o desenvolvimento do projeto:

Aspectos positivos:

Aspectos negativos:

IV. Questões referentes à coordenação do projeto:

Aspectos positivos:

Aspectos negativos:

V. Outras questões não contempladas acima:

OBSERVAÇÃO: GOSTARIAMOS QUE FOSSE FEITA UMA REFLEXÃO PROFUNDA SOBRE TODO O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PARA QUE NENHUMA QUESTÃO - FICASSE SEM SER AVALIADA:

PROFA. ELIZABETH P.M. DE SOUZA PROFA. DRA. VILMA L.N. PICCOLO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAIXA POSTAL 1170
13081- CAMPINAS - SP BRASIL

TELEFONE PABX (0192) 39-7766
TELEX (019) 1150

Resumo do Semestre - Avaliação

Olivia de Toledo - Turma básico 5a-7anos.

Com relação ao cumprimento do programa, este foi de 80%, não foi possível cumpri-lo todo devido aos feriados e paralisações.

Todos os conteúdos propostos nesses dias de aula, foram atendidos, ao meu ver, podendo talvez ter mais propostas de como transmiti-los. (diferentes formas numa mesma aula).

De uma forma geral percebi um avanço na execução dos movimentos, na atenção para as explicações, no interesse em aprender e na criatividade.

Entre eles ainda tive que falar muito sobre respeito, educação e contatos (empurrões, tapinhas, puxões de camiseta, etc).

Numa auto-avaliação, assumo que poderia ter atendido a proposta de criar diferentes formas de transmitir o mesmo conteúdo.

Senti dificuldade de trabalhar na quadra as extas - feiras, porque devido ao número de alunos e o suas idades, gastava-se muito tempo para montar os materiais. Tentei nesses dias a montar esquemas mais simples.

Adriano de Souza

/ Avaliação do Projeto de Extensão:

Crescendo com a Ginástica "Vilma e Beth"

Quanto ao projeto → este ao meu entender tem sido altamente relevante para os professores e monitores pois oportuniza a estes colocarem em prática seus conhecimentos recém adquiridos ou pertencentes a eles por longo tempo, fazendo com que a prática de ministrar aulas traga ~~exce~~ maior experiência e segurança. Para as crianças este projeto traz um benefício indiscutível pois é possível notar depois de cada semestre a diferença positiva em relação as habilidades e ao comportamento das crianças. Talvez uma criança que tenha passado só um semestre no projeto terá desenvolvido habilidades motoras e processos cognitivos e afetivos que a proporcionarão opções futuras que uma outra criança que não tenha passado nem um semestre não terá.

Quanto ao nº de aulas dadas → o nº de aulas está próximo ao ideal, o nº de 30 aulas é muito bom, mais aulas talvez ultrapassaria a ideia de 1 semestre (4 meses no município) de duração de cada módulo do projeto.

Quanto ao planejamento das aulas →

① O planejamento deve realmente ser feito antes do início das aulas mas de uma forma diferente daquela que foi feita.

Primeiro deveríamos fazer um macro planejamento, levando em conta primeiramente as habilidades motoras que podem ser desenvolvidas com formas de movimento básicos de ginástica e depois as outras habilidades ou formas de movimentos como correr, pular, saltar e etc que podem ser trabalhadas em conjunto com os movimentos de ginástica (GA) ou (G).

Em segundo lugar deveríamos fazer (planejar) o microplanejamento de forma que planejássemos as aulas semanalmente, isto é, deveríamos 2 aulas e só então planejaríamos as próximas 2, assim poderíamos acompanhar o desenvolvimento das crianças de forma mais próxima e o planejamento se encaixaria talvez melhor.

Quanto as reuniões mensais e relatórios

Bem todas as reuniões mensais deveriam ter caráter pedagógico, objetivando um aprendizado e discussão sobre algum tópico relacionado com a aprendizagem, desenvolvimento motor, comportamento de professor e aluno. Os relatórios deveriam ser também mensais, isto é,

ANEXO D - Questionário respondido pelos professores no início do curso oferecido na pesquisa de campo à rede de ensino de Campinas e região.

CADASTRO DO CURSO “CRESCENDO COM A GINÁSTICA”

Nome: _____

Endereço: _____ Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Telefones: _____

E-mail: _____ Data de nasc.: _____

Escola (s) que leciona: _____

End.: _____

Há quanto tempo é professor da rede de ensino? _____

Já trabalhou Ginástica em seu conteúdo escolar? _____

Tem alguma experiência em Ginástica anterior a este curso? _____

Tem interesse em estar aplicando este conteúdo na escola que leciona?

Qual a sua expectativa em relação ao curso “Crescendo com a Ginástica”?

Existem alguns materiais de Ginástica Rítmica ou Artística (Olímpica) em sua escola? Quais? _____

Qual a disponibilidade de espaço na escola? _____

ANEXO E – Avaliação respondida pelos professores sobre o curso oferecido na pesquisa de campo após o término do mesmo.

AVALIAÇÃO DO CURSO “CRESCENDO COM A GINÁSTICA”

Em relação aos professores do curso: _____

Em relação ao conteúdo: _____

Em relação à estrutura do curso: _____

O curso alcançou sua expectativa? _____

Críticas e/ou sugestões: _____

ANEXO F – Planos de aula de professores da Imagynação baseados no PCG

PLANO DE AULA

Escola: Sítia

Professor(a): Ana Paula

Turma: 5^a F.

Tema: Abertura e fechamento Objetivo:

Data: 20/03

Parte inicial:

Aquecimento do círculo ...
 Vamos cuidar e manter as amarras
 do geológico

1º. momento: Explorar



Observações

2º. momento:

1. círculo
2. fôrca
3. sapo
4. macaco

* houve uma troca nas
 pedras ...

1. sapo
2. círculo
3. macaco
4. círculo preguiceira

Estagiário(a)

3º. momento:

↑↑↑ → sustentou 1 bido na perna ↑
 ↓ → alto na longitudinal

Retomar na próxima aula

Retomada de consciência da aula (roda)

PLANO DE AULA

Escola: Renovatus

Professor (a): Andrea

Turma: 4ª e 6ª (7a10a07)

Tema: Rodas

Objetivo: Grupado, Cargado e. Afastado (cachorrinho)

Data: 26/03

Retomada de consciência da aula (roda)

Parte inicial:

apresentação

- * Morte e vida : grupado; cargado; roda
- * Regra: pega o maluco fica ao lado e faz uma roda

Os grupos relembrem o nome de cada exercício
Ginastas

1º. momento: EXPLORAR

1.  2.  3.  4.  5.  6.  7.  8.  9.  10.  11.  12.  13.  14.  15.  16.  17.  18.  19.  20.  21.  22.  23.  24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151.

PLANO DE AULA

Escola: *Democratus*Professor(a): *Anaísa*Turma: *Fundamental*Tema: *GR*Objetivo: *Exploração de Corda (Saltos) (7a 10a 11a)*Data: *02 | Abril*

Parte inicial:

Aquecimento:

- Pega - mollo (e deixa no chão)
- Salada - saltadilha (corda grande)

Retomada de consciência da aula (roda)

1º. momento:

- * *Quilómetros 1 volta*
- *belê* no ar
- *saúdo* do ar
- *passando pelo novo corpo*
- *arrimando a manta por (junto da volta)*
- *fezer formas com a corda*

Observações

- * *O planejamento foi adaptado pois não havia material (cordas) suficiente para todos os alunos*

2º. momento:

*Como podemos saltar em trio*Estagiário(a) *Carle*

3º. momento:

Retomar na próxima aula

PLANO DE AULA

Escola: Remoratus

Professor(a): Andreia

Turma: 4^ª e 6^ª (1^ª série)

Tema: Equilíbrios

Objetivo: Equilibrar-se / Arisar

Data: 04 de abril

Retomada de consciência da aula (roda)

Parte inicial:

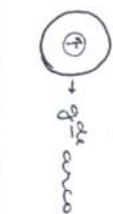
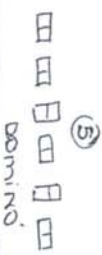
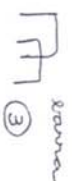
Monte/início = sair (arisco) + terra (pedra)

+ ginástica

Rapa: pega com 4 apoios

Adeguamento em duplas




1^º. momento: transição livre pelo circuito2^º. momento: como pedras...

1- equilibrar, apresentar e manter?

2- deslocar lateral e costas?

3- equilibrar no apoio? e na suspensão?

4- equilibrar dentro do arco em movimento

5- fazer equilíbrios estático e com tempo

3^º. momento:

1- Equilibrar no solo e manter

2- deslocar de costas + giro

3- equilibrar apoio (arisco)

" suspensão (livre) (pedra)

Observações

* Não deu muito certo o pega-pega

Estagiário(a) Carol

Retomar na próxima aula

Adeguamento em duplas

PLANO DE AULA

Escola: de Sítis

Professor(a): Andressa

Turma: 3ª feira (12^{as}),

Tema: Saltos e aterrisagens

Objetivo: Saltar p/ mulin na trave; saltos gr. 1 a 4 p. est. Aterrisagens #3 (c/1 pé, c/2, 3 ou 4 pés).

Data: (18 / FEV) # 25/02

Retomada de consciência da aula (roda)

Parte inicial: aquecimento c/ as estrelas do torneio.

1 - corações; 2 - saltar c/ 1 pé; 3 - des. pés p/ mãos

Aquecimento: inflar nas pernas *

* Pintar as mãos no joelho e tornozelo

1º. momento: Passar pelas estações: 1: trave (mulin saltar de); 2: pinto (mulin e descer c/ diferentes); 3: corda grande (múltiplas malucas); 4: corda no chão com contos.

Observações

Clarear durante a tarde; O que fez com que muitas crianças fossem imbuídas na mais cedo, por isso passamos um vídeo (quadra molhada) e deixamos esta aula p/ a dia 25/02

Estagiário(a) Vitorina / Ana Paula

2º. momento: Aterrisagem: com mãos TRAVE: Preciso subir na trave e eu fosse um cavalo; ou como se eu fosse montar em um cavalo; em des. alongamentos.

PINTO: houve uma mudança na regra do salto em distância via do atletismo e agora pode colocar o pé e em grupo/parado no pinto.

3º. momento:

TRAVE: estrada guapura c/ 1/2 metros (siga mulin)

PINTO: mulin em guapura; afastado (sem trave)

Retomar na próxima aula

PLANO DE AULA

Escola: Sítio

Professor(a): Anderson

Turma: 3ª f.

Tema: Equilíbrio e Rotar Objetivo: Explanar aqui equilíbrio + rotar / a fazer

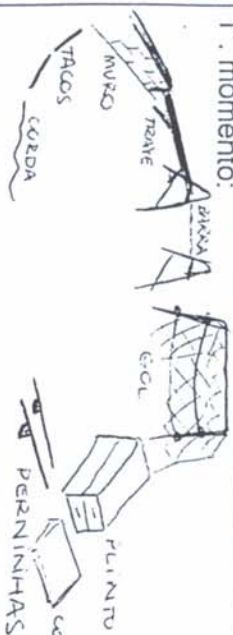
Data: 08/04

Retomada de consciência da aula (roda)

Parte inicial: com músicas, qdo parar: aqui equilíbrio

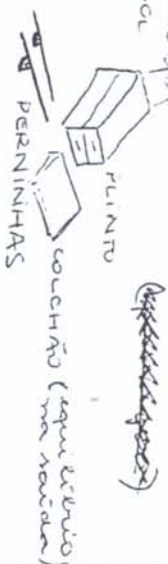
- 1 pé; • equilíbrio; • 1 pé + 1 mão; • parte de cima das costas; • 1 pé do pé; dupla: 1 pé id;
- 1 pé e 2 mãos; 1 equilíbrio + 1 pé.

1º. momento:



2 parágrafos. Livro

Observações



2º. momento:

1 parágrafos com pé
1 " cl 4 apoios
1 " de costas

3º. momento:

Rotamentos
• afastado
• corpoado
• guizado sem as mãos

Estagiário(a) Verônica e Anna Paula

Retomar na próxima aula
Rotamentos e direcionamento de equilíbrio